CAMILO CASTELO BRANCO

Romance de Um Homem Rico

Ms. Original, publicado em 1862

Oferta feita pelo Eng. Salema Garção
por intermédio da Direcção Geral do
Ensino Superior e das Belas Artes.

O romance d'um homem rico,
Pertence ao Illmo Sr. Antonio Joaquim
Xavier Pacheco a propriedade deste volume
sem reserva alguma.
Porto 11 de 8bro de 1861
Camillo Castello Branco.

Camillo Castello Branco

Pertence ou mesma forma ao Illmo Sr.
José Carlos Lopes. Porto 11 de outubro de 1861

A. P. Xavier Pacheco

... Connaître la valeur
de l'argent et le sacrifier
toujours, soit au devoir, soit
même à la délicatesse, c'est
une vertu [illegible]

Senancourt (Rêveries)

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

137 — [illegible]

OFERTA
200425
FG
10900

Ao Illm.o Ex.mo Snr

José Julio de Oliveira Pinto.

Do conselho de S. M. Fidelissima,

Offerece.

Meu prezado amigo

Sei que V. Ex.ca furtará alguns instantes ás suas muitas e utilissimas occupaçoens para com elles me pagar liberalmente a dedicatoria, dando-os á leitura deste romance.

Se V. Ex.ca se arrepender de mal-baratar duas horas n'isto, seja esse sacrificio de tempo e de cuidados mais um testemunho de amisade que V. Ex.ca dá ao author.

Na cadêa, em 15 de Agosto de 1861.

Camillo Castello Branco

Primeira parte.

I

As tribulações dos santos são ≠ enigma: uma cousa parecem, e outra são, e significam: parecem miserias da fortuna, e são conselhos da Providencia divina, e signaes da felicidade eterna.

P. M. Bernardes. (Silva de varios dictames espirituaes)

Na primavera de 1859, comprei, na estação de Sancta Apolonia, um bilhete da via-ferrea, para a ponte da Assêca. Saudades do campo, ancias de sorver do seio da natureza um hausto de ar puro; e, assima d'isto, o meu dorido amor aquantos sitios guardavam para a minha memoria do coração vestigios da infancia, que tão depressa passára com as flores d'outra mais formosa primavera .... A que vem isto?!.. E' a saudade, leitor! Se a sente, se a ja sentiu, recorde-se, e perdoe-me.

Intrei n'uma das mais flacidas carruagens do comboy.

Vejam a egoista e brutal naturera do homem-corpo! Nem quando a alma padecia tanto, se dispensou a ignobil materia dos regalos das almofadas! A angustia lamentosa de Lamartine era sincera; creio; mas em que re-camaras de asiatica opulencia se lamentava elle! Que requintes de luxo para o corpo, e anhellos de gloria para a felicid.e do espirito lhe não inflo-ravam ao poeta de Elvira a dupla existencia, quando elle escrevia:

Héritiers des douleurs, victimes de la vie,
Non, non, n'espérez pas que sa rage assouvie
Endorme le Malheur,
Jusqu'à ce que la Mort, ouvrant son aile immense,
Engloutisse à jamais dans l'eternel silence
L'eternelle douleur!

Petrarcha, tanto anno a chorar sonetos, apposentado no palacio + d'um doge, cortado de servos, e d'amigos, e de admiradores, aquella feiticeira Veneza, tudo á expensas da Republica!

E todos os outros mestres de poetas melancolicos?

Muito enganados andamos nós com os poetas lagrimantes!

Eu ia a scismar n'isto, quando dei fé n'um homem, meu companheiro de carruagem, o qual estava pendurando o chapeo no arame, e vestia a sua veneranda calva do seu barrete de troçal preto.

Cortegei-o, na hypothese de que elle me tivesse já cortejado, e eu não correspondesse, de abstraido que ia a pensar no corpo e na alma, x coisas disparatadas, que o leitor pode ver mirificamente descriptas em S. Agostinho, e melhor ainda, em Xavier de Maistre, no primeiro, quando se confessa; no segundo, quando viaja á roda do seu quarto. O sancto bispo chama ao corpo "bruto" e o conde francez chama-lhe "besta" — ao corpo intendia-se, e não ao bispo. Para mim tenho que o corpo é ambas as coisas, em tempos outras.

Se entro a desvariar, o leitor passa ao capitulo segundo, e isso é que eu não queria, por que os meus romances começam todos pelo principio, e este primeiro capitulo deve ter-se

Cortegei o padre. Parece-me que ainda não disse que era padre o meu companheiro. Dava-se logo a conhecer por tal n'aquelle apostolico semblante, se o não denunciasse a volta e a sotaina, e o sapato de fivela de aço reluzente.

Correspondeu ao meu gesto com muta affabilid^e, tirou-me da mão o chapeo para pendural-o, e offereceu-me rapé, depois de bater quatro vezes com os nós dos dedos na tampa da sonora caixa de tartaruga, marchetada de madre-perola.

— Pode fumar á sua vontade, se fuma — disse-me elle.

Agradeci o agradavel consentimento, e offereci-lhe a minha charuteira, que elle não acceitou.

Recahi no meu lethargo. Agora era outra a these: meditava n'esta palavra moral, e nesta outra virtude, e lembrou-me Bruto, todos sabem que Bruto, no ultimo instante de vida, dissera que a virtude era apenas uma palavra. Por isso é que eu ia conversando com o sanguento phantasma do heroico inimigo dos despotas.

— A moral! dizia eu commigo, depois que a imagem de Bruto se vaporou, a moral é que não é realmente uma palavra. Aqui vai 8^m + lucido e poderia dizer-me o que é a moral. Este homem tem um rosto intelligente: com que isto vendo por elle uma boa alma.

fitei os olhos suaves do sacerdote. Estava elle com os dedos
inclavinhados as mãos postas sobre o peito. Dava-lhes de
profundo recolhimento, senão tristeza. Fortei de o ver assim n'a-
quella postura, a mais artistica e significativa da paz, da
conformidade vencedora dos ~~males~~ máos e dos males da vida
Comparei-me com elle. As minhas dores surdas, disfarçadas n'um
sorriso convencional, e timorato do escarneo dos ~~outros~~ insultadores!
O contentamento interior d'aquelle homem, revendo-lhe ao rosto, em suave tristeza, con-
trasenso se quizerem, mas expressão leal d'alma pura e sem temor!
Aos olhos de um observador inexperiente, qual de nós dois se-
ria o feliz?
Sahimos padre do seu absorvimento, e disse-me:
– Serei indiscreto, perguntando-lhe onde tenciona ir?
– A Santarem.
– E' um passeio aprazivel! O "valle" é um paraiso, povoado
de saudades, que chamam sempre o espirito de quem lá
teve uma hora de felicidade. Uma hora, digo, por que a fe-
licidade deste mundo, e só deste mundo, não dura mais que uma hora

Ha quantos annos eu lá não fui!... — continuou o padre em no tom magoado da intranhada saudade ... — E já agora é tarde... é o anoitecer da vida...

— Parece-me tão facil de satisfazer esse desejo! — interrompi eu.

— É facil, diz bem; mas é que ha saudades, q̃ desabafam nas lagrimas; e outras, que se imbebem d'ellas. A saud. do objecto, existente a distancia, converte-a em delicias a aproximação; porém, quando a saudade de um sitio é a dor repercutida de vidas que lá viveram, e não podem reviver com a nossa, essa não tem alivio.

— Creio que tem, disse eu: é ver e amar essas vidas em Deus, chamal-as em espirito ao logar onde as amamos, e conversal-as na linguagem das lagrimas...

— E da oração... — disse o padre, e prosseguiu, depois de breve silencio: Promvera a Deus que todos os q̃ soffrem de affecções perdidas tivessem o desafogo de buscal-as no ceu...

E callou-se de subito, cerrando as palpebras, e encruzando as mãos longas ossudas sobre o peito

Estavamos no "Poço do Bispo". Veiu-me a idéa da reparação, cuidando que o padre sairia alli. E' que já o estimava, captivo de sua lingua gem, e semblante. Eu sou assim com todos os homens, que me elles parecem intelligentes e desgraçados.

— Fica no "Poço do Bispo"? — perguntei.

— Não, snr: vou para os "Olivaes"

— A passeio, ou é de lá?

— Vivo lá: tenho ali arrendada uma vivenda, umas ruinas pittorescas, em que me sinto bem. Estou ali como incarada n'aquellas paredes abaladas que parecem estar-me dizendo, todos os dias: quando cairemos nós comtigo?»

Abriu um sorriso de extrema tristeza, e ajuntou:

— Se o snr vier aos "Olivaes" alguma vez, e quizer honrar-me na humilde casa, q lhe offereço, e sentar-se á mesa em que ha sempre o riso e vaca de frei Bartholomeu dos Martyres, pergunte pela quinta do Canavial, e procure o padre Alvaro Teixeira. Raras vezes no anno estou fora do meu quarto, ou dos arre-

res da casa. Encontra-me sempre, salvo se algum visinho
he dizer que o pobre presbytero passou a morar n'outra resi-
dencia, onde as pessoas, q̃ me visitarem, terão a caridᵉ de pedir a
s o descanso da mᵃ alma.

se isto o padre sem o menor tregeito beatifico. N'aquellas palavras
idas via a consolação da esperança, e a jovialidᵉ do justo que se não
e das contas finaes de sua alma com Deus, e da memoria, que de-
deixou, com a justiça humana.

pero ir encontral-o com minha vida, sur padre Alvaro Teixeira,
ò será mto tarde. A sua povoação está ás portas de Lisboa,
ainda que mto longe fosse, eu iria passar uma hora com o
em communicativo e estimavel, pᵃ qᵐ o coração me está fu-
do com a palavra „amigo"

graduço-lh'a, e affago-a; respondem, estendendo-me a sua mão — Esse sentimᵗᵒ
roso sai espontaneo do coração, sem consultar o raciocinio; ao passo q̃
sentemᵗᵉ as melhores qualidᵉˢ do homem, q̃ tractamos longo tempo,
vencem a descaridosa antypathia de um primeiro encontro.

BNP

Como se chama?

Disse-lhe o meu nome. O padre repetiu-o trez vezes pausadamente, syllaba por syllaba, e depois exclamou de repente:

— Não me engano. E' o mesmo. Eu conheço o seu nome ha onze annos. Entre os meus livros estão vinte paginas da sua infancia litteraria. Nem, talvez, ja se lembre d'ellas! Pois não deve esquecê-las... Eu lhe cito o titulo: O Clero e o seu A. Herculano.

— E' verdade; são minhas. Classificou magistralmente a coisa: vinte paginas da minha infancia litteraria, felizm^te esquecidas...

— Mas não as esqueça em si o homem de coração, que deve ~~sobre~~ prevalecer ao homem de estudo. Foi temeridade assentar-se á beira do caminho, por onde passava triumphalmente o primeiro salão de Portugal; mas, felix culpa, ditoso atrevim^to o do rapaz, que não tinha exhauridas ainda todas as lagrimas da compunção. Atrevimento reprehensivel fôra o da porção do Clero, que desenrolara do pulpito abaixo o sudario da sua ignorancia, disputando á sciencia o que era da sciencia, e arriscando a causa da verdade ás vaias

de ingenerosos adversarios, os quaes, não podendo hombrear com o historiador doutissimo no solio da sciencia, e castigar de lá os ignorantes, intenderam q̃ bem-mereciam do mestre apanhando-lhe a lama do chão das suas botas, e atirando-a á cara dos ~~clero~~ padres. ~~Não~~ No ~~um~~ folheto, do meu amigo não havia polemica nem sciencia; mas sobejavam conselhos aos ~~que~~ parciaes do clero, q̃ porfiavam em levar vantagem de injuria aos inimigos. Não se côrra de ter, um dia, escripto que o padre é ignorante pr q̃ o não ensinam, e que as verdes sanctissimas de Jesus não podem ser menosprezadas pelas arguicias da rasão philosophica, nem pela rude e escura hermeneutica dos mal-avisados defensores da exclusiva rasão do catholicismo....

Nesta esteira foi navegando o padre, a todo o pano da sua intª erystica e erudição. Pedem os leitores que os proupe ás conferencias do ~~lavoro~~ levita, e eu de melhor vontade os dispenso de ouvir-th'as, mesmo por que me era preciso saber tanto como elle, para o não desprimorar da eloquencia com que me aligeirou em instantes a hora decorrida até os "Olivaes"

Parou o Comboy, e o padre ~~[illegible]~~ suspendeu o discurso n'uma con-

BNP

junção.

– E por tanto ... – disse elle – adeus, meu amigo, não ha tempo para mais.

– E por tanto – disse eu – não o dispenso de concluir o seu discurso. Eu é que digo por hoje adeus ao valle de Santarem, e fico nas pittorescas ruinas dos "Olivaes".

– Fica! – exclamou elle com alegria – Pois, bem haja!

Sahi, dei a mão ao padre, e apresentei o meu bilhete ao conductor.

Merece chronica um episodio de instantes que se deu entre mim e o conductor nesta estação. O meu bilhete designava a "Ponte da Africa", e o conductor formalisado dizia-me que eu não podia deixar de ir á "Ponte da Africa". N'um breve discurso tentei de balde provar aos funccionarios que a Companhia não era prejudicada com receber mais oito centos e tantos reis acima da minha passagem para os "Olivaes". O homem, que era belga, não entendia o meu vasconço de Poitu. O padre, montado ao cunhal da estação, vigiava de riso; o belga

relanceava os olhos enviinagrados, avinhados é ~~mais~~ exacto, d'elle para mim e de mim p.ª elle, julgando-nos ambos cumplices na logração. A final sou, segunda vez, a ~~camp~~ caminha, e o habil empregado lá foi fazendo de mim um máu conceito. Isto prova que ~~foi~~ bem avisado andou o governo, collocando o "intelligente belga", no logar onde podia fazer tolices algum portuguez estupido. E, se não provasse isto; provaria a embriaguez dos homens, e ainda assim a bôa escolha.

— Ora vamos lá, disse o padre Alvaro Teixeira, encostando-se ao meu braço, Temos dez a doze minutos da caminho. Vamos fitando este chão que é como sagrado p.ª mim. Repare n'estas flores das ribas e valados, que eu vejo ha trinta annos, sempre com o mesmo viço e a mesma cor em cada primavera. Ha na natureza um aspecto de indifferença que exacerba a dor dos infelizes, se é que todas estas boninas não renascem para chorar comnigo. Um poeta dizia e pensava isto. Evocando alguns traços do passado se me obliteram na memoria do coração, e acerto de encontrar-me com a madresylva, com a margarita, com a flor do rosmaninho, reviveram as lembranças todas, umas pungentes, outras doces de

saudade; mas nenhuma de esperança... Esperança! Não se ri d'esta palavra na bocca de um velho, que cairia extenuado se apressasse á corrida apos de uma esperança, áquem da sepultura?..

— Por q̃ não? A esperança de encontrar mais um amigo, e depurar alguma alma impestada pelas más paixoens, não é tão digna de si, e dos seus annos!? E alem de que o Snr pe Alvaro não é velho.

— Veja se me lisongea, meu amigo. Olhe se faz com as suas palavras a ~~[illegible]~~ maravilha da fabula ~~[illegible]~~: rompa n'aquella pedra a fonte da juventude do corpo e a da alma. Remoce o achacoso velho q̃ ja conta... Diga la, qtos annos me faz?

— Cincoenta e seis, ou sessenta, qdo muito.

— Não, snr: tinho quarenta e seis.

Contemplei-o com assombro e pied. Quarenta e seis annos aquelle homem, que me ia pezando no braço, e se abordoava á grossa bengala que lhe oscillava na mão! A luz dos olhos serena, mas quasi a-

pagada. Os vincos da testa escalvada incruzados e fundos, travando-se em miuda rêde ao redor das orbitas. As faces arregoadas, lividas, e flacidas. As cordoveias do pescoço repuxadas pelos tendoens descarnados. O dorso recurvo, e as extremidades tremulas e morosas nas articulaçoens dos joelhos. Quarenta e seis annos! Que fogo voraz se retrahe no coração deste homem, quando o involucro assim se fende e estala febra a febra! Foi a mão de Deus, q̃ me guiou ati, filho da dor, para me humilhar deante da tua paciencia!? Falla, falla, ensina-me a compor dos meus gemidos o hossana da victoria, sobre as agonias, q̃ me vergam, quando eu mais me afadigo a despontar-lhes os espinhos com a rebellião insoffrida. Diz-me atravez de qual fibra ~~intacta~~ illesa e invulneravel te vem do espirito aos labios esse teu sorriso! ~~Conta-me~~ Dá que eu prove o fel de cada lagrima, q̃ enxugaste com o punho da ~~tua~~ batina nas tuas faces aradas! Não cáias, arvore bemdicta, sem que eu côlha fructos de benção dessas magestosas frondes, que se abaixam ate ao vazo da minha mizeria. Se adivinhaste um infeliz no

(a) → 19

pag. 18

(a) este nº 19 é de pagina de livro impresso

homem, q deixou em tua memoria as vinte paginas do
coração juvenil, deixa-o sentar-se á tua beira, a meio caminho
da vida, aponta-lhe d'aqui o trilho menos escarpado da
sepultura, ensina-o a converter cada espinho em flor, cinge-lhe
os reins com o cilicio que revigora a alma, dulcifica-lh'a com o
travor das lagrimas penitentes; da-lhe a força de homem,
e reserva para Deus a tua ephemera de anjo.

II

Este era o seu refugio, e o seu descanso.

Fr Luiz de Sousa (V. do Arc.)

A tristeza das ruinas é uma tristeza particular, da qual nem todas as almas se magoam. Ja observei vezes sem conto isto mesmo no semblante das pessoas que foram commigo a visitar um palacio derrocado, ou as ~~[illegible]~~ alpendradas d'um ~~[illegible]~~ convento, ou algum lanço empenado de muro de castello. No convento de franciscanos, cêrca de Vianna, reliquias sanctas em cujas abobedas vedes ouvir ainda o ciciar da oração dos frades contemplativos, estava eu, por

uma tarde de estio, com um amigo, que escrevêra muito sobre a poesia da cruz. Subimos a um têso d'onde se avistavam descampadas e fertilissimas varzeas. A fronte do meu amigo parecem-me aluminada do sacro lume do estro. Esperei, com reverente silencio, a strophe inspirada pela solidade, e esmaltada dos matizes do sitio, que eram poesias feitas para um genio que as bem soubesse ler. Entre-abriu o poeta os beiços, como flor matutina o calice ao primeiro beijo do sol, e disse:

"Se fosse meu tudo isto, que vejo d'aqui, ia viajar n'um vapor meu, comprava um palacio em Milão, outro em Paris, outro em Londres, e havia desbancar quantos luxos orientaes o Byron inventou para o seu Sardanapalo!"

Não respondi, de triste que fiquei, e de triste que já estava.

Outra vez, fui com outro amigo ao castello de Palmella. Desci ás masmorras em que Mouro seria custoso com uma enxada trazer á flor da terra as ossadas dos que ali morreram há cem

annos imparedados á ordem do conde de Oeiras. Refugi com o pensamento deste ~~[illegible]~~ laivo sangrento da historia, e fui em cata de glorias aos seculos primeiros d'aquelle baluarte da nossa independencia de Castella e da ~~[illegible]~~ Moirisma. ~~[illegible]~~ Inteavam-me estas meditações, quando o meu amigo, cabisbaixo n'um angulo d'um bastião, ~~[illegible]~~ resmuncou:

Fizemos uma ~~[illegible]~~ crassa tolice em não trazermos de Setubal um pedaço de carne assada e duas garrafas do Cartacho, que era ~~[illegible]~~ optimo vinho, e havia de sabernos aqui que nem o nectar dos deuses.

Ora, este poeta era amantissimo de ruinas, quando as poetava, no seu gabinete, em artigos, ~~[illegible]~~ a um tempo, de saud.e do que fomos, e fulminação contra os governos barbaros, que deixavam ao camartelo iconoclastas demolir os vetustos ~~[illegible]~~ moimentos da nossa extincta grandeza.

Outro caso:

Nos arrabaldes de Lisboa, ha um ~~[illegible]~~ espaçoso jardim abandonado, junto de uma caza ~~[illegible]~~ esburacada de ballas, e aberta em largas fendas, desde o cêrco de 1833. Por entre ervas e arbustos ~~[illegible]~~ silvestres rompem alguns pedunculos inferadinhos de rarissimas flores, que teimam

em reflorir na sua estação, como se a esperança lhes não morresse ainda de voltarem aos cuidados da mão delicada, que as semeara e animara ali, com o coração em flor também. Quem se lembra ainda da formosa jardineira que dezia com o sol a colher ao seu jardim os mais gentis infeites dos seus cabellos? A formosa passou, e a rosa de toucar floreja, ainda ao pé do mysitho, á sombra da anemola e da romanzeira, abafada pelas moitas das giestas, que são o ephemero adorno das sepulturas. Eu triste cismava n'isto, quando o meu amigo, author de idyllios que faziam amar a botanica e adorar as flores, rompeu n'esta canção:

– Este jardim, aqui ás portas de Lisboa, se o dono o prezasse a couve lombarda e feijão carrapato podia render vinte e tantas libras annuaes.

Disse, e perguntou-me si iriamos jantar ás Matta, ou á Taverna ingleza.

Por estas e outras, que eu que a tristeza das ruinas é uma particular tristeza, da qual nem todas as almas se magoam.

Eu de mim, liberalmente dotado de dores minhas e alheias, já

fujo de ir onde está a solidão lamentosa, por que nunca me ella deu o remedio que deu a muitos, mal-feridos do mundo. E de ruinas é que fujo mais, esporeado pela lembrança das más horas, e peçonha p.ª muitos dias que tenho trazido de la, em vez do balsamo, que, a meu ver, so é salutar nas almas golpeadas, se a consciencia não se dóe com ellas.

As unicas ruinas de que tenho saudosa memoria são as da vivenda do padre Alvaro Teixeira, nos "Olivaes".

A caza tinha claros vistigios de palacete. Os cunhaes estavam em pé, amparando alguns lanços de parede, recortados em escaleiras deseguaes. Atravez de nove janellas das quatorze da faxada coava-se o azul do ceo, apenas interceptado por algumas vigas e ripas empenadas e retorcidas pelo calor. Nas padieiras e cornijas amarelleciam fetos e outras hervagens ressequidas, que deixavam realçar o verde da hera. Esta marinhava do interior das paredes para os batentes e couçoeiras das janellas, sem portadas, e n'algumas inre-dava-se em urdidura tão agradavelmente tecida, que dissereis ser a natureza tanto mais de ver-se q.to mais desalinhada é da esquadria da arte.

Intramos n'um largo portal, que abria para um pateo espaçoso, alcatifado de relva, nos pontos de juncção entre as lageas. As paredes circumpostas eram ladrilhadas de tijolo azul a apainelado, figurando passagens mythologicas e campestres. No rebordo superior destes ladrilho, corriam em toda a roda argoloens feluginosos, que deviam ter sido os prizoens dos cavallos, nas tardes calmosas, quando os antigos senhores, refestelados nas suas cadeiras incoiradas, vinham, do patim eminente ao pateo, gosar-se do espectaculo dos murzelos e alasoens rinchando, escarvando, e folgando em airosas upas.

Subimos a escadaria do patim, e intramos n'uma sala pouco alumiada e mto extensa. De relance vi que o tecto era de castanho e profundo, com artezãos grosseiros, e um brasão de extraordinario tamanho e lavor no centro. Deste pendia uma corrente de arame e um grande lampadario, atravez de cujos vidros afumados, a custo, uma tocha lograria coar o seu clarão. Ornato nesta sala não vi algum, a não serem dois escanos de castanho, d'altissimo respaldo, com pintura duplicada a ocre armas do tecto.

Segui o padre ao longo d'um comprido corredor, la-
deado de quartos, á imitação de dormitorio claustral. A
maior parte destes quartos não tinham tecto, nem portas,
nem pavimento. N'a extrema do corredor estava uma
velha sentada, quando ~~descubrimos~~ apontamos á outra extrema. Le-
vantou-se então, e ~~tirou~~ forcejou p.ª tirar do cinto duas chaves arcambadas
n'um atilho, operação não facil, por que o ~~nagalho~~ atilho se lhe
inredara nas camandulas, e estas no furo, e este no fiado.

— Não se ~~atrapalhe~~ impaciente, sur.ª Eufemia, disse o padre. Ande la de
seu vagar, que nós não temos pressa.

— Valha-me Deus! — disse a velha afreimada — este berzabum do nagalho
parece q.ª tem coisa má! Não querem ver isto? Olhe onde o rozario
se foi imbelinhar!...

A sur.ª Eufemia ja suava, e cada vez ~~complicava~~ embrulhava mais ~~as coisas, a tempo~~ as coisas, a tempo
que o padre, tomando-lhe das mãos a ~~tarefa~~ tarefa, ~~desdobrando~~ ia desdobrando a miuda, sorrindo
e gracejando com a velha, ~~que não podia~~ que não podera saber-se d'aquellas difficuld.es,
por ter dois dedos da mão esquerda inutilisados n'uma grossa fitada de

simonte, que resfolegou, ~~[illegible]~~ em quando o padre ~~[illegible]~~ pacientemente desenredava a cambulhada.

D'ali passamos á porção mais reparada e habitavel do palacete, e residencia do locatario. Era uma sala, e dois quartos contiguos. N'um d'estes estava a cama e livraria do padre; o outro era devoluto para hospedes. A sala tinha mobilia, que fôra sumptuosa no começo do seculo passado: eram tremós dourados, cadeiras de estôfo estreitas com espaldar alto e douraduras floreadas, mêsas lezas orladas de imbrexados a oiro, com fechaduras de prata rendilhadas, jarroens indianos com veluentes matizes de escarlate e azul. Das paredes, cintadas de floroens a oleo, pendiam os retratos de D. João V, e o de D. Pedro III e D. Maria I n'um so retabulo. Outros retractos inominados, afora o do ministro da justiça, no reinado de D. Miguel, João de Mattos Vasconcellos Barboza de Mag.es, oriundo de Barcellos, e morto no desterro, adornavam, a grandes intervalos, as quatro paredes da sala, cuja limpeza abonava o cuidado da sur.a Eufemia.

BNP

Abriu o padre Alvaro a vidraça do seu quarto, e eu fui á janella examinar os contornos da caza. Vi em baixo uma pequena parte d'um grande jardim cultivada e retalhada por meandros de murtha e alecrim. O restante estava abandonado. Feixes de erva myrrhed afogavam um cysne de pórfido, o qual se levantava x pentágono de granito, no centro de uma bacia de marmore de todo úcca, e esborcinada. Arvores de densa copa e mta grossura de troncos formavam, immaranhando-se, a enorme sebe do antigo jardim. Atravez das clareiras interpostas aos troncos entrevi um paul, reliquias do que devêra ter sido um vistoso lago. Rebalçavam-se no charco alguns patos, e x saltitavam e ralavam as rans como á competencia com as cigarras.

De fronte, a dozentos passos, vi uma caza nobre, toda ladrilhada de amarello, com as suas trez chamines pintadas de azul, e brazão de armas, retocadas de novo, no triangulo em q̃ remata frontal do edificio.

— Quem vive n'aquella bonita caza? perguntei eu.

— Aquella caza é d'um commerciante de Lisboa, respondeu o padre

Foi dos que foram donos desta em que vivo....

Observei no semblante do padre mudança de cor, e mta tristeza no olhar para uma das janellas do palacete. Dava a cuidar, pela insistencia com q̃ fitava a janella, que devia alguem apparecer ali; mas tanto essa, como todas as mais, estavam fechadas, e nenhum signal de vida, senão o chilrear das andorinhas ao longo das cornijas da caza, podia responder á attentiva observação do meu amigo. Não era observação, era absorvimento, por motivo que o leitor saberá opportunamte.

Como de impeto, sahiu o padre do seu transporte, e, voltando-se risonho para mim, disse:

– Vamos ver se o meu amigo se conforma com a mesquinha hospedagem que lhe dou. Venha d'ahi.

Segui-o ao quarto visinho, onde estava a snra Eufemia toda azafamada a desdobrar lençoes para a cama. Era esta um grande leito, lizo de páo preto com as quatro hastes do pavilhão. Completavamo adorno da camera duas cadeiras

e uma banquinha, e lavatorio de ferro, onde já se via a fina e alvissima toalha. Na parede estavam doze estampas inquadradas em ébano, as quaes representavam a vida de Barnabé Chiaramonti, com referencia a Napoleão, segundo a conta Beauchamp na „Historia dos infortunios e captiveiro de Pio VII„ A alfaia mais rica do meu quarto era um festão de trepadeiras, com flor escarlate, que insombrava a metade superior da vidraça. A limpeza, a frescura, o perfume, e a doce melancolia d'aquelle recinto não podiam invejar pompas, se as ha, que mereçam comparação com as do meu saudoso e lindo quarto das ruinas dos „Olivaes„.

— Ja sabe, disse o padre, que tem de fazer aqui penitencia da irreflexão com que se fiou da minha hospitalidade.

— Como isto é gracioso, sur p.e Alvaro! disse eu sem simular o enthusiasmo. A poesia está aqui!

— A poesia dos prophetas de Jerusalem; — atalhou o levita — a poesia das lagrimas...

BNP

– É a da esperança, que é tão formosa. tão do ceu, e dos desventurados neste mundo – accrescentei eu, intervado no meu repto de cinco minutos – Aqui, devem vir os luctadores invencidos da má fortuna ungir os braços para sahirem de novo á arena. Aqui, restauram-se os alentos do espirito, extenuado por pêrdas do seu sangue, que é a fé., a fé perdida dos pusillanimes, que apoucam a obra de Deus a uma guerra brutal entre o forte e o fraco, entre a creatura maneatada, desvalida, e vil e a besta-fera em toda a pujança dos seus musculos d'oiro, da sua impavidez, e soberba. Mal d'aquelle, que foge o mundo, e se refugia em si: é um engano; é render-se o homem ás garras do dragão que encerra em si, e unire com a peçonha que a desgraça lhe vara no seio. O homem, desfavorecido dos acasos de que depende a felicidade, o bem, e a fortuna, não pode nada comsigo, nem deve estar lacerando-se com as suas proprias unhas para extirpar com o sangue a raiz do mal. Fora de si é que está a salvação. Em Deus é que ....

BNP

Em Deus — interrompeu o padre. E' essa a palavra, onde eu o estava esperando, meu amigo. Não se contradiga. Diz ahi que "a felicidade, o bem, e a fortuna são dependencias do accaso." Quem isto sente, não acha absolutamte necessaria a intervenção da vontade divina nas contingencias, meramte casuaes, desta vida. Offerece-se-me cuidar que o meu amigo não meditou no desconcerto dos seus principios com as consequencias. Se a felicidade — a da consciencia, entendo — é obra do accaso, o accaso é a lei de Deus na ordem do mundo. O paradoxo salta! Não serei eu q^m peça a Deus o milagre de fazer-se absurdo, p^r meu respeito, ate ao ponto de pôr á m^a disposição uma cadeia de accasos felizes. O bem viver, meu amigo, é tão rigorosa consequencia do bem-fazer, como a luz o é d'aquelle astro, que ali está no ceo, protestando contra a sua theoria dos accasos. O homem não acha em si os alivios da rasão, quando os vicios lh'a degeneraram. A rasão, depurada dos sedimentos da antiga culpa, no crizol do Evangelho, é Deus. Deus não é sem^te puro amor, é pura rasão tambem.

BNF

E, senão, veja que os bem-aventurados neste + naufragio da vida ~~vida~~ são aquelles que, rebatidos d'uma vaga contra a outra, emergem á flor de cada escarceo, ~~com~~ abraçados á rasão, taboa de infallivel salvamento. O embriagado da sua falsa fortuna, cuidando-se, um momento, domador das tormentas, pode sorrir de desprezo ou mofa, vendo quão ~~attribulados~~ dissaboridos e minguados passam os dias do justo. ~~Em~~ Aquelle dirá que o accaso prospero lhe bafeja a si, e o funesto ao outro? Dirá; ~~porem~~ no entanto, meu amigo, será tudo escuridade á volta este fatuo dos + seus bens ~~[illegible]~~ exteriores, ~~[illegible]~~ quando a roda do accaso desandar. O ~~[illegible]~~ eu interior, a q^m ~~[illegible]~~ me soccorro desconfortado, é ~~será escuridade tudo á volta d'elle~~, ~~nem faisca de~~ a minha rasão. Se as paixões ~~[illegible]~~ me apagaram esta luz bemdita, ~~onde irei~~ a quem pedirei eu ~~que~~ a esmola d'outra luz, senão a Deus? Disse bem, meu amigo: "mal d'aquelle que foge o mundo, e se refugia em si." Não andaria melhormente avisado o naufrago que, escapado do mar alto, intendesse que o salvar-se estava em ser revessado contra os penhascos das costa. Antes prolongar a agonia na esperança d'uma vela salvadora que nos pode ~~[illegible]~~ chamar e

reanimar para maior esforço. Antes esvasiar o calix da injustiça humana, sem o repellir, esperando que o Senhor dos mundos se amercêie dos seres reptis occasionando-lhes um dos imprevistos encontros, que lá estão delineados na sabedoria divina. A solidão, sem Deus, não serve para infelizes máos. Os bons, os absolvidos por sua consciencia, refrigeram-se, convalescem, e saram no ermo; bom é, porém, que não venham aqui ungir os braços para sahirem de novo á arena. O proveitoso, o melhor, o sobre-excellente é que os luctadores invencíveis da má fortuna não façam timbre em se degladiarem com ella, e deixem a arena aos vencedores laureados d'uma hora, e aos vencidos maneatados da hora seguinte.

Dito isto, meu amigo, pergunto-lhe eu se tem horas de jantar acostumadas. +

Este remate, posto com um riso de graça, fez-me rir tambem. Como eu respondesse consoante mandava a cortezia, fomos para a mêza, que era proxima da cozinha, e ésta mui affastada, em outro pequeno lanço habitavel da caza, para onde passamos, sobre um passadiço de tabuoens, fincados nas solleiras de duas portas.

BNP

III

. . . . . .

No has visto mas?... Vuelve á la pradera, hijo mio, por que hay en ella cosas mas dignas de tu atencion . . . . . .
Dios estaba en medio de los campos. No le has visto? A él debe la pradera su belleza; las miradas de Dios animavam la claridad del sol . . . . . .
No has oído mas que el murmullo de los arroyos, el gorgéo de las aves, y el viento que mecía las ramas de los árboles? Vuelvete al bosque, hijo mio, por que tus oidos percibiran cosas mucho mas grandes ... Il Sefonso Miranda (Himnos de la primera edad)

Passaram tres dias sem me ou lembrar que era delicadeza, se não dever, despedir-me do meu gasalhoso amigo: tão dulcificante me era aquelle remançoso descanso do corpo e socego de espirito.

A minha vida + aligeirava-se a ~~[illegible]~~ conversar, meditar, e ler, toda instructiva e de proveito, sendo que poucas horas bastam á alma para se nutrir em colmeia copiosa como era aquella, do mel que ao depois edulçora os azedumes de largos annos.

Tinha o padre + umas horas da manhan, e ~~de intardar~~ sobre tarde, ~~[illegible]~~ em que evitava delicadamente a minha companhia, e se fechava no seu

XII

quarto. Na terceira tarde, estava eu á beira da lagoa onde se rebanhavam os patos, e vi, por entre as fronde. do arvoredo, vi o padre á janella do seu quarto, com o rosto entre as mãos, e os cotovellos apoiados no peitoril, e os olhos immoveis e fitos na casa fronteira do negociante de Lisboa. Naturalmente, e não sei se até curiosamente, relanceei a vista para a casa, e vi, como sempre, as janellas hermeticamente fechadas. Estive neste reparo, até ao toque das Ave-Marias. Padre Alvaro então poz ambas as mãos á cabeça, tirou o solidéo, e affastou-se da janella, já com as mãos erguidas.

A' hora do chá, a mais taciturna e recolhida do padre, disse-lhe eu:

— V. S.ª decerto não reparou ainda no meu apêgo ás suas ruinas; creio que não, porque é bom, e sente o bem que me vai gozar. Não obstante, eu devia já ter dado por concluida a minha visita, sem com tudo julgar esgotada a hospedeira bondade do meu prezado amigo. Não me culpe a mim, com a sua affectuosa convivencia, e o mundo tambem

que me não dá outro amigo como o meu padre Alvaro...

— Onde vai dar comigo nesse arrazoado? — atalhou.

— Era o prologo da despedida e do agradecimento que eu estava fazendo.

— Pois fique no prologo; e se, de fôrça, quizer entrar no discurso reduza-o á simples confissão de que está aborrecido, e quer ir espairecer nos "cafés" de Lisboa.

fl. 3.ª

— Seria a primeira enjuriça que o meu amigo fizesse, pensando tal de mim.

— Então, disse-me estar mais oito, ou quinze dias. Se quizer ir á caça, eu arranjo-lhe os petrechos; se quizer dar passeios mais largos, tambem lhe arranjo cavalgadura; se tem precisão de ir a Lisboa, vá e volte; se está bem e quer estar assim, não se despeça nem me agradeça, que o mesmo é lembrar-me que sou eu o obrigado.

BNP

O veneravel velho pozera-me então a mão no hombro, e eu respondi, beijando-lh'a. Chorei, e sei dar a explicação destas

lagrimas. Lembrou-me meu pai, cuja face eu beijei no esquife ha vinte e sete annos. As ultimas palavras amoraveis d'um homem de cabellos brancos, meu pai m'as dissera. Depois, não ouvi outras, senão as do sacerdote. Ahi está a rasão das lagrimas, que o sancto homem viu, e me galardoou com um abraço.

No dia seguinte, sahimos pela fresca da manhan, e subimos uma ladeira de olivedos, que, no tôpo, se espalmava em hervecida chan, sombrada de grandes arvores. Em nosso alcance, sahiu a Sur.ª Eufemia com o almoço, e retirou com ordem de nos trazer ali o jantar.

D'aquella eminencia iam os olhos a muito longe buscar a suave melancolia que levanta o espirito. Inlevavam as lezirias com as suas manadas de gado, os grupos alvejantes de casas, granjas dispersas na esplainada, os pomares de laranja, os olivedos, e o romorejo confuso e surdo das aves, dos regatos, do brando ramalhar das arvores, e da toada de vozes distantes nas veigas, que se espraiavam ao sopé, e em redor do nosso outeirinho. Estavam entre as arvores umas pedras musgosas convidativas de repouso. O acaso as talhara

á feição de escabello com seus incostos. O padre sentou-se na mesma commoda, e disse-me:

— Almocemos aqui. O meu mais longo passeio, ha vinte annos, é até este ponto do mappa-mundi. São estas as bellezas unicas, que eu mostro aos meus raros hospedes. Esse alamo, a que o sur encosta o hombro, plantei-o eu em 8 de Junho de 1832. Tem vinte e dois annos.

Reparei n'outra arvore proxima, e vi duas iniciaes: L. A, quase illegiveis pela sobreposição da casca.

— E estas lettras escreveu-as tambem o sur padre Alvaro?

— Tambem.

Obrigava-me a discreto silencio a brevidade da resposta, e o recolhimento visivelente magoado do padre. Tomei do cabaz as provisões do almoço, e accomodei-as sobre a pedra, que melhor se agitava. Fiz o cha, e servi o padre, dizendo chistes, que me occorreram, tocantes aos cenobitas, moradores das brenhas, estomagos, fortalecidos por fructos silvestres e raizes, os quaes não sabiam se quer da existencia do cha hysson, nem do assucar, nem da manteiga + de Cork, ignorada até do proprio Theocritho, Columella, e outros amantes da natureza e do

leite. Se o leitor não acha sal nestes ditos, o padre tambem lh'o não achou. De instante a instante fez-se noite n'aquelle aspecto, um quarto de hora antes, claro e aberto ao contentamento interior.

~~pag.~~ 33 fol. } pag 34-1º.ed.

- Que tristeza é essa?! - perguntei.

- A tristeza do homem, que não pode ser anjo respondeu elle, trabalhando por reprimir as lagrimas. § De maneira disia elle estas breves respostas, que eu não sabia replicar, nem consolar.

Aquelles minutos do almoço correram assim tristonhos, e terminaram, tirando o padre do fundo do cabaz dois livros: um era o Breviario da sua reza, o outro era um romance ... Um romance! e, de mais, um romance denominado Volupté, Voluptuosid.e! isto offerecido pelo homem de Deus, pelo vaso de eleição, pelo sancto, cuja mão eu beijei hontem com o fervor d'um cathecumeno inflammado por um raio de graça, que a oração do justo me trouxera do ceo! A voluptuosidade de Saint-Beuve, aqui, neste sitio, ao pe do livro de Job, do ~~prophete~~ rei ~~[illegible]~~ penitente, dos dictames do Espirito Sancto!

BNP

Acceitei o livro, e li, no prefacio, estas linhas:

. . . . . .

Intende o editor desta obra que as pessoas nimiamte escrupulosas, acaso espavoridas pelo equivoco titulo que ella tem, pouco perderiam, em verde, não lendo um escripto cuja moralide, por mais grave q̃ ser possa, so diz respeito a coraçoens menos puros e menos despreoccupados. Ao revez, pelo que toca ás pessoas, convidadas justamente pelo titulo que repelle ás outras, essas, não achando no livro o que desejam, não ha que temer o derrancarem-se.»

Fui folheando e salteando os capitulos, e os relanços da obra que mais brevemente podiam ensinar-me o enredo da historia. Comprehendi-a toda em trinta minutos de leitura. E' um homem que amou, e cobriu com a mortalha de levita a mulher que amára e perdera. E' a analyse minuciosa e pungente d'uma paixão, e poderia tambem ser instructiva a analyse, se o espectaculo das agonias d'um naufragio fosse causa a gelar de terror os futuros navegantes e deixar fugir o occeano sosinho com os seus furores.

Fechou o padre o seu livro, e eu continuei a ler.

— Sainte-Beuve escreveu esse livro em forma de carta a um amigo — disse o padre — Se o snr tivesse em mim um amigo, capaz de escrever com profundeza e graça, e me pedisse conselhos, eu mais quizer ter-lhe escripto este romance que o "Manual de Epicteto" ou a "Imitação de Christo". Ahi verá o philosopho, o sabio, o mundano, o penitente, o christão, e o martyr, se quizer. E sobre ser tudo isto, é ainda mais, é o homem. Quão raros são os livros que bem definem o homem, a não ser o de Job: Homo natus de muliere, repletur multis miseriis "homem, nascido da mulher, acérvo de miserias sem conto."

— Poderei fazer uma pergunta, sem preambulos, que m'a desculpem? — atalhei eu

— Por que não? faça.

— Entre o snr padre Alvaro Teixeira, e este homem que veio cingir os rins n'um claustro das margens do Tejo, ha uma dor commum, não ha?

— Ha uma dor egual, um mesmo calvario — perdoe-me a profanidade — mas as veredas muito differentes.

BNP

Apoz o silencio de alguns segundos, que eu não ousei quebrar com alguma pergunta melindrosa, o padre, erguendo a face inflammada, com a luz dos olhos estranhamente ~~clara~~ viva, disse n'um impeto de espirito:

— Heide mostrar-lhe ~~[illegible]~~ algumas datas que tenho assentadas n'um livro. Não é auto-biographia, nem romance simulado com suppostos nomes, nem „Memorias" ambiciosas de futura vulgaridade. São cauterios applicados á chaga insanavel... Hade ler os meus papeis.

— Mereço eu tanto?! — disse, sentindo-me vaidoso da confiança, e lisongeado na minha cubiçosa curiosid.e

— A leitura do meu livro não paga merecimentos de quem quer que seja, nem se quer ~~são~~ é uma lição, nem um bom exemplo: é ~~[illegible]~~ a ~~[illegible]~~ parte d'um ~~do~~ dia, ~~[illegible]~~, menos fastidiosa, + que eu dou + ao meu hospede. Lerá esta tarde. ~~Aliás~~

Esteve-se em meditação o padre, sem desfitar os olhos do alamo das lettras, e ~~[illegible]~~ continuou depois deste Theor:

Se a não tivesse escripto, contava-lhe a minha vida. Tinha precisão deste desafogo. Digo-a a cada noite que Deus manda com os seus silencios para m'a ouvir. Repito-a a cada aurora, que se aclara, não ja para mim, que so espero vêl-a desmontar além da sepultura. E' natural este desejo de infelizes que se querem lastimados na sua dor. Esse mesmo desejo tenho submettido ao jugo de todos os outros. Nunca fallei do homem que foi aos que a mera curiosidade tem aqui trazido a ver o homem que é, em sua mesma obscuridade, um segredo estimulante de ociosos. A parte essencial da minha vida sabem-na muitos, e eu não sei quantos romances por ahi correm, á conta dos meus soffrimentos. Sei que os velhos da minha creação me chamam "romantico" ou "tôlo", que monta o mesmo. Desses alguns não quizeram invelhecer ainda, e a cada passo os encontro em Lisboa, como os la deixei ha vinte annos, gentis, perfumados, galans, viciosos, e salvando-se da irrisão com o pouco cabedal que fazem da sua mesma dignidade. Outros avelhentou-os o mesmo vicio, e de crer é que me julguem por si, ao verem-me assim incanecido. Haverá

algum que me leia no coração e desculpe das injustiças dos outros; esse, porém, não me perdôa o feio invez em que eu espontaneamente voltei uma vida, que ~~se amostrara~~ principiara mostrando uma face agradavel, e esperançosa ~~do melhor~~ de todos os bens que se tomam em conta de melhores neste mundo. E assim é que tenho vivido... e morrido so commigo, e ~~amigo~~ affeiçoado aos que me lastimam e aos q̃ me escarnecem. Uns e outros erram sem vontade. Na sociedᵉ, em que elles medraram e se accreditaram, sou e devo ser aquillo que ~~um~~ ~~[illegible]~~ de mim pensam: um esquisito, que se gosa das suas singularidades; ou um martyr excruciado por sua infeliz e dessociavel imaginação. ~~Não sou dito~~ Hypocrita é de presumir que me não taxem, porque a hypocrisia tem n'este mundo ~~a sua~~ ganancia, e elles bem sabem que eu nada tenho ganhado, nem ~~pedido~~ sollicitado. Isto, que vou dizendo, tem sombras de defesa propria, não tem, meu amigo?

- De defesa, não me parece, sur Alvaro! - respondi - Quem é que o accusa? Escarnecer ou lastimar não é accusação. O que ~~V.Sª fez e por~~ eu intendo das ~~dis~~ palavras de V.Sª é que perdôa aos baixos espiritos, q̃ se querem levantar para avalial-o, e resvalam á lama.

Naõ tanto — replicou bem embiocar a caridade — Sejamos generosos e ate piedosos com as almas remissas e afroixadas na trabalhosa fabrica das posiçoens, das honrarias, dos bens da fortuna, da immortalid.e, e da perpetuid.e dos seus nomes na riqueza e gloria herdada á sua descendencia. Entre estes, que muito é ser eu olhado como inutil, como o menos previdente dos trez aquem o senhor destribuiu os talentos? O sacerdocio é havido como officio, e o sacerdote que naõ cura se quer de agenciar uma murça, ou uma abbadia rendosa, é um inhabil, que retrocedeu pela estrada obscura ao tempo escuro da religiaõ. Que hade dizer a gente illuminada, segundo o tempo, d'um homem, que foi abastado, que se fez padre antes de ser pobre, e que impobreceu, e naõ cuidou de voltar a si com artes infalliveis o bom rosto da fortuna, e nem se quer escassamente soltou uma palavra de queixume contra os ingratos?

— Deve dizer, respondi commovido, que homem, que tal fez, é um dos escolhidos de Deus, um exemplo, e uma gloria da especie hu-

— A especie humana não dá fe de glorias tão baratas, meu amigo. Eu tivi alguns annos de homem social e amoldado ao feito vulgar. Pois saiba que se a mim me perguntassem então o que eram glorias da especie humana, eu apontaria Cezar, Alexandre, João de Castro, Colombo, Vasco da Gama, Camoens, e os outros que escreveram para sempre os seus nomes no padrão d'um mundo novo descoberto, na pagina d'um livro, ou na lamina d'uma espada. Se me la fossem dizer que aqui nos „Olivaes" vivia um padre, que nem se quer escrevera os sermoens do Vieira, ou os „Oraçoens funebres" de Bossuet, eu responderia com um sorriso desdenhoso á admiração de quem me viesse fallar em tão pêcas glorias da especie humana.

A conversação prolongou-se neste sentido até horas de jantar.

Jantamos.

Eu não quero que o leitor diga que ninguem sabe o que comem e quando comem os heroes dos meus romances. Eu te-

nho a sinceridade de fazer comer, com vulgar sem-cerimonia,
não só os ~~heroes~~ heróes de más manhas, mas ~~até~~ ainda os santos, como
o padre Alvaro.

IV

Ibit homo in domum æternitatis suæ

Irá o homem para a caza da sua eternidade.

Eccles – 12. 5.

Na tarde d'aquelle dia, chamou-me o padre para junto de si, deante da mêza em que escrevia. Abriu uma das quatro gavetas da escrivaninha, e tirou um grosso ~~livro~~ volume de papel almaço, encadernado em papelão, sem alguma outra ~~compostura~~ cobertura.

BNP

– Ahi tem; disse, entregando-me o livro – Leia, como quem lê um romance de historia authentica, escripto por pulso não vezado a escrever novellas. Ahi vai o coração do seu amigo, a cinza das ~~cinzas do monte~~ flores ~~[illegible]~~ de vinte primaveras, flores que se abriam

VI

Já queimadas, por que o bolbo de cada uma rebentava ja doentio da venenosa rega das lagrimas. ~~[illegible]~~

Lembra-me que recebi das mãos do sacerdote o livro com o respeito do acolyto receber o evangelho das mãos do celebrante. Pode ser que na minha reverencia houvesse menos cerimonia de ritual e mais religiosa devoção.

Recolhi-me ao meu quarto, e juro que me tremia a mão, quando abri o livro. Na primeira pagina, li este dictame de Isaias:

Ingredere in petram, et abscondere in fossa humo.

Quer dizer:

Entra na sepultura, e some-te na terra d'essa cova.

E mais abaixo o verso do psalmo 117:

Non moriar, sed vivam, et narrabo opera Domini.

Pode assim trasladar-se em vulgar:

Naõ morrerei; terei vida para narrar as obras do Senhor.

BNP

A forma da narrativa é em divisgens de annos, mezes, e dias. Alguns capitulos estão incompletos, e destes vi uns poucos suspensos em conjuncções, ou n'uma virgula. O dizer é singello, familiar, mas correcto e sempre puro na linguagem. Rara é a pagina com emenda ou entrelinha. De ver é que fallava o coração, e que as suas primeiras palavras eram as mais expressivas, e respondiam fielmente ao pensamento.

Na primeira tarde li poucas paginas li: tão detidamente as ponderava e relia. Entrei por alta noite com a leitura, e apaguei a luz, já quando a do sol me dispensava da outra.

Conhecia já Alvaro Teixeira de Macedo desde os seus dezesseis até aos seus vinte e sete annos. Isto me bastava para eu não poder subjeitar á modestia do levita os raptos de minha admiração, que melhor se intendera por idolatria.

O escripto dispensava os commentarios do author. Não pedi illucidação, nem promenores. Era tudo claro e minudencioso como historia escripta de hora a hora, entre lagrima e lagrima, com o coração entre os homens, e a consciencia em Deus

BNP

Ao oitavo dia fechei o ~~livro~~ manuscripto, e fui ~~entregalo~~ restituil-o ao padre. Não cheguei a dobrar o joelho, quando me elle tomava das mãos o livro; mas o coração pesava-me como para cahir e humilhar-se aos pés d'aquelle justo. Conheceu-o elle, e abriu-me os braços, e apertou-me ao seio, balbuciando commovido do meu embaraço:

— Tem o meu segredo: não abracei ainda outro seio que o tivesse. Diga-me agora: que aproveitou?

— Aprendi a conhecer a magestade da ~~humanidade~~ + ultimo ~~[illegible]~~ ser da creação. Assim, sei agora o q̃ ~~[illegible]~~ não podera + ainda perceber na ~~[illegible]~~ sagrada escriptura: «que Deus fizera o homem á sua imagem e semelhança»

— E viu que o barro ~~[illegible]~~ do homem se recose ao fogo da desgraça...

— E dessa depuração a fogo lento, vi eu, + tambem que sahia o anjo...

— Pouco aprendeu.. — replicou o padre — Eu queria m.º q̃ tudo isso... Queria ensinal-o a ser paciente, quando for desgraçado. Não lhe posso dizer m.º singelamente o resumo ~~[illegible]~~ de tudo que leu, nem lhe ~~[illegible]~~ darei, se m'o pede, e mesmo, se m'o não pede, mais incarecido conselho. Paciencia, é a arma, é o triumpho, é a porção divina do homem, é a ~~[illegible]~~ bem-aventurança. A padecer é que os olhos da alma se destoldam.

é encontram os de Deus. Padecer é a quebra, a falha irremediavel e commum; resignar-se é a perfeição. A virtude, que todos alcansam, se a querem, é dar largo e por egual a amigos e inimigos, uns o seu uso, outros as suas luzes, outros o seu braço, e o seu descanso. A virtude dos raros, a maxima virtude, a mais edificativa, é soffrer sem amaldiçoar, no asco da pobreza, no desamparo do descredito, na ignominia de não ter um amigo. Isto ninguem o vê, ninguem o admira, ninguem o vulga aos respeitos publicos. E que vai n'isso? Basta-me Deus. Não posso duvidar que elle me está vendo. Sinto-o no reposo da minha consciencia. O coração está passado de dores, o espirito conturba-se de angustias, a noite não acaba no termo de vinte annos. Assim é; mas que importa? Basta que a consciencia me diga: "não devias padecer, por q̃ es bom." Quando o homem, q̃ soffre, se diz isto a si, é Deus que lh'o diz. Esta é a altissima rocha que vê em baixo as tormentas a fremir-lhe na base. Este é o berço providencial do menino, lançado ás ondas, e mandado buscar por Deus, p.ª contar ao mundo os seus primeiros dias. Esta é a arca do justo, a cavernas dos leoens inoffensivos, o post tenebras spero lucem de Job (x)

(x) Espero a luz, depois das trevas. Cap XVII, v. 12.

[illegible]

Vá o meu amigo escutando com boa sombra estes "Exercicios espirituaes" com q̃ em principio a ensaiar a sua paciencia. Isto lhe hade acontecer mais vezes, por que é vêzo padresco entrar de vontade pelas homilias, quando o auditorio lhe não dá campo para prégar, e até para passear desasombradamte.

Veio a Sur Eufemia cortar-me a resposta. Trazia ella uma carta chegada de Lisboa. Padre Alvaro infiou ao Cêl-a; mas a pallidez habitual voltou, passados instantes. A perseverante desgraça ja lhe havia dado pulso de ferro para soffrear os impetos do sangue.

— Non hoje de tarde a Lisboa — me deixe elle, placido e triste — Se quer ficar, e esperar, meu amigo, ca fica a boa Eufemia para cuidar de si. Se quizer vir tambem, e ficar, fique; e se prefere tornar para as ruinas, mais contente voltarei.

Fui com o padre para Lisboa. Sem elle, a solidão dos "Olivaes" ser-me-ia dolorosa.

Separamo-nos no Rocio, onde apeamos do carro, que nos

transporton de sancta Apollonia. O padre disse-me a sua pousada, e eu fui para a minha hospedaria. Procurei-o no dia se-
guinte: estava elle a ponto de sahir para o convento de religiosas de Sancta Martha. Opportunamente saberá o leitor o que elle ia fazer duas veses em cada dia ao convento de Sancta Mar-
tha.

Vinte dias, ou mais seria, a companheiro Alvaro Teixeira atravessou do convento, e d'ali a sua casa. Neste breve termo, o semblante do honrado das dores declinou rapidamente para a lividez e magre-
za cadavericas. As ultimas idas ao mosteiro fel-as de seges, e ahi mes-
mo tinha syncopes que o retiveram a ponto de uma vez o levarmos em braços da sege a uma grade, onde o esperava uma senhora muito idosa, de veneravel aspecto, a quem o padre chamou irmã. De relance, vi que esta senhora estava soluçando e limpando as lagri-
mas, e logo que entramos na grade.

Sahiu logo com o boleiro, que me ajudara a amparar o meu amigo; mas ainda ouvi estas palavras da religiosa: "Acabaram-se os seus trabalhos."

BNP

Ao toque de Ave Marias fui chamado pela porteira do convento, e esta me disse que o seu padre Alvaro me pedia a esmola de lhe ir dar o meu braço para elle encostar. Maravilhei-me da reanimação em que o achei; mas conheci logo que era febre. Nada lhe ouvi durante o tránzito. Levava, como da primeira vez que o vi, as mãos encruzadas sobre o seio, e as palpebras descidas como se quizesse esconder de mim as lagrimas, que eu bem via estancadas nas rugas, á semelhança das que regelam na face d'um cadaver.

E eu, que não podia enganar-me no motivo d'aquella afflição, tão absorvido ia, e tamanha parte quinhoava n'ella, que não tive uma palavra so de linitivo, que lhe dissesse.

Parou a sege,

Saltei para amparar o padre na descida.

— Tenha a bondade, me disse elle sem mover-se, de subir ao terceiro andar, e dizer ao dono da caza, que tenha a paciencia de vir aqui fallar-me.

BNP

Subi, e desceu comigo o dono da casa, ao qual o padre disse o seguinte:

— Meu amigo, não tenho mais que fazer em Lisboa. Vou para os „Olivaes" agora mesmo, se o boleiro quizer fazer a jornada de noite. Escuso dizer-lhe que está com Deus a pobre senhora. Agora é erguermos as mãos em acção de graças aquelles que a conhecemos. Eu ca me vou avisinhando das minhas ruinas como o reptil, ferido de morte, da conhecida caverna, onde se quer sosinho com as suas agonias. Dê-me a sua mão de amigo, e adeus.

Voltou-se para mim, e disse-me:

— Quando eu lhe escrever, a pedir-lhe a sua companhia, vá ter comnigo, se o poder fazer sem custo.

— Pois não me quer comigo agora?! — atalhei.

— Não, por ora não. Estes primeiros dias não podem ser repartidos nem consolados por ninguem.

Beijei-lhe a mão, que transpirava um suor rescaldado.

— Queira perguntar ao boleiro se me leva aos „olivaes" — ajunctou elle.

Levei-lhe a resposta affirmativa, e a sege partiu, a passo ra-

pido.

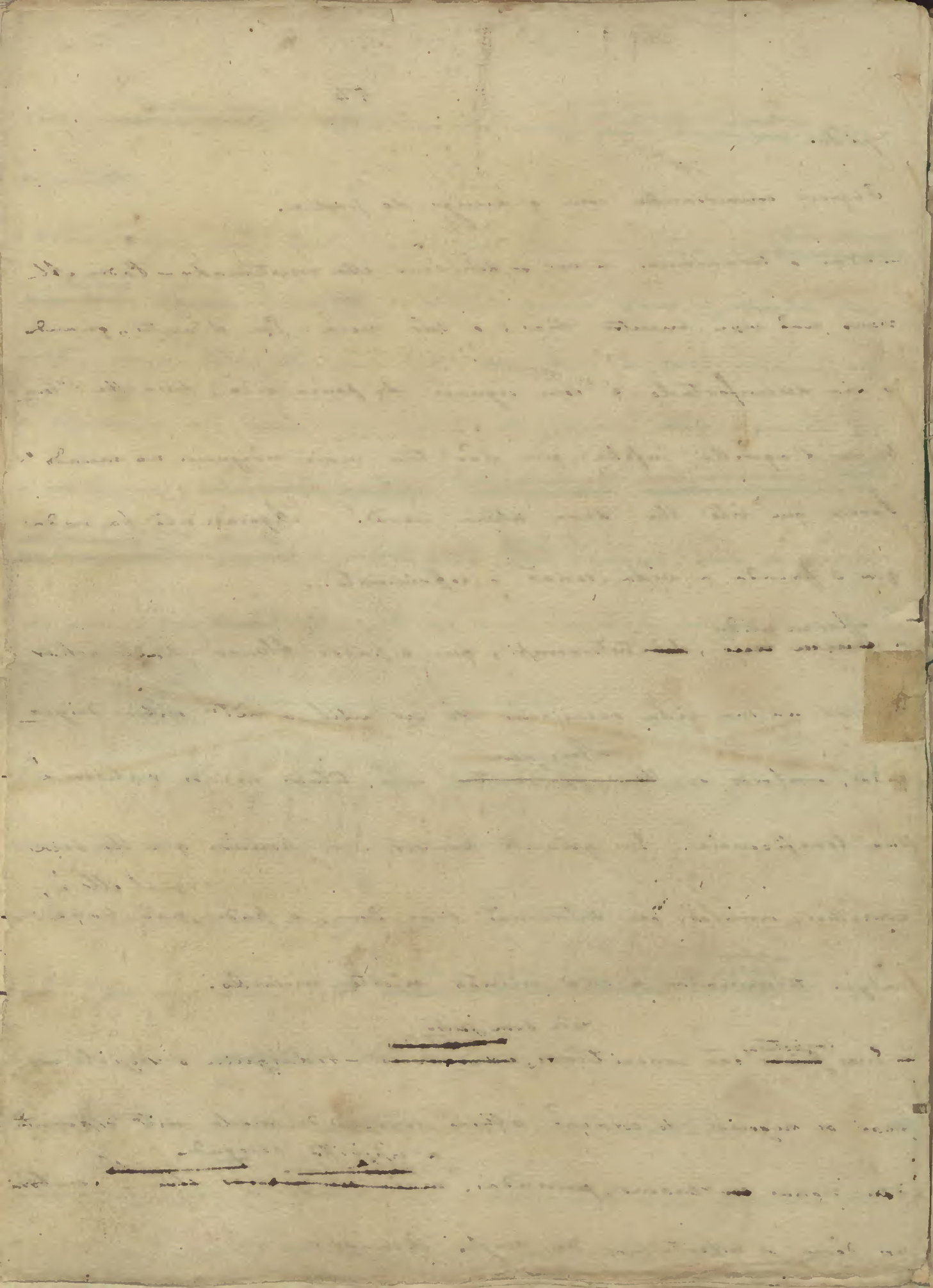
Fiquei conversando com o amigo do padre.

— Não o tornaremos a ver — disse-me elle consternado — Padre Alvaro não vive muitos dias; o sûr verá. Eu d'antes, quando o via desconfortado e com signaes de pouca vida, dizia-lhe: "lembre-se d'aquella infeliz, que não tem mais ninguem no mundo" Parece que isto lhe dava alma nova! Agora, não ha nada que o prenda á vida, senão o soffrimento...

— Mas eu cuido, interrompi, que o padre Alvaro, pode achar sempre na sua vida occasioens de ser util a mtos outros desgraçados, embora se offereçam com titulos menos valiosos á sua beneficencia. Em quanto houver um homem que lhe peça conselhos, esmolas, ou intercessão com Deus, o padre, qual elle é, não pode julgar terminada a sua missão n'este mundo.

— Essas conjecturas são conceituosas, e de bom juizo — redarguiu o sujeito — mas os negocios do coração alheio correm de modo mto differente das nossas rasoens, pensadas, a espirito socegado, embora nos dôam os infortunios do nosso Amigo.

BNP



E ficamos concertados a mandar no dia seguinte saber novas do nosso amigo.

O portador não nos trouxe resposta á carta. A sur.ª Eufemia hesitara em levar-lh'a á camera, onde se elle fechara; fôra por fim; mas voltara sem resposta, ou promessa de responder, quando podesse.

Decorrera uma semana em esperanças, até que um dia o amigo do padre me procurou para me dizer que a velha Eufemia lhe escrevêra, dizendo-lhe que o seu amo estava em perigo de vida. D'alli partimos no mesmo ponto para Sancta Apolonia, e de lá para os „Olivaes".

Estava o sacerdote sentado n'uma poltrona, junto á janella que olhava para o palacete fronteiro do negociante de Lisboa.

4ª fl. pag. 49

Deu-nos as mãos, que cada um de nós approximou dos labios. Respondeu a esta reverencia com um sorriso, e estas palavras pausadamente pronunciadas:

— O martyrio, que se alcansa com as paixoens da terra, tem tambem a sua sanctificação. Os meus amigos egualám-me nos seus respeitos um S. Francisco de Sales ou Vicente de Paulo....

— Esse sorriso abre-se em luz de esperança para os seus amigos, snr padre Alvaro — disse-lhe eu.

— E eu me congratulo na esperança dos meus bons amigos. Tambem vejo a luz, que illumina e abrasa... Ardere et lucere...(✝) Padeci muito, e esperei muito destas horas finaes. Miserias e oppressoens de uma longa vida aqui se acabam: Miser factus sum ego, et curvatus sum usque ad finem(x). Curvado o corpo, sim, que o desconcerto total desta fragil machina é a repelloens de dor; mas a alma folga, e sorri ao extremo dia: Ridebit in die novissimo(xx)

Estas vozes extenuaram-no como se fossem um desafogo vehemente. O meu companheiro disse abundancia de palavras que, a seu juiso, deviam refrigerar o afogo febril do infermo. Eu não tinha alguma fe nas consolaçoens d'elle, e menos ainda nas minhas. Assisti silencioso á perdoavel verboridade de um, e ao recolhimento affegante do outro.

(✝) S. João — 5.35

(x) Psal. 37. 7.

(xx) L. dos Prov. Cap 31. 25.

BNP

Fallou-se em ir buscar medicos a Lisboa. O padre sorriu-se, incarando no amigo, que proposera a consulta.

— Medicos!.. — murmurou elle — O caixão... Mortalha ca está esta...

Disia, tomando em ambas as mãos convulsas as abas da balena.

Ao fim da tarde, pedimos-lhe que se recolhesse á cama, e elle respondeu, fitando os olhos no ceu:

— D'aqui vejo melhor a patria; mas a hora não chegou ainda. Ja era muito esperar... O Senhor é piedoso com os que não desesperam, e com os pacientes. Espero... e, posto que padeci mto, não direi como o nescio: "Minha alma, descança q̃ possues mtos bens,(x) Eu espero tudo da misericordia divina.

Prosseguiu fallando a intervalos, e ate alta noite não consentiu que fechassemos a janella.

Pernoitamos ao seu lado, e vimol-o dormir duas horas serenamte. Palpei-lhe o pulso, e senti-o refrigerado e sem ponta de febre. Cobrei esperanças, + contra o parecer do meu companheiro de vigilia.

(x) S. Lucas — 12.19.

BNP

Ao repontar da aurora, o padre olhou em nós ambos, e disse em tom compadecido:

— Caro tributo paga a amisade!.. Vão deitar-se, meus amigos. Estou melhor. Digam á minha creada que vá chamar o parocho, ~~e depois~~ —

Fui dar as ordens, e voltei ao quarto, d'onde sahi, quando introu o parocho.

Durante o dia conheci que as minhas esperanças eram desmentidas por desfallecimentos e agonias passageiras do infermo. A creada chorava alto, a cada accidente, e eu via no semblante contrahido do meu amigo, quanto o pungiam aquelles gritos. Pedi á creada, que reprimisse o choro, e ella respondeu-me:

— O sur talvez não saiba que eu creei aos meus peitos esse sancto que está a morrer!... — E lançou-se de joelhos a orar em voz alta.

Curvei-me deante desta dor, e adivinhei as angustias daquella mulher atravez dos ultimos vinte annos.

Ao fim da tarde, foi ungido o moribundo. Queremos então quase de força passal-o á cama: não o conseguimos.

— A morte é suave em toda a parte. Aqui adormecerei. Dulcis est somnus operanti. (*) — disse elle.

E, fitando no azul do ceu os olhos inbaciados, ~~disse~~ continuou:

— O ceu da minha ~~primavera~~ mocidade! Assim era n'aquellas noites de ~~fo~~ tanto e tão puro amor! A serenidade da natureza, e as agonias da creatura! So o homem se doe do homem, e Deus de todos. As creações sublimes do universo olham todas para o seu creador, e não sabem como morre o reptil, nem ~~quando despega do~~ da arvore a folha sêcca.

Vinham ditas com cansaço e violencia estas palavras. Pedimos-lhe que não fallasse, e elle ~~fundiu~~ apoiou a barba no seio, e enrolou as mãos murmurando vozes imperceptiveis.

As onze horas da noite, estremeceu o agonisante na cadeira, e estirou os braços convulsivos. Pensei que era o extremo estertor. Voltou, porém, á sua ~~quietação~~ quietação, e poz-me de joelhos, com as mãos apoiadas nos seus joelhos. Poz-me ~~as mãos sobre a cabeça~~ na fronte a mão, e disse: ~~Felizes os que choram~~ Beati qui lugent. (**)

(*) E' suave o dormir a quem trabalhou.

(**) Felizes os que choram.

Soaram as doze horas n'um relogio de parede. O padre parecia contal-as, ~~em~~ pr um movimento nervoso dos labios. Tinha cahido a ultima pancada, e elle disse:

— Media autem nocte clamor factus est: ecce sponsus venit.

Erguen as mãos em oração, inclinou a cabeça para o espaldar da cadeira, e suspirou. Cuidei que elle ia adormecer, quando vi cahirem lentamente as mãos por sobre os braços da cadeira.

Era aquelle glacial dormir, que espera o novo dia annunciado pelo anjo do ultimo juiso.

Ajoelhei de novo, e disse:

— Sancto! pede a Deus por mim, e por todos os infelizes.

BNP

(x) Ouviu-se á meia noite este grande clamor: é chegado o esposo. S. Matth. 25. 6.

V

Grandeur, très-grande révélation. Ce n'est pas ici un vain spectacle d'art et de sensibilité, simple volupté du cœur et des yeux. Non, c'est un acte de foi, un mystère ...

Michelet (La femme)

BNP

Alvaro Teixeira de Macedo nasceu, em Lisboa, no anno de 1813. Foi seu pai um commerciante rico, bastardo d'um fidalgo da corte

Creceu Alvaro, e ~~[illegible]~~ labios proferiram a palavra mãe, nem tinha o coração memoria d'ella. Entrou n'um collegio [illegible] ouviu de seus companheiros aquella dulcissima palavra, como grande parte e incentivo das saudades d'elles. Dizia um: "minha mãe recommenda-me, que estude muito, que me ha de levar á feira do campo grande" outro, repartindo confeitos ou amendoas pelos condiscipulos, dizia: "foi minha mãe que m'os mandou"; este escrevia a sua mãe, pedindo-lhe que o mandasse buscar no sabbado;

V

aquelle chorava ~~[illegible]~~ e adoecia de saudades de sua mãe?

Alvaro devia acreditar que a sua tinha morrido; mas ninguem lh'o dissera; nunca seu pai, nem se quer a sua ama lhe fallaram em mãe.

Estava de ferias em casa, e tinha nove annos, quando perguntou a Eufemia, sua ama de leite, porque não lhe tinha fallado nunca de sua mãe. Eufemia, ~~[illegible]~~ atalhada pelo repente da pergunta, tartamudeou algumas palavras, que reprimiam o embaraço d'ella, suspeitoso á precoce esperteza de Alvaro

— Vou perguntar a meu pai, disse elle.

— Ora! — acudiu a ama — para que ha de ir o menino fazer essa pergunta a seu pai?! Não gosta saber d'essas coisas.

— Então que tem?! — tornou Alvaro, cada vez mais inleado, e cavilloso como creança — Eu havia de ter mãe por força, não é assim?

— Isso é; mas...

— Mas quê?

— E se ella morresse!?.

— Se morreu, é outra coisa.. Então diga-me que morreu. Morreu ou

não?

– Está bom, menino; deixe-se de querer saber o q não lhe importa – disse, em conclusão, a perturbada ama, fugindo a novas perguntas.

Manoel Teixeira, pai de Alvaro, queria do coração ao seu filho unico. Amimava-o n'aquella idade como no berço. Parecia crescer o amor á proporção que as feições do menino se iam compondo retracto fiel das suas.

N'esse mesmo dia de inquietação para a boa Eufemia, estava o menino sentado nos joelhos de seu pai, que lhe anediava os cabellos, e aparava as unhas.

– O' papá, disse Alvaro com um gesto carinhoso – a minha mãe já morreu?

Manoel Teixeira ficou por um pouco tempo suspenso; mas continuou a aparar as unhas do menino, e disfarçou a resposta com algumas perguntas concernentes ao collegio.

Estava Alvaro a ponto de sair do gabinete de seu pai, e, como levado de providencial impulso, retrocedeu, e disse:

– O papá não me disse se a minha mãe morreu...

– Morreu – disse seccamente o pai.

Alvaro, mas

Foi o primeiro gesto de infado que vi Alvaro no rosto d'elle, sempre de riso e meiguice.

Contou o menino este caso á ama, e esta, profundamente magoada, disse-lhe em ar de reprehensão:

— E não lhe disse eu que não fizesse taes perguntas?

Tornou Alvaro para o collegio, e contou inocentemente a um dos mestres, que mais um amigo era, o que passára com a ama e com o pai. Ficou o mestre admirado do acontecimento, e entendeu de si para si que Alvaro era filho natural do capitalista, e talvez que da propria creada, assim elle chamava a ama. Estas desconfianças não eram boas para serem communicadas aos nove annos do collegial, e calou-se com ellas o mestre. O menino, porém, não fallava n'outra coisa, e instava por esclarecimento, até que um dia o mestre, mal assombrado, lhe disse:

— Estude, Alvaro; não lhe importe saber o que não lhe é necessario.

O alumno mais estudioso do collegio fôra Alvaro até aquelle dia. Maravilhava o pai e os mestres com o seu adiantamento, e muito dado era a aproveitar o natural engenho. De repente, com egual admiração dos mestres e do pai, o mais desleixado e desleixado do estudo era Alvaro; mas ao mesmo tempo o mais triste e recolhido dos seus condiscipulos.

Manoel Teixeira, informado d'isto, sentiu a tristeza do filho, e deu mediocre apreço ao desgosto dos mestres, no tocante a estudo. O negociante não queria que seu filho seguisse as lettras, nem de gloriosa aspiração de procurar um talento. O que elle desejava era dar-lhe um verniz de boa sociedade, e habilital-o para casar com uma sobrinha sua, morgada rica, da linha paterna, menina que teria dez annos nesse tempo. Entrava n'isto por muito orgulho do bastardo, que pelos degraus da riqueza conseguira hombrear com os filhos legitimos de seu pai, e accudir-lhes, por orgulho tambem, nas crises fidalgas em que se elles viam apertados, no dia immediato á noite do jogo, ou do baile, ou dos natalicios da corte.

Decorreram trez annos. Luiz Manoel Teixeira, n'este espaço de tempo, [illegible], por muitas vezes, tirar o filho do collegio, á conta de magreza, de fastio, de doença, e de mil causas, que inventa um pai extremoso. Alvaro resistia á ternura paternal, pedindo que o deixasse estar no collegio, onde se affeiçoara aos seus quartos, aos seus mestres, e a alguns condiscipulos, de quem o separar-se lhe seria muito penoso.

BNP

Tinha Alvaro já dose annos. Os trez ultimos, mal aproveitados nos livros, frutearam ~~muito~~ temporãos em discernimento e ~~gravidade~~ porte varonil. D'entre os professores, aquelle que mtº o estimava e conversava, tinha-o em conta de homem, e como a homem lhe fallava. Por vezes, em intima pratica, relembravam aquella instancia de ~~dizer~~ um, á cerca de sua mae, e a resposta infadosa do outro. Notou, porém, o mestre que estas recordações traziam tristeza mais sombria para o alumno, e abstinha-se de revivel-as. Que montava isso, se Alvaro não podia esquecêl-as, nem o mestre desconhecer ~~[illegible]~~ a origem da melancolia do discipulo!

— O sur Alvaro está homem no espirito; — disse-lhe um dia o seu affeiçoado mestre de inglez — vou dizer-lhe o que não quiz explicar á sua ignorancia dos nove annos, quando o sur me pedia esclarecimentos á cerca de sua mãe. Presumi eu n'aquelle tempo que seu pai tinha alguma forte, ou pelo menos ~~[illegible]~~ desculpavel, razão para não lhe dizer quem era sua mãe. Bem podia ser que o menino fosse filho de uma das criadas de seu pai, ou ~~[illegible]~~ mesmo ainda de uma se-

BNP

n hora, ~~que~~ cuja ~~podesse~~ reputação corresse risco de ser manchada. ~~[illegible]~~ Creio ~~[illegible]~~ me comprehende...

— Manchada... por q̃? — disse Alvaro.

— Por ser sua mãe.

— Por ser minha mãe!.. Não intendo!..

— Assim me quer parecer; mas eu lhe aclaro a ~~diffim~~ escuridade. Houram-se de serem mães, e o mundo honra aquellas mães, que estão ligadas por um sacramento aos pais de seus filhos. Agora decerto me intendeu.

Alvaro fez um gesto affirmativo, e disse:

— E minha mãe não estava assim ligada a meu pai?

— Era isso o que eu cuidava; mas, estimulado tambem da sua curiosidade, pedi informaçoens, que obtive logo, e ja podera ter-lh'as revellado, se as julgasse ~~[illegible]~~ d'alguma utilid.e, ha mais de dous annos. Vou agora contar-lhe o que sei de sua mãe. Conheço a causa da sua tristeza: é ella. Esse seu amor vago de filho tem influxo do ceo. Alguma coisa quer Deus que

se esconda nesse amor; e a minha consciencia manda-me fallar. § Seu pai cazou ha quatorze annos com uma senhora de rara formosura e rica, filha d'um negociante portuguez em Macáo. Maria da Gloria é o nome de sua mãe.

Os olhos de Alvaro reluziam, e a purpura do rosto inflammava-se á medida que o professor ia rompendo o veo que, para assim dizer, lhe velava um novo mundo de affectos, de sentimento, e de esperanças, e um destino imprevisto.

Continuou o mestre:

— Seus pais viviam extremamente felizes, e o menino nasceu ainda na epoca da felicidade. Tinha Alvaro alguns mezes, quando sua mãe sahiu da companhia de seu pai, e passados dias entrou n'um convento da provincia do Minho, onde vive agora. Não me peça esclarecimentos, que não posso dar á sua idade, nem os daria ao seu pundonor, se o Sur Alvaro, em vez de doze, tivesse vinte e quatro annos. Fique sabendo que sua mãe é viva.

Foram as breves e ultimas palavras que o mestre lhe disse a tal respeito.

BNP

Alvaro não respondeu, de confuso que devia naturalmente fi-
car. A educação, a convivencia de môços como elle innocentes, a i-
gnorancia das novellas que ensinam o espirito. a tirar, por comparação, os
vicios reaes da desnudez dos vicios imaginarios, e tam causa
de serem de todo o ponto mysteriosas para Alvaro as rasoens que ha-
viam levado sua mãe a um convento, de modo que seu pai a
tinha em conta de morta, e queria que seu filho assim a julgasse.

Foi Alvaro, de vontade sua, passar alguns dias a casa.
Fez especie em Mel Teixeira a extraordinaria vitalidade do môço.
Folgou com a mudança, e foi agradecer aos professores, e
especialmente ao mais amigo de seu filho, as melhoras do peque-
no. De feito, Alvaro estava preoccupado de uma idea que
lhe dava novos espiritos.

Estava elle, um dia, em conversação acintemente promovida
com Eufemia, e encaminhada ao ponto de lhe, dizer:
— Quem me dera ver um retrato de minha mãe!
Eufemia fitou os olhos n'elle, abraçou-o, beijou-o, como qdo
o tinha ao peito, e entre lagrimas e soluços, balbuciou:

BNP

— Se a visse !...

— Ella decerto morreu, minha Eufemia? — tornou elle, acariciando-a — Falle a verdade.. Não minta ao seu Alvaro.

— P'ra que me faz essa pergunta, menino? Valha-me nossa Senhora dos remedios! Deus me não salve, se eu sei o que lhe hei de dizer...

— Diga a verdade, que é o mais agradavel a Deus.

Eufemia quiz fugir; Alvaro susteve-a pela saia, e accrescentou:

— Venha cá, sente-se aqui, e responda-me, se é m.ª amiga: Porque está minha mãe n'um convento?

— Sancto nome de Jesus! — exclamou Eufemia, levantando as mãos á cabeça — Quem lhe disse isso, menino?

— Que lhe importa a Vm.ce saber quem m'o disse? E' isto verd.e? E', sei que é; o que eu lhe pergunto é a rasão por que m.ª mãe não está nesta casa.

— Sur Alvaro, se continua a perguntar-me coisas assim, eu vou-me embora desta casa — replicou a ama com resolução feita de sahir.

BNP

– Está bom – redarguiu Alvaro – não se afflija, que eu não falto mais n'isto; mas prometta de não dizer a meu pai nada.

– Eu, Menino! Eu caia lá n'essa! Tomara eu que elle nem por sonhos se lembre de que o snr Alvaro me disse taes palavras!

N'um dos proximos dias, Manoel Teixeira de Macedo tinha sahido apressadamente, e deixara aberta uma gaveta cuja chave nunca lhe esqueceu.

Alvaro entrou no escriptorio, e reflectindo disse entre si:

– Não haverá aqui alguma coisa que me falle de minha mãe?

E diz elle no seu livro, por certas ou consentâneas palavras, que ouvira uma como voz do ceo que o mandava abrir a gaveta da escrivaninha.

A tremerem-lhe as mãos, abalançou-se o moço ao que nunca se attrevêra a fazer. Viu uma caixa de velludo encarnado, com ferros de prata. Abriu a caixa: era um retrato de mulher, sobre lamina de marfim.

– Será? – disse elle – «Senhora de rara formosura» me disse o mestre;

e esta é tão formosa!...

Entrou de golpe Eufemia no gabinete particular de seu amo, e, como disse Alvaro ao pé da mysteriosa gaveta, com um retrato na mão, correu ao pé delle, dizendo:

— Que está a ver o menino?

— Então minha mãe esta retrato? respondeu elle sem turbação.

Eufemia, apenas lhe relanceou os olhos, exclamou:

— É, é; mas, pelo amor de Deus, não esteja aqui, ~~mostrando~~ metta o retrato na gaveta, de modo que seu pai não dê fé. Venha, venha comigo, menino!

— Não vou, disse elle com firmeza — Nesta gaveta é que está o segredo que a Eufemia não quer contar-me. Heide procurar entre estes papeis alguma carta de minha mãe.

Eufemia assustou-se e espantou-se da gravidade inabalavel ~~duma~~ d'aquella resposta.

— Feche a gaveta, que eu prometto contar-lhe tudo, disse ella — Venha depressa, que eu oiço passos ... É o paesinho que vem...

Não era; mas o mêdo — figurava horrores na cabeça da pavida mulher.

Alvaro sahiu, depois que repoz o retrato no seu logar, com tal cautela, q̃ não podia denunciar mão estranha.

— Conte-me agora o que souber, instou elle com a ama.

Eufemia oscillou ainda; mas, obrigada por um gesto de justa severidade com que Alvaro censurava a hesitação, disse o seguinte:

— A rasão por que sua mãesinha foi para o convento.. ainda que eu lh'a diga, o menino não a intende.

— Mas diga, e depois me explicará, se eu não intender.

— Olhe, o seu pai foi a Macáo receber a herança de sua mãe, q̃ era de lá...

— Ja sei.

— Sabe? quem lh'o disse? Credo! Aqui parece que anda bouxaria!

— E depois?

— Seu pai, quando voltou, passados dias mandou sua mãe para um convento..

— Na provincia do Minho, ja sei tambem; mas isso não é o que eu lhe pergunto: o q̃ eu quero é saber por que foi.

— Foi por que assacaram uma calumnia á sua mãezinha. A

gora ja sabe... Deixe-me, menino, por pied.e lhe peço, que me deixe.

— Calumnia! que calumnia!?... Então é isso o q̃ me prometteu, Eufemia?

— Sabe que mais, seu Alvaro?... quem lhe disse o q̃ sabe, que lhe diga o resto...

Eufemia sahiu da beira do Alvaro, e foi, a correr como doida, refugiar-se no seu quarto, e pedir a Deus que trouxesse depressa o patrão p.a casa.

Alvaro deregiu-se placidamente ao gabinete, abriu de novo a gaveta, e tirou + ao acaso um massête de cartas d'entre muitos sobre que assentava a boceta do retrato. A tempo foi isto que se ouviu o toque conhecido da campainha: era M.el Teixeira. Alvaro, tão senhor estava seu, q̃ metteu na algibeira o massête de cartas, e fechou a gaveta, e sahiu do gabinete.

Manoel Teixeira trasia o pensamento na chave esquecida. Apenas entrou no gabinete, correu a gaveta, e examinou-a; tornou a fechal-a, e não suspeitou levemente da curiosid.e do filho, nem foi dos creados, que, salvo Eufemia, nunca entravam n'aquella recamara.

Alvaro, a hora segura da noite, quando todos estavam recolhidos, destacou o massête das cartas, e leu-as e releu-as + soffregamente como se as houvesse recebido da primeira mulher amada, n'aquelles dias de ~~[illegible]~~ sancto amor, de luz celestial, e de flores sem espinhos, em que tudo nos vem + fadado do ceo, e as cartas mesmo as cuidamos dictadas pelos anjos.

A' primeira, conheceu logo que eram de sua mãe as cartas, escriptas do convento de Bairão, em 1820, quatro annos depois da sua reclusão, e cinco anteriores áquella data

Todas ellas expressavam a mesma supplica, ~~[illegible]~~ não de perdão; nem de piedade; mas a esmola de um beijo de seu filho, esperança unica de que se alimentava e vivia a mãe infeliz. Os termos ~~[illegible]~~ carinhosos do amor maternal, e ~~os~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ commoventes rogos ao pai inflexivel da creança, iam crescendo de ponto, segundo o silencio desprezador com que as cartas de Maria da Gloria eram recebidas. Na ultima, que leu Alvaro, dizia ella que já não tinha forças para rebellar-se contra a vontade da providencia, e receava mto que a confiança na divina justiça a desamparasse. Terminava ~~[illegible]~~ emprazando o seu algoz, ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~,

e protestando pela sua innocencia, deante do testemunho de Deus.

Na seguinte manhan, Alvaro disse ao pai que ia para o collegio, e não viria ~~quinze dias~~ um mez a casa, por que se ia entregar todo a uma traducção de um livro inglez. Luiz o negociante dissuadil-o do trabalho como nocivo á sua saude; mas o moço, com affagos, e promessas de não fatigar-se, obteve licença de ~~ver~~ estar no collegio ~~quinze dias~~ um mez.

D'aqui passou Alvaro a ter com Eufemia este dialogo:

— Vou ver minha mãe, Eufemia.

— Que diz, menino?! Está doudo!?

— Ja lhe disse que vou ver minha mãe: o pai não vem a saber nada, por que pensa que estou no collegio.

Eufemia replicou amontoando rasoens que não poderam nada com Alvaro, sendo a mais forte de todas esta:

— E o menino cuida que se pode ir ao convento sem dinheiro? Olhe que são sete ou oito dias de jornada para la, e outros tantos para ca. Quem lhe dá o dinheiro?

BNP

(pag 65 fl. 5.) 77

Ha de emprestar-m'o a Eufemia, para eu ir ver minha mãe; e, se m'o não emprestar, vou a pedir esmola.

A ama abraçou a chorar o seu filho, como ella lhe chamava, e d'aquelle lance em diante não lhe negou dinheiro nem conselhos a fim de realisar-se o intento. Ella mesma, á tarde d'esse tardis, ajudada por um seu irmão, foi allugar cavalgadura, e ajustar criado que acompanhasse o menino a Bairão, guardando n'estes passos tal recato que não ficasse alguem sujeito ás vias de Manoel Teixeira, se a desfortuna os descobrisse.

Foi Alvaro ao collegio, e contou ao seu mestre predilecto a idá a Bairão. Tão digno e respeitavel achou o mestre o arrojo do môço, que nem de quer lh'o tentou impedir com reflexoens. Abraçou-o com vehemente admiração de tão + energica e nobre alma em tanta verdura de annos, e prometteu por sua parte mentir piamente ao pai, caso acertasse de encontrar-se com elle. Aos outros professores disse Alvaro que ia passar um mez nos "Olivaes" com seus tios, onde costumava ir ás temporadas.

Na madrugada do proximo dia, sahiu de Lisboa o filho de Maria da Gloria.

Começa o caso a esclarecer-se.

Goldsmith (O Vigario de Wakefield)

VI

Maria da Gloria, depois que leu em tremuras uma carta que recebera do correio de villa do Conde, correu á cella da sua amiga Cecilia, e lançou-se nos braços d'ella, chorando de alegria.

— Que é, filha? — exclamou a religiosa alvoroçada.

— É a primeira alegria que Deus me dá em onze annos de martyrio. Olha, vê esta carta da Eufemia, deixa que eu leio...

E leu Maria uma carta, em que a sua creada lhe contava minuciosamente as conversações, que tivera com o menino, até áquella hora em que o ~~—~~ foi achar a contemplar o retrato de sua mãe.

IV

Oh meu Deus, meu Deus! - clamou a enlevada senhora, ajoelhando-te o oratorio de Cecilia - Bem haja a vossa mão que até hoje me primiu para que eu sentisse o immenso prazer desta noticia! Fallai, eu divino Jesus, fallai ao coração de meu filho, e dizei-lhe que a mãe, se foi culpada, ja deliu com lagrimas de sangue as no-as do coração, para receber dignamte a vossa misericordia, e amor de seu filho!

BNP

Esta curta e arrobada prece foi seguida do desfallecimento. De crer é que o espirito quebrantado da penitente não tivesse força para vibrar longo tempo abalado pela felicidade. Cecilia tomou-a nos braços, e reanimou-a, communicando-lhe as visoens de futuros gosos que a vi-nham resgatar, pelo amor do filho, e talvez pelo remorso do pai.

Esta nova correu logo os dormitorios, e todas as freiras se alegraram, por que Maria da Gloria era amada de todas, e respeitada das mais es-ompulosas por sua resignação e conformidade. Encheu-se de gente o seu quarto, a dar-lhe os parabens, como se no animo das mais virtuosas senhoras preluzisse o vaticinio de começar d'ali a desen-

er-se a trama que a desgraça urdira á innocencia da reclusa, nos
elhores annos de sua vida.

Passou a febril mãe algumas horas da noite escrevendo ao filho e á
cada. Eram paginas sobre paginas levantadas em amor e jubilo como um
mno de acção de graças, a carta que ella escreveu a Alvaro. To-
e tanto amor, ~~[illegible]~~ Onze annos retrahido, e sem desafogo no pro-
io seio da religião, dilatou-se ali em termos de sorte amoraveis, q
nca a imaginação apaixonada do poeta os achou assim.

Passaram tres dias nesta abrasada ancia de outras noticias. Ao
uarto, Maria da Gloria recebia nova carta de Eufemia, escripta
a occasião em que andava alugando cavalgadura para a jornada
o menino a Bairão.

ambicioso coração d'aquella mãe não esperava nem sequer
nhava tanto. Soçobrou-a o transporte de alegria, e as formidaveis
gustias nunca poderam tanto. Quizeram as amigas, e sobre todas
inseparavel Cecilia, modificar os sobresaltos da esperança em con-
tamento sereno. Não poderam. A vehemencia das pulsações de-
stavam febre, e ja as mais timidas se arreceavam mais
felicid^e imprevista que das flagellações de onze annos de saudade.

Maria cahiu de cama, e ao terceiro dia, depois da ultima carta, [illegible]alogrou-se-lhe o desejo de levantar-se. Agora já a infermava [illegible]mbem o receio de que as tençoens do filho fossem estorvadas [illegible]r algum dos mil successos que a fantasia escaldada [illegible]e ante-punha. A bondosa abbadeça, a fim de socegal-a, prometteu-lhe, chegando menino, abrir-lhe a portaria, contra o estatuido na Regra benedictina, e dar-lhe quarto ao pe do de sua mãe. Dissereis que Alvaro era o bem-vindo de todas as monjas, e para a festa da chegada se apostavam todas, com offertas e mimos, e um ar commum de festa, como se estivesse á porta o solemnissimo dia do patriarcha, cujas folhas eram.

Que folgasans, e não sei se, ao mesmo tempo, sanctas, eram aquellas creaturas do mosteiro de Bairão, onde, n'esse tempo, florejava em dons do espirito e primores de coração a secular que depois esposou um dos maiores talentos de Portugal, o inemitavel poeta Anto Feliciano de Castilho! Com que amor e admiração se liam então ali as riquezas balbuciantes do bardo de „Ecco e Narciso„ e os maviosos regorgeios d'aquella „Primavera„ em que ainda hoje o espirito inverniço do leitor se pode

sentir verdejar aos balsamos das flores, que lá estão em perpetuo
vicar e aroma na grinalda do + então, e hoje, e sempre juvenil poeta!

O vinda a hora da acção, e froixo hade ser o traslado, não á conta de
termos escassamente debuxado na idea, mas é que o desenho de Maria
e Gloria, ao dizerem-lhe que entrara o filho no pateo do mosteiro, não
faz a linguagem, e só o pincel de artista de sentir delicado o tiraria
a limpo.

Chegou Alvaro ao pateo do mosteiro.

Foi Cecilia a da nova, e de poz ella vinham todas, alviçareiras,
a esbofar de cansadas.

Maria sentou-se de impeto no leito, e abraçava, vertiginosamente, quantas
entravam ao pé da cama, + onde todas vieram. Até a prelada, menos gotosa que nos ou-
tros dias, regamboleava a perna, revel á propria sineta de ma-
tinas! A mãe de Alvaro pedia os vestidos, e todas á porfia
lhe davam os fatos em duplicado para se vestir, chilreando destoa-
damente uma inglezia de que as proprias noviças estavam como
pasmadas. Já Maria saltava do leito meio-vestida, quando
entrou a Dona Abbadessa, e a obrigou brandamente a recolher-se
á cama, que assim o mandára o medico, e não se faria mister
ir buscar nos braços quem ali vinha ter por seu pé.

[illegible] este tempo, correu a chusma das noviças á porta da cella, como [illegible]vinem de longe o rangido das botas nos sonoros corredores dos dormitorios. [illegible]nha Alvaro com a madre porteira, com a madre escrivan, e com a madre [illegible]e estava de semana no encargo de acompanhar os facultativos ás cellas [illegible]s suas doentes.

[illegible] filho de Maria da Gloria, quando viu um grupo de treze noviças, com os seus veos brancos e as toucas graciosas, onde inquadravam rostos mais encarnados que seraphicos, não formou idea de todo horrorosa do [illegible]rcere de sua mãe. O interior d'um mosteiro era-lhe novidade; e posto que, n'aquelle tempo, a frequencia das grades monasticas era uso e moda das boas familias, Alvaro nunca vira freiras, e julgava d'ellas pelas que via macilentas e magras nos retabulos das igrejas.

As noviças, como ja não coubessem no quarto de Maria da Gloria, agruparam-se no corredor a um lado, da porta, abrindo passagem ao hospede e ás tres senhoras. No limiar da cella estava a prelada, que tomou a mão do menino, e o guiou ao pe do leito. Maria, quase a resvalar da cama, recebeu o filho nos braços, e apertou-o contra o seio

em silencio de soffregos beijos, [illegible], rapidos intervallos, [illegible] o affastava de si [illegible] e contemplava com olhar phrenetico, e [illegible] convulsivos como os da loucura.

— E' o meu filho! — exclamou ella circumvagando os olhos mais soberbos que ma-
viosas pelas religiosas que choravam — E' o meu filho! é a minha riqueza!
Tenho vivido em tormentos de onze annos para este instante... Dizem-me [illegible] a bastar, e
a felicidade suffoca-me...

E bracejava, ativando [illegible] as tranças soltas para as costas.

Alvaro contemplava a mãe com ar de assombro. Tinha visto um retrato, como
ella, n'aquelles annos, poderia imaginar um anjo. A mulher, que ali via,
era magra, livida, e com as rugas da velhice precoce nos rebordos macera-
dos dos olhos. Raros vestigios das feições antigas conservava a infeliz
aos trinta e quatro annos, idade em que o toque morbido, da belleza é muitas
vezes mais de captivar que o viço dos vinte annos.

— Não me esperavas assim ver tão velha, meu filho! — disse ella, cravando os
olhos no rosto de Alvaro.

Far muita differença do seu retrato, que lá tem o papá — disse o menino
[illegible], de apertado que estava nos braços da mãe.

Quando eu tirei aquelle retrato, meu filho, era feliz, e tinha dezoito annos. Não
sabes que me [illegible] arrancado, ha onze annos, dos meus braços, Alvaro?

Onze annos a pedir a Deus este dia, meu querido filho!.. Onze annos!.. E Deus sabe se tornarei a ver-te!..

Maria da Gloria debulhou-se em lagrimas, e rompeu em gritos. Todas as freiras a um tempo lhe disseram palavras consolativas e de esperança. Alvaro, vendo que sua mãe ia cahir expaurida de forças para o espaldar do leito, tomou-a para si, e sobmetteu o hombro ás rosto pendido e gotejante de suor.

A prelada mandou sahir as religiosas, que pejavam o quarto mal arejado. Abriu-se a pequena janella, e Maria tornou a si, sentindo a mão do filho affastar-lhe da face os cabellos ja passados da cupiosa transpiração.

A discreta abbadessa tambem sahiu, cessando a porta.

— Sinto-me vigorosa... — disse Maria — Olha, meu filho, entra n'aquella cella, e espera-me la.

Alvaro passou á especie de antecamara que sua mãe tinha, com serventia interior, por graça especial da prelada, e por que lhe sobejavam recursos para as mal denominadas regalias do convento.

Viu Alvaro neste recinto, pequeno, mas bem assombrado e até bonito em accio de adornos, uma livraria, que tomava um dos quatro lados, e

alguns retratos, que eram o de seus avós maternos, e outros ~~[illegible]~~ hai-
neis de devoção. Sentou-se á banca onde sua mãe escrevia, e re-
lanceou os olhos por sobre os papeis espalhados n'ella. Entre estes
estava aberta a ultima carta, que Eufemia escrevêra a sua a-
ma. O pequeno não adivinhou a delicadeza de ~~[illegible]~~ custar os olhos ao
estimulo da curiosidade. Leu a carta, e ~~[illegible]~~ entendeu a promptidão com
que lhe foram abertas as portas + do mosteiro, + onde a sua ama lhe ~~[illegible]~~ havia dito que
não era permittida o accesso, salvo ás grades, e um momento na
portaria, se sua mãe sollicitasse o prazer de abraçal-o. Maravilhou-se
do segredo que Eufemia vellara d'elle, occultando-lhe as suas relações
epistolares com a mãe. ~~[illegible]~~ Sentiu-se mais obrigado a estimar a virtuosa
mulher, que ~~[illegible]~~, para escrever á encarcerada,
~~[illegible]~~ de todo o mundo se escondia, temendo ser repellida da casa, onde
estava o filho da martyr, e ella, a ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ alma unica de quem
podia a mãe fiar as suas queixas, ~~[illegible]~~ e receber palavras que
se temperassem as desesperadas saudades.

Maria da Gloria, vestida em desalinho, ~~[illegible]~~ entrou no ~~[illegible]~~ quarto, on-
Alvaro ~~o~~ estava.

Sentou-se ~~[illegible]~~ n'uma cadeira de espaldar, e achegou de si o filho, que parecia tomado de melancolico spasmo.

– Estás tão triste, Alvaro!.. E' ~~a visão~~ vista de tua velha mãe que te entristece?

– Não, minha senhora; é o pezar que eu tenho de a não ver em nossa casa. Por que está aqui ha tantos annos, minha mãe?

Maria impallideceu, e balbuciou por entre beijos, em que parece que desabafava a vehemente oppressão da innocente pergunta:

– Tu não me entenderias, se te eu dissesse a causa desta minha desgraça, filho do meu coração. E' muito menino ainda p.ª comprehenderes a ~~[illegible]~~ calumnia de que sou victima.

– Mas – atalhou Alvaro com intervalos de suspensão, que denunciavam ás a ~~[illegible]~~ innocencia de ~~[illegible]~~ sua ignorancia das ~~[illegible]~~ calamid.es da vida – o pai não pode ser tão máo que tenha aqui preza sem alguma culpa a minha mãe... Diz a Eufemia que elle fôra m.to seu amigo, e o meu mestre de inglez tambem me disse que eu nascera na epoca da felicid.e

Cala-te, cala-te, meu filho – exclamou Maria, afogada em so–

luços.

– Não chore assim, minha mãe – acudiu o menino, a chorar com
ella – Escreva ao papá, peça-lhe que a ~~[illegible]~~ tire d'aqui; talvez
que elle tenha pena de si agora. A mãe ja não lhe escreve com
ha quatro annos?

– Quem te disse que eu lhe escrevia, filho?

– Eu li as cartas, adescondidas do pai, e trago-as comigo, porque
não tornei a encontrar aberta a gaveta d'onde as tirei. São to-
das de 1820. A mãe não escreveu mais algumas?

– Não, porque teu pai nunca me respondeu a ellas.

– Escreva-lhe agora, sim? Escreva-lhe quando eu ja estiver em
Lisboa...

– Que farias tu, meu querido filho? que importaria escrever eu
a teu pai?

– Eu pedia-lhe que tivesse compaixão da minha mãe...

O dialogo durou assim até á hora em que Maria da Gloria
e seu filho foram chamados a jantar em casa da abbadessa.

Todas as religiosas e noviças foram commensaes no banquete dado pela prelada ao filho da ~~[illegible]~~ senhora, querida de todos. Alvaro ficou sentado entre sua mãe e a abbadessa. Defronte estava uma religiosa de annos dilatados, a qual, desde muitos mezes, só na sua cella e no côro se encontrava. Não tinha sido convidada, em respeito á sua austera soledade e ~~continuada~~ continua oração mental em que praticava com Deus. Foi ella mesmo q̃ se offereceu para o jantar, disendo que não podia faltar ~~ao~~ áquella honra feita a um anjo de dor e de paciencia. Isto, dito por soror Joanna das Cinco chagas do Senhor impressionara fundamente o animo de algumas senhoras para quem a innocencia de Maria da Gloria era uma piedosa hypothese. Durante o jantar, a sancta, ~~[illegible]~~ que n'esta conta era tida e assim denominada a decrepita ~~[illegible]~~ monja, fallou algumas vezes com Alvaro, já perguntando-lhe se desejava ficar com sua mãe, já queixando-se de que a sua vinda fosse o prognostico de ella ser ~~perder~~ brevemente furtada ás suas amigas do convento.

A este dito, respondeu Maria da Gloria que a vinda do seu filho era uma felicide, que ella devia ás oraçoens de Soror Joanna, e d'outras virtuosas senhoras, suas dignas companheiras na terra e no ceo; accrescentava, porém, que não esperava ser restituida a seu filho e á sua dignid.e de esposa.

Viram todas erguer a religiosa o braço descarnado, e abrir a mão como quem impõe silencio ás palavras de duvida, e contradictorias como as do espirito divino que lhe fallava. Deu-se um religioso silencio, tal que nem as respiraçoens se ouviam.

Estas foram as palavras de Soror Joanna das Cinco Chagas do Senhor:

"A mãe será restituida ao filho, e a esposa ao coração de seu marido, e aos respeitos do mundo.

~~Estas simples [illegible] porque~~

Por que é que os cabellos estremeceram, ~~[illegible]~~ e o calefrio ~~[illegible]~~ vi-

~~[illegible]~~ brou os nervos de quantas pessoas ouviram o tom

~~[illegible]~~ prophetico da virtuosa ancian?. De feito, ~~estava~~ havia instincto do ceo n'aquellas palavras, o som d'ellas tinha a um tempo a força electrica de que o ouvido se estremece, e a uncção suavissima que banha a alma de luz da fe.

Maria da Gloria mandou o filho beijar o habito ~~[illegible]~~ da religiosa. Alvaro foi, tão passado de devoção e como alheado na sancta poesia do lance, que lhe tomou de joelhos a mão.

Soror ~~[illegible]~~ Joanna deu-lhe a beijar a mão tremula, fez um geito de levantal-o da postura humilde, e, assentando os dedos afilados sobre as faces descoradas do ~~os cabellos negros do~~ menino, disse com um ar de graça ~~[illegible]~~, ~~[illegible]~~ maviosa como se nos labios lhe ~~n'elle abrisse Deus~~ abrisse Deus um sorriso de sua misericordia:

— O anjo do resgate veio ~~tarde~~ em fim; e não veio tarde, porque chegou á hora em que Deus o mandou chegar.

Os animos ficaram tão absorvidos ~~desta~~ n'esta affectuosa scena, que só volveram os risos e os gracejos depois que,

findo o jantar, a sancta se retirou incostada ás duas religiosas, que haviam sido suas discipulas de noviciado, e contavam para mais de setenta annos.

Duas horas depois do jantar, foi Maria da Gloria com seu filho visitar soror Joanna. Encontraram-a em oração, e iam retroceder, quando ella fez signal de ficarem.

— Que pena tenho eu, disse a freira com mto alegre semblante, de não ter nesta minha pobre cella um mimo que dê a este menino, para se elle lembrar da velha que viu no mosteiro de Bairão!

— As suas palavras gravam-se para sempre no coração, minha senhora — disse Maria da Gloria, beijando-lhe o escapulario.

— Ora, disse estar — tornou a religiosa — heide ver se o não deixo ir sem uma lembrança minha... Quando vai embora o menino?.. não deve demorar-se mto...

— Eu desejava estar mais tempo, disse Alvaro; mas

não tenho remedio senão ir ámanhan, que não vá o papá dar fe da mª falta.

— Ámanhan! — exclamou Maria — pois ja me deixas ámanhan!?

— E deve ir ámanhan — respondeu Soror Isauna com impressiva firmeza, como se desse ordens.

— Quando tornarei a ver-te, ó filho da mª alma? — tornou debulhada em pranto a mãe de Alvaro.

— Mulher de pouca fé .... — murmurou a sancta, com brando sorriso, e um meneio triste de cabeça — O menino, ajuntou voltando-se para elle, e tomando-lhe as mãos entre as suas, sae de madrugada, sim?

— Sim, mª senhora, se a mª mãe deixar.

— Sua mãe deixa. Pois ás quatro horas, antes do toque a matinas, tenha dizer-me adeus. Vá agora menino, vá com a mãe — tinha pª as outras senhoras que hâo de estar saudosas d'ella.

d'ella.

E sahiram ambos com sobrenatural alegria de esperanças no coração. Sahiam-lhe as encontros nos dormitorios, na claustra, na cerca as freiras, as noviças, e as cercadas a felicitarem-n'a com ella do termo dos seus males, juntando todas no vaticinio da santa. Maria já não duvidava. Recebia os parabens como se a promessa lhe descesse directamente do ceo. Sa o apartar-se de seu filho não lhe doia tanto. Fez-se um mundo novo n'aquelle espirito. As aves da floresta entoavam por ella louvores a Deus. As flores dos taboleiros recendiam o perfumes das flores da sua mocidade. O azul do ceo já não tinha o aspecto triste e de ferro com que se mostra a olhos marejados de lagrimas. Riam-lhe as aves, e o ceo, e as flores. A natureza inteira a dar-lhe as boas-vindas do seu filho! E ella, sempre as pés d'ella, com as faces anneviadas de tão doce melancolia, que fazia lembrar o grave e sereno rosto do cherubim, que no retabulo do templo, traz á Virgem de Nazareth o annuncio da

sua maternidade!

Fugiam as horas do dia. As do silencio, na breve noite que se seguiu, passou-as desveladas a ditosa mãe ao pé do filho que adormecera de fatigado. De hora a hora despertava-o com a presença dos beijos, e acalentava-o depois, como doida de felicidade, á lembrança ~~do primeiro~~ do amor com que o velava no seu primeiro anno.

Soaram tres horas. O criado estava ja no pateo com a cavalgadura arreada. Maria, forçada pelas instancias, tentava, mas não podia ~~accordar o filho~~ accordar o filho.

- Accordal-o para o ver ir de mim!... - dizia ella, chorosa.

Resolveu-a um recado de Sóror Joanna: ~~Luiza~~ mandava dizer que estava esperando o menino, e que fosse, por que eram horas de côro. As palavras da santa deram-lhe alma para o trance.

Foi Alvaro ao cubiculo da religiosa, e sua mãe com

elle.

– Entrem, meus filhos – disse Sóror Joanna – Venha aqui o menino: não ha tempo para demoras. Aqui tem a lembrança que leva desta sua velha amiga. Logo que chegue á Lisboa, antes de entrar na sua casa, vá entregar esta carta. A pessoa é bem conhecida. Quem lhe dirá onde mora esta pessoa. Agora, vá com a Virgem Santissima. Quando voltar, me dará novas da pessoa a quem escreve. Em quanto á vós, minha penitente – continuou acariciando Maria – notai bem o que vos digo. Prohibo-vos de ver o sobrescripto da carta que vosso filho leva. Intendeis, Maria?

– Oh Minha senhora!– disse a conturbada mãe, beijando-lhe a mão – Sou incapaz de desobedecer-lhe...

– Bem o sei: conheço o vosso coraçaõ melhor que vós mesma. Ide com Deus, filhos!

DO ultimo abraço que Maria deu em seu filho passou sem sentidos para os braços de Cecilia.

Alvaro, escassamente chorava. Sentia em si o coração forte do homem. Quando, porém, relanceou os olhos para a portaria, que se fechava, não viu senão o alvacento veo das suas lagrimas.

BNP

VII

Quem não vê por isto que o mundo é um juiz injusto?

S. Francisco de Sales (Introd. á vida devota)

Juro que um chamem milagreiro, a tomem este livro como additamento á „Flor dos sanctos" de Ribadeneira. Não quero semelhante nota. Vou demonstrar que Soror Joanna das cinco chagas do Senhor não fazia milagres: antevia unicamente, com os olhos de sua virtuosissima alma, as consequencias do que já sabia. + tambem Saiba o leitor que este romance, por ter o merito da verdade, não custa nada a fazer: é a natureza que o faz.

BNP

É já sabido que Manoel Teixeira de Macedo foi a Macáo, em 1815, liquidar a herança paterna de sua mulher. (81) mag-

fag 81 fl: 6.

Maria da Gloria tinha então vinte e trez annos, e mta formosura. Não dizei que amava, mas estimava grandemente seu marido, mais velho que ella dose annos. Não casara apaixonada, nem se quer voluntaria. Seu pai, commerciante laborioso, sympathisou com o incansavel bastardo do titular, tomou-lhe o pulso dos haveres, e achou-o ja rico aos trinta e dois annos; e, como deixasse o seu negocio na India entregue a caixeiros, ~~apressou~~ acceleron o cazamento com o duplo fim de desapressar-se de cuidados, que lhe inquietavam os ocios de ricasso apozentado. Não quero dizer que os ~~casamentos~~ esposorios de paixão assegurem felicidade duradoura: sobejam ahi exemplos do contrario; estou, porém, em affirmar que os casamentos involuntarios é que não asseguram felicid. nenhuma.

Na auzencia de seu marido, ~~[illegible]~~ a vida de Maria da Gloria era ~~[illegible]~~ o amor de incanto ~~[illegible]~~ á creancinha ~~que~~ de trez mezes. Não a mortificavam grandes saudades, e menos ainda ciumes. Toda no filho, não curava d'outras sensaçoens, como quem ja não era sua, ~~nem~~ e so vivia para elle.

Defrontava com a sua cara um cavalheiro de annos adiantados, quarenta teria, mas sobravam-lhe qualidades para ser prezado. Umas dava-lh'as a figura, outras a posição e os creditos. Era um magistrado, e chamava-se João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhaens.

Está o leitor como atonito de ver em romance um galan que não se chama Alfredo, Ernesto, Arthur, ou Julio. Acceite-o assim, que era aquelle o nome do cavalheiro, que foi depois intendente geral da policia, e ministro de estado, e holocausto de suas ideas liberaes no destorro, se bem que exilado pelo illegitimo soberanno aquem honradamente servira.

João de Mattos reverenciava a sua moral, nunca violara os deveres de bom cidadão, respeitava os direitos alheios por amor de si, tinha que farte deste util egoismo que equilibra os actos humanos, e forma o pilar das virtudes sociaes, sem absoluta dependencia dos preceitos religiosos. Pensava com Benthan, e não tinha ido mal com tal guia. O caminho do philosopho inglez não é tão abrolhado de difficuldades como o dos moralistas asceticos, e tem de bom que conduz ao mesmo ponto — á virtude, sem penitenciar o corpo

94

nem a alma.

João de Mattos amou Maria da Gloria.

Mandam-me, talvez, cancellar o periodo em que ficam elogiadas as qualidades do magistrado. Não consentem que se compadeçam as virtudes sociaes com aquelle amor. Isso é juizo de vulgo errado.

Aqui tenho eu aberto um livro de grande nomeada. É' O dever, d'um professor de moral em França. A academia premiou-lh'o, e os seus concidadãos consomem as edições, e moralisam-se. Este livro dá preceitos para ~~corrigir~~ regrar todas as profissões da alma. Esplora a origem d'estas, e tenta corrigi-las desde a raiz.

Quando, porem, intende no sublime verbo do „Amor", exprime-se dest'arte: " A origem do amor, e os alimentos que o nutrem, quaes são? Como cresce? Como acaba? Não ha direito: tão variavel é tal sentimento. No maximo dos erros, é pelos olhos que nos sentimos captivos; mas o amor acha mil avenidas por onde insinuar-se na alma. É' notorio o modo como o poeta faria fallar Othello: 'Contava-lhe os meus trabalhos: não empreguei em

Mon cher Ami,

Je vous écris à la hâte pour vous dire que je suis très heureux de votre succès. Je vous félicite de tout mon cœur. Je suis sûr que votre pièce aura un grand succès. Je vous félicite de tout mon cœur. Je suis sûr que votre pièce aura un grand succès. Je vous félicite de tout mon cœur. Je suis sûr que votre pièce aura un grand succès.

tra magia?.... »

N'outro relanço diz:

" ~~Donde vem~~ o amarmos as cousas bellas? por que são bellas;
e as boas? por que são boas. » Vão tomando nota.

Outra passagem:

" Uma paixão nos ~~enfraquece~~ e nos abandona, sem podermos atinar
com o porquê. Sahimos a negocios, e deparam-se-nos ao ~~volta~~ Dobrar
d'uma esquina a mulher, que vai transfigurar-nos o coração »

Ultima citação:

" Como havemos de conjecturar uma paixão que a si mesma se
defenda de demasias? Absurda coisa! Para a ~~alta~~ paixão ha ~~os~~ um freio
somente: é o desgosto ou o ~~fastio~~ »

Conclusões a tirar em favor da paixão de João de Mattos,
sem implicancia das suas excellentes qualidades:

Não sabia elle como nascêra o seu amor; ~~nem sabia ainda~~ menos sabia ainda
da como havia de matal-o. Amou pelos olhos Maria
da Gloria; mas ~~as mil avenidas da sua alma tinham~~ as mil avenidas da sua alma tinham
sido escaladas pelo amor. Amou-a, + a formosa por que era ~~formosa~~.

Achou-se transfigurado no coração, quando o cria esmagado sob a ~~[illegible]~~ gravera ~~[illegible]~~ dos calculos ambiciosos de gloria. Quiz infrear ~~os~~ impetos do sentimento ~~[illegible]~~; mas, antes do fastio, ~~nenhuma hora~~ naõ ha hora alguma em que o amor, como o leão sesonatico, se deixe acorrentar.

Ahi está. Se eu não consegui desculpar o magistrado com o livro ~~do~~ d'o Dever, perdoem-lhe os leitores por misericordia.

Quaes foram, porém, as demasias do visinho de Maria da Gloria? ~~[illegible]~~ Recebeu uma, duas, seis quartas, ~~[illegible]~~ longas e eloquentes como devia dictal-as o coração e o genio. A esposa de Manoel Teixeira peccou lendo a primeira, e lendo todas; mas naõ respondeu a alguma.

Joaõ de Mattos subiu um dia as escadas da esposa leal, e ajoelhou-lhe, quando ella sahia da sua ante-camara para ir beyar seu filho no berço. Maria da Gloria estendeu o braço para a porta da sahida, e disse ao homem corrido e hallucinado:

— Quem lhe abriu as portas para esta infamia? Saia, senhor!

Não respondeu, e sahiu.

A mulher pura chamou o creado, que lhe entregára as cartas, por intervenção da ama. Não lhe viu os olhos. Atirou-lhe com a soldada, e despediu-o. O creado quiz explicar a intrada de João de Mattos. Maria da Gloria fez-lhe um gesto severo de silencio, e mandou-o descer no rasto de quem lhe comprara a fidelidade. Vacillou em despedir a ~~ama~~ creada, ~~olhou~~ Nesta oscillação olhou para o menino, e disse à ama ~~ella~~: "perdoo-te por amor do meu filho, e por que sei que a tua ~~culpa~~ culpa é de estupidez e não de immoralidade."

Maria da Gloria tinha este crime: lêra seis cartas de João de Mattos, e dissera uma vez ~~entre si~~ comsigo: "Isto entretem."

~~Vo it~~

Voltou de Macáo Manoel Teixeira de Macedo. Depois de abraçar a esposa, acordou o filho, e tanto o acarinhou que ~~estava~~ põe a creança a pique de morrer abafada. A bem-aventurança estava ali no viver de Manoel Teixeira. Senhor d'uma mulher bella, e virtuosa, e meiga; pai d'um menino lindo

como os amores; rico, sem ~~mais~~ ambições que não fosse logo comprar a ouro; estimado de uns sinceramente, e lisongeado por outros; cheio de saude e promessas de longa vida. Que mais pode dar este mundo?

O mundo não pode dar mais; mas pode tirar n'um momento tudo isto.

Uma tarde, entrou ao quarto de sua esposa Manuel Teixeira, e disse-lhe, com rosto sêcco e pesado:

— Por que despediste o criado Gregorio?

— Por que me não convinha — respondeu Maria, descorando.

— Por que descoras?

— Pois eu descorei?! — balbuciou ella — Impressionou-me a mudança do teu rosto.

Saiu Manoel Teixeira, por que n'este ponto entrou Euphemia com o menino.

Maria seguiu-o, e entrou com elle n'uma sala.

— Por que me fazes semelhante pergunta?! — disse-lhe ella, resolvida

a contar-lhe o acontecimento.

O marido fitou os olhos n'ella, e nas janellas de João de Mattos. Maria ia fallar, quando lhe elle voltou de golpe as costas, e sahiu.

— Deus sabe a m.ª innocencia: nada temo — disse ella.

É certo que Deus vê o crime e a innocencia de nós todos; consente, porém (e louvados sejam x por isso os altissimos juizos do Senhor!) que os innocentes sejam condemnados em muitas instancias, antes de serem citados ao seu tribunal supremo, e x — n'isto vai mto a dizer — não parece dar fé da impunidade dos que delinquiram. Os theologos é que sabem dizer como isto é, e convencem a gente de que os romancistas são os menos azados para desbindarem esta meada. Consultem os theologos.

Na porta visinha de João de Mattos morava um especieiro que fôra creado de Manoel Teixeira, e se estabelecera com o credito d'este. O logista procurou o seu antigo amo, e contou-lhe que vira entrar e sahir João de Mattos de sua caza, uma vez pelo menos, em quanto o seu protector estivera em

Macáo. Antes e depois da revelação, o mercieiro deu as razoens da denuncia: achava-se obrigado a náo consentir que o seu segundo pai fosse deshonrado por uma mulher indigna. E taes coisas disse neste sentido, e com tamanha dor, que chorou!

Manoel Teixeira náo viu sua mulher durante vinte e quatro horas. Decorridas estas convidou-a a dar um passeio de carruagem ao campo. Maria da Gloria tremia de vago terror, quando se vestia para sahir. Ia preparada, foi ao berço do menino, e ajoelhou para beijal-o. Manoel Teixeira contemplava inalteravel este lance. Que esforço de homem! náo digamos mal-dade.

Fora de portas estava uma liteira, e dois cavalleiros, que D. Maria náo conheceu. A carruagem parou.

— Apeie-se, disse elle depois que saltou rapidamente da sege.

Maria sahiu machinalmente.

— Entre n'aquella liteira.

— Para onde vou?! exclamou ella

— Sabê-lo-ha, onde a pozerem. Naõ ha tempo p.ª explicaçoens. Aquella mulher é sua creada.

— E meu filho?

— La irá. Estes homens saõ seus creados ate ao ponto onde a deixarem. Adeus

— Mas o meu filho! — exclamou estendendo os braços ao marido — Dá-me ao menos aquelle menino, se me lanças barbaramente de ti.

— Olhe que nos ouvem, senhora! As altercaçoens aqui, alem de tardias, são indecentes.

A creada tinha apeado. Maria da Gloria foi transportada quase sem sentimento á liteira. ~~A carruagem tinha voltado.~~ Manoel Teixeira já naõ viu este ~~[illegible]~~ dolorosa ~~de Lisboa~~ conflicto. ~~[illegible]~~

~~O capitalis~~

Deixemos ir ~~[illegible]~~ aquella martyr, e esperemos em Deus.

O capitalista naõ introu mais em sua caza. Pessoas estranhas tomaram conta de todo o contheudo n'ella. Enfemia e o menino foram recebidos em caza de uma familia, e d'ahi

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

levados para outro domicilio, onde os esperava Manoel Teixeira. N'esta nova casa, medianamente adornada, não havia um so movel da antiga, que suggerisse execraveis lembranças.

Correu a fama a contar os successos + pelas mil bocas da difamação. Dizia-se que a criminosa esposa do devditoso fôra incerrada n'um convento de Espanha; Que os remorsos a matariam ali; que o extremoso marido estava a ponto de inlouquecer; que os seus amigos desvellavam as noites á beira d'elle, receosos d'um suicidio. Isto é o que se dizia no gremio das familias, onde as atoardas da fama em buscar a sancção de evangelhos.

No entanto, João de Mattos, indigitado amante de Maria da Gloria, estava em Barcellos, sua terra natal, convalescendo da enfermidade do coração, medicada a tempo pelas offensas do amor proprio. De volta á capital, ouviu a historia, e deliberou-se nobremente a procurar Manoel Teixeira, e contar-lhe a innocencia de sua mulher, confessando a propria culpa. Era honrada, mas extemporanea a execução. O ricasso tinha ido viajar pela Italia, com o filho aos peitos da ama, e comprára uma quinta nos arrabaldes de Napoles.

Decorreram tres annos primeiro que Manoel Teixeira voltasse á
patria. João de Mattos, ja no topo das grandezas sociaes, nem
sem fe da chegada do negociante, nem é de crer que a lembran-
ça dos passados ~~[illegible]~~ successos o perturbasse no exercicio dos seus altos
cargos.× O homem é isto.

× Imaginava Maria da Gloria em Espanha, e, por decoro seu e d'ella, nunca inquirir o local, nem lhe parecia facil averigual-o.

O homem era tambem Manoel Teixeira de Macedo. Não
a julgal-o d'outro estôfo, vendo-o trazer comsigo de Napo-
les uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou
em Lisboa n'um palacete de ~~[illegible]~~ Belem. Consola, porém, dizer
que o filho de Maria da Gloria era o mais querido, o que elle
apertava ao coração com lagrimas, o que elle, desde os quatro
annos, trasia sempre sobre os seus joelhos, na carruagem, e
parecia aos carinhos de todos os seus amigos.

Entretanto, a martyr de Bairão; ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~, ajoelhando ~~[illegible]~~ supplicante ou recuando blasfema dos degráos do
altar, sentiu-se morrer em agonias atroces durante os milhões de instantes,
quatro annos. ~~E [illegible]~~ Estava da mão de Deus, por que era de

Deus um anjo, que ella via ao seu lado, ~~invisivel~~ no habito de

soror Joanna das cinco Chagas do Senhor.

Neste ~~largo~~ espaço, teve noticias de seu filho a longos prazos:

eram cartas que Eufemia lhe escrevia de Napoles: Logo que

as recebeu de Lisboa, escreveu a seu marido mtas cartas, que

ella lia x Não alcançou resposta de alguma. Ja sabem o q

ella pedia: ver seu filho, antes de ser chamada com o

pai á presença de Deus.

BNP

VIII

Dico vobis: Omnia quæcumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis.

Eu vos affirmo que todas as cousas, que na oração pedirdes, crêde que as recebereis, e succeder-vos-hão.

S. Marc. 11. 24.

Em 1825, era empregado, na qualidade de aguazil, da Intendencia geral da policia, um homem que merecera a confiança de João de Mattos nos mais importantes segredos d'aquella magistratura. Na presença do intendente e deste homem, alguem fallou um dia em Manoel Teixeira de Macêdo, como suspeito ~~do~~ partidario ~~da~~ ~~[illegible]~~ D. Carlota Joaquina, e dos assassinos do marquez de Loulé, no anno anterior.

Calhou a proposito fallar da graciosa Napolitana, que vivia ostentosamente em Belem, e da esposa, que fôra incarcerada n'um mosteiro de Espanha.

O quadrilheiro ~~[illegible]~~, que assistira mudo a esta conversação, em que João de Mattos denotava ainda vestigios do antigo soffrimento, a sos com elle, pediu-lhe mt° em secreto licença para lhe dizer que a mulher de Manoel Pieixeira não estava em Espanha, mas sim em Bairão, onde a elle conduzira com outro homem de sua confiança; diligencia de q̃ fôra liberalissimamente pago, sob condição de divulgar que D. Maria da Gloria tinha sido entregue na ~~[illegible]~~ raia a pessoas ~~que~~ encarregadas de conduzirem-na ao convento hespanhol.

João de Mattos recebeu de bom rosto ~~[illegible]~~ semelhante nova, e sem detença escreveu ~~uma carta a sua tia~~ a uma sua tia professa no convento ~~soror Joanna das Cinco Chagas do Senhor~~ de Bairão, pedindo-lhe mui reservadamente esclarecimentos á cerca de Maria da Gloria, intrada no seu mosteiro em 1817. ~~A tia~~ Soror Joanna das Cinco Chagas do Senhor era a tia de João de Mattos.

A discreta religiosa, sem dar a saber tal carta á sua infeliz amiga, contou ao sobrinho, com piedosas expressoens, o atormentado viver da pobre mãe, que, a ser de todo innocente como a ella julgava, devia ja ter nas mãos dos anjos a sua corôa de

Escreveu de novo o magistrado a sua tia, confirmando a conta
em que ella tinha a enclausurada, por uma confissão exacta
dos simples successos, que precederam a desgraça da infeliz se-
nhora. Accrescentava elle que punha á disposição de Maria
da Gloria todo o seu valimento para ella intentar contra
o marido acção de divorcio, separação do casal, e posse do
filho, visto que o pai, escandalosamente amancebado com x filhos
bastardos, não podia ~~cuidar~~ curar dignamente ~~da~~ da educação nem
bem gerir o
~~dito~~ patrimonio do filho legitimo.

Soror Joanna contrariou o plano judiciario de seu sobri-
nho, dizendo que o Senhor não faltava em tempo opportuno
aos padecentes humildes, e gostava que os desgraçados fiassem
d'Elle a inteira execução da sua justiça.

Joaõ de Mattos recalcitrou ainda na opinião de que a justiça
humana era a execução da vontade divina; mas a freira
redarguiu de força que o sobrinho não teve animo de contradizê-la,

e meditou ~~traça mais conveniente~~ mais summaria traça a libertar Maria da Gloria, ~~em~~ sem dependencia da vontade ~~dependente da Consulta~~ do Marido.

A ponto estavam estas intençoens de serem executadas, quando chegou a Maria da Gloria a carta em que lhe era dada a noticia da ida de Alvaro. Soror Joanna, n'aquelles ultimos dias anteriores á fausta nova, raras horas sahira do côro. Ahi a viam como arrobada em oração mental, e tão fervoroso devia de ser o seu orar, que as lagrimas, nunca vistas no rosto sereno da sancta, eram inexhauriveis durante aquellas horas do côro. As vezes, em communidade, erguia a voz, clamando: "Peçam commigo a nosso Senhor Jesus Christo que manifeste o poder do seu braço n'uma obra de muita necessidade" E as freiras, e Maria da Gloria com ellas, resavam ferventemente.

Dizem que Soror Joanna estava no côro, ~~quando~~ a tempo que chegou a noticia da vinda de Alvaro, e que, sem ninguem lh'a ter communicado, rompera em altas vozes de acção de graças, na presença de mtas testemunhas, q não souberam atinar com

a causa d'aquella subitanea exaltação. Eu não affirmo isto; mas quero accredital-o para mim. A poesia do ceo é esta. Não sei que hajam ahi outros incentivos que me chamem aos olhos as lagrimas do coração. Quem me quiser ver chorar, e vibrar de não sei que vehemente e religioso enthusiasmo, conte-me casos da natureza d'aquelles: faça-me accreditar na existencia d'umas almas que vão ~~[illegible]~~ entender-se com Deus por um raio resplendoroso de graça divina. ~~[illegible]~~

BNP

Dispensa o leitor que lhe refresquem a memoria dos successos decorridos com Soror Joanna, durante as vinte e quatro horas de ~~[illegible]~~ visita de Alvaro a sua mãe. Agora sabe que, no tom prophetico das palavras da sancta, não ha que ver com milagres. ~~[illegible]~~ Aquelles acontecimentos vieram ~~[illegible]~~ de seu, naturalmente, depois da troca das cartas ~~que os precedera~~ antecedentes, entre a freira e o sobrinho. ~~A virtude tem por~~ Per si mesma tem a virtude ~~si~~ umas saludas tão maravilhosas que não ha que dizer se as lançamos á conta de milagres, nós, os cegos d'aquella celestial ~~[illegible]~~ claridade a que as almas ~~[illegible]~~ escolhidas ~~[illegible]~~ a si se ~~[illegible]~~ vêem, e ~~[illegible]~~ se vão alumiando nas ~~[illegible]~~ escuridades da vida, ~~[illegible]~~ sempre tenebrosas para nós...

Para mim, devia ter dito; por que, em verdade, não posso nem devo duvidar das lavadas entranhas e clara fama dos meus leitores.

E' tempo de voltarmos a Lisboa com Alvaro. Iremos; porém, vejamos, em quanto elle caminha chorando d'alma com saudades de sua mãe, e sorrindo ás esperanças que lhe dera a freira, os successos que tão triste resultado promettem á temeridade do bom filho.

Ao terceiro dia da sua supposta ida para o colegio, o morgado dos Olivaes e Macedo Sebastião de Brito e sua filha Leonor, foram a Lisboa, e hospedaram-se em casa de Manoel Teixeira irmão natural, como se disse, d'aquelle fidalgo de antiga linhagem.

Leonor era a destinada esposa de Alvaro, desde o berço. N'este inlace posera o bastardo o fito da sua vaidade, e o legitimo o da sua ambição. A passo egual, enriquecia Manoel Teixeira, e alcançava-se Sebastião de Brito. Este encostava-se ao plano restaurador dos seus haveres; o outro gosava-se a cada nova hypotheca, que o irmão fazia. Se lhe emprestava quantias avultadas, cobrava titulo d'ellas, armas de vingança com que um dia, infringida a palavra do morgado dos Olivaes, cortaria as es-

perenças cubiçosas de outro pretendente. ~~[illegible]~~

~~[illegible]~~

Leonor perguntou logo por seu primo, ~~[illegible]~~ ao subir a escada. Manoel Teixeira disse que Alvaro estava no collegio, e que pedira um mez de solidão para se dar todo a ~~[illegible]~~ traduzir uma obra. Sebastião de Brito mofou das canceiras litterarias de seu sobrinho, e disse que não queria philosophos nem poetas para genros. Censurou que Alvaro não tivesse ainda recebido liçoens de equitação, indispensaveis n'um mancebo que era Brito e Macedo. Manoel Teixeira gostou da censura, e disse que o pequeno apenas tinha dose annos, e era de compleição franzina para aturar as fadigas da cavallaria. ~~Disse~~ Redarguiu o morgado que era uso na familia dos Britos e Macedos passarem os varoens do berço para a ~~[illegible]~~ Sella. Se outrem o dissesse, era epigramma decerto!

No entanto, Leonor disia que, a não vir o primo vêl-a, iria ella + sosinha + ao collegio, na carruagem do tio. Foi applaudida a galanteria da menina; e Sebastião de Brito, deixando-a ao irmão, foi visitar alguns primos e primas.

BNP

Foram Manoel Teixeira e a sobrinha ao collegio com o intento de surprehenderem Alvaro; e trazerem-no comsigo. O professor de ingler é que foi o surprehendido.

– Não mande parte a meu filho, disse o negociante, que eu quero apparecer. Ahe de repente com a prima.

– O snr Alvaro não está cá – disse o director do collegio.

– Como?! meu filho sahiu?

– Ha quatro dias que nos disse que ia passar um mez com os seus parentes dos Olivaes – tornou o director

– Isto que significa?! – replicou, entre colerico e espantado, Manoel Teixeira, interrogando o mestre de ingler.

– O snr director disse a verdade ... – respondeu aquelle, denotando emleio e turvação.

– Então foi meu filho que me mentiu? – tornou já muito alterado o commerciante – Não creio! Aqui ha embrulhada!

– Que embrulhada pode haver aqui? – disse com aredume o proprietario do estabelecimento.

BNP

— Não sei: é preciso que me digam onde está meu filho.

— Não sabemos, snr. Macedo; já dissemos a V.Sª que o suppuzemos nos Olivaes. Se seu filho mentiu, que o V.Sª castigue, mas não nos culpe a nós por nos termos fiado na palavra d'um menino, que nos merecia toda a confiança.

Manoel Teixeira sahiu de maneira atordoado que deixaria a sobrinha, se o ella não seguisse. A sua primeira idea foi... quem póde dizer qual foi a primeira idea do negociante, cujo amor paternal era de extremos? Levar a cara Leonor foi de certo a sua primeira idea.

Eufemia, desconfiada do que havia de succeder logo que viu Leonor sahir com o tio, ficou em sessaes, e emmoreceu de todo quando ouviu a voz clamorosa de seu amo chamando o filho.

Accudiram os creados todos, menos ella. Leonor foi ao quarto de Eufemia, e achou-a em desmaios. Tornou ao tio, contando-lhe o estado em que deixava a pobre ama.

N'estas aperturas, soou a campainha, e annunciou-se o professor de ingler, que pedia ~~[illegible]~~ fallar particularmte com o dono da casa. Manoel Teixeira reanimou-se.

— Vem dar-me alguma boa noticia? — exclamou o negociante com alegre rosto.

— Creio que sim.

— Apparecem o meu filho? diga, diga.

— Seu filho nunca esteve perdido, sir Macedo.

— Onde está, pois?

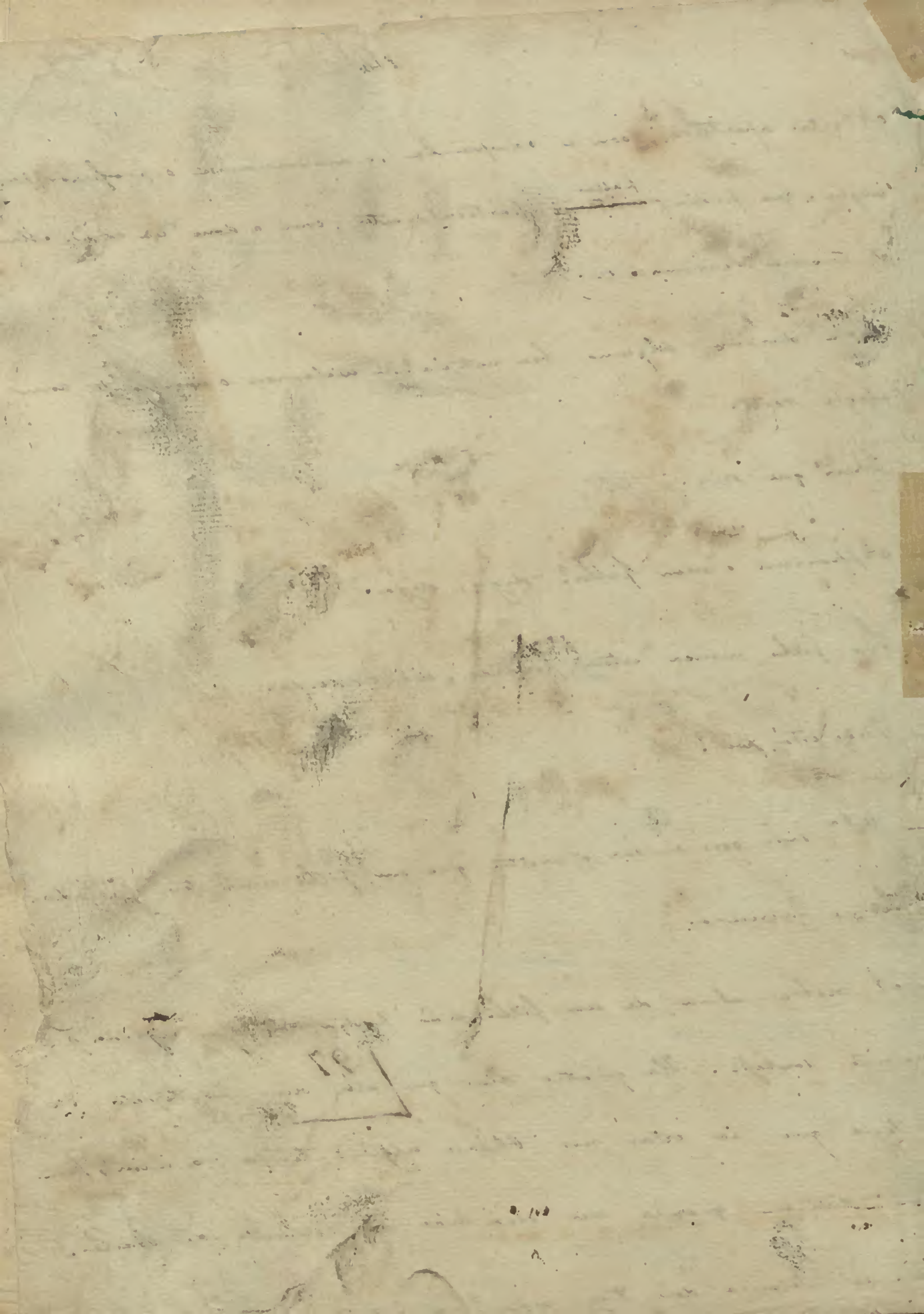
— V.Sª sabe que eu sou o mestre que seu filho mais tem prezado.

— Sei, e merece-o.

— A nobre alma de seu filho não podia ter um segredo q̃ eu não soubesse. Ha quatro dias que 97 elle disse ao director do collegio que ia estar nos Olivaes algum tempo; a mim, porém; disse-me que ia ver sua mãe ao convento de Bairão.

Manoel Teixeira deu trez upas na cadeira, e á quarta excla-

BNP



mou:

— Quem disse a Alvaro que a sua mãe está em Bairão?!

— Fui eu, snr Macedo.

— E como sabe o snr que ella está em Bairão?!

— Sei-o da voz publica.

— E que lhe importa ao snr o que diz a voz publica para o communicar a meu filho?

— Não me importa mto o que a voz publica diz; mas interessava-me mto servir os nobres sentimentos do filho de V.Sª

— Fez-lhe um grande serviço, não tem duvida nenhuma! — disse ironicamte o negociante — Quer-me mais alguma coisa?

— Quase nada, disse o professor — restituir a V.Sª seis meses da prestação que o director do collegio recebeu adiantados.

E, dizendo, tirou d'uma carteira dinheiro em papel, que estendeu sobre a banca a que Mel Teixeira encostava o cotovello direito.

~~O commerciante~~
~~[illegible]~~

Na garganta do negociante ficou afogada uma insolencia.

O brioso mestre tinha sahido, voltando as costas ao ricasso.

A inquieta Leonor introu logo perguntando as novidades. O tio não respondeu, e mandou-a sahir com insolito infadamento. ~~A~~ breve espaço, sahiu da carruagem, a dar execução a uma traça concebida rapidamente. Era simples: logo que o filho chegasse, mandal-o para Inglaterra, ~~[illegible]~~ demoral-o annos n'um collegio, interceptar-lhe a correspondencia com a mãe, e removêl-a a ella para convento estrangeiro. Chegou a dar ordens para ser procurado ~~o filho, e mas~~ Alvaro em Bairão, ou no caminho; mas, reflectindo, intendeu que era mais prudente deixal-o chegar inadvertido, que não fosse elle evadir-se ao castigo premeditado.

Eufemia foi severamente interrogada ácerca das revelaçoens que podera ter feito ao menino; e, como balbuciasse nas respostas, foi despedida, e ameaçada de cadêa, se elle viesse a descobril-a cumplice na fuga de seu filho. Sahiu a pobre mulher, e escreveu a sua ama; esta carta, porém, chegou a Bairão dois dias depois da sahida de Alvaro, e não foi ~~interceptada~~ subtrahida no corr.º de ~~em~~ Lisboa, por que ia ~~[illegible]~~ inderecada a uma das creadas de Maria da Gloria.

Agora é que temos Alvaro em Lisboa.

Mal apeou, informou-se da residencia de João de Mattos Vas.cos Barbosa de Magalhaens, e foi apresentar-lhe a carta da religiosa. Estava o magistrado com altos dignitarios do estado em occupaçoens gravissimas, quando se lhe deu parte de um menino, que era portador de uma carta de Bairão. Afastou-se á parte com Alvaro, leu a carta, mtas vezes interrompida pelo relance de olhos embaciados que lançou á creança. No fim da leitura, tomou-o para si, beijou-o, e disse-lhe com muita meiguice:

— Sua mãe fez-lhe mtos carinhos? Que horas de felicid.e o menino lhe levou!... Ora deixe estar, que hade ser mto feliz com ella... Espere aqui um pouco, que eu volto ja.

Voltando, tocou uma campainha. Appareceu, afastando o reposteiro, o aguazil, que escoltára M.e da Gloria a Bairão.

— Onde mora o menino? — disse João de Mattos.

— Na rua de S. Bento, n.º 12 — responden o esbirro.

— Va ja ter á rua de S. Bento N.º 12 com aquelle homem do Li—

moeiro – disse o intendente – Agora vamos, menino.

Esperava-os a carruagem blasonada do sobrinho da sancta de Bairão.

– Quem será o homem do Limoeiro?! – ia dizendo entre si o filho de Mª da Gloria.

IX.

Os insensatos não comprehendem como se inlaçam o merecimento e a felicidade.

Goethe (Fausto)

N'uma das suas muitas horas de desgraça impaciente e raivosa, é que estava Manuel Teixeira, ao annunciarem-lhe que parára á sua porta uma carruagem com a libré do intendente geral da policia. Não tinha elle ainda desprogado a lingua do canto da bocca meio-aberta de pasmo, quando o guarda-portão fez annunciar João de Mattos, e Alvaro. Aqui nos faltam termos com que digamos ao justo o logar de surpreza com o ímpeto de loucura rapidamente figurados no aspecto do negociante. É muito de cada qual imaginar a turbação que devia sentir o marido de Maria Gloria, sendo

entrar seu filho ao lado do amante de sua mulher!

Estava já ~~João de Mattos~~ na sala de espera João de Mattos, algum tanto embaraçado em sua especial posição; mas tranquillo na apparencia. Ia o dono da casa se ia demorando, qd a sala immediata se abriu, e ~~um~~ o escudeiro ~~pedia~~ veio ahi dizer a S. Exca que o Snr ~~João de Mattos~~ Teixeira de Macedo não se demorava. Alvaro tremia, e infiava. João de Mattos tomava entre as suas as mãos do menino, e dizia-lhe:

— Que mêdo é esse, menino?! Seu pai não lhe faz mal.. Tranquillise-se, que isto não é nada. Por que treme?

— Nem eu sei dizer... Não é medo...

Durante um curto dealogo assim travado entre o homem e a creança, vagava como hallucinado o negociante, remettendo contra a ~~[illegible]~~ porta que o separava da sala em que era esperado, e recuando com o gesto cada vez mais descomposto. Nesta afflictiva ~~dolorosa~~ oscillação, tornou ao seu quarto, tirou d'um estojo uma pistola de dois tiros, accomodou-a na algibeira do chambre de

Cachemira, e introu na sala com synistra serenidade.

Joaõ de Mattos ergueu-se, e disse com pausada gravidade:

— Naõ me é difficil ler no rosto de V.S.ª o abalo que o meu nome lhe fez. E' taõ natural esse sentimento de odio, que deshonrado seria V.S.ª se o naõ sentisse contra mim.

— E vem á minha casa?! — disse Manoel Teixeira com os olhos fitos no pavimento que se interpunha aos dois.

— Venho a sua casa, snr Macedo, offerecer-me desarmado e sosinho á sua justa vingança...

— E como se acha meu filho ao lado do snr intendente? — interrompeu o commerciante, relanceando os olhos fuzilantes sobre Alvaro.

— Vai V.S.ª sabêl-o; mas eu peço que o meninos nos deixe sosinhos por alguns segundos.

Alvaro sahiu da sala; Joaõ de Mattos fechou a porta; e Manoel Teixeira encostou-se ao bordo de um tremó, e cruzou os braços em postura, que seria dramatica, se naõ

osse incivil.

João de Mattos, com a mão esquerda na lapella da cazaca, e direita, ~~empunhando~~ segurando o chapeo, sobre a cintura, fallou assim:

Creio que o ~~seu~~ Manoel Teixeira tem sobeja intelligencia para conhecer que um homem, como eu, na sua prezença, e na sua casa, significa ~~[illegible]~~ um successo extraordinario movido por um impulso tambem extraordinario.

Eu desejo realmente saber o que vem V.Ex.ª fazer a minha casa.

Tenho ....

Um creado cortou a resposta, dizendo que um meirinho que acompanhava um prezo entre soldados queria fallar a S.Ex.ª

A mim ?! – disse o negociante.

E' a mim – accudiu sorrindo João de Mattos – Queira Ex.ª consentir que o prezo ~~[illegible]~~ esteja ás minhas ordens na sua sala de espera –

Mel Teixeira ergueu os hombros, e disse inleiado das estupendas occorrencias:

— Mas esse prezo é coisa que tenha relação comigo?!

— É o facto importante da nossa entrevista, respondeu João de Mattos, e accrescentou com tristeza: é o fecho desta abobeda debaixo da qual Vsª hade sentir esmagado o coração... Queira attender-me: Eu morei, ha onze annos, em frente do seu palacete. Não era ja moço de paixoens violentas; mas ... era homem. Amei a snrª D. Maria da Gloria por que a vi, e por que ella me não dava o mais leve signal de estima nem se quer de preoccupação das minhas constantes sollicitaçoens. + O coração humano é assim absurdo. Vsª foi n'essa epoca á India, e eu cuidei miseravelmente que a esposa fiel deixaria de o ser na auzencia de seu marido. Havia na sua caza um criado, que adivinhara as minhas intençoens, e se me offereceu para entregar uma carta a sua ama. Acceitei

paguei liberalmente o serviço do seu creado; porém,
nevi mais cinco cartas instando pela resposta da
imeira. Sua esposa nunca me respondeu. Um dia, fui
imado pelo meu confidente a intrar furtivamente
a caza de sua esposa, e esperal-a na passagem ~~d'uma~~ do seu
arto para uma sala. × Cego de m^a paixão, não ~~Não~~ comprehendi que prati-
va uma deshonra; mas sua mulher lançou-m'a
á rosto, e eu sahi de sua caza, cuidando que me
a sobejo castigo o desprezo com que fui expulso
or um ligeiro acêno de mulher. Momentos depois,
creado era despedido tambem, e a esposa sem macula
licou pensando ~~[illegible]~~ que Deus abençoara a sua resolução, e que
mundo lhe seria sempre uma testemunha e um
pplauso da sua dignidade. Terminei. Agora peço
icença para ser trazido á nossa prezença o prezo.
Manoel Teixeira fez um gesto ~~affirmativo~~ como de anthomato. João de Mattos
vantou o fecho da porta, e disse ao meirinho:

Entrem ... Conhece este homem? – disse elle ao negociante,

indigitando o prezo.*

– Tenho ideas ... – respondeu Manoel Teixeira, affirmando-se

– Diz ~~ao [illegible]~~ a este senhor quem es.* – tornou o intendente

com ~~[illegible]~~ terrivel sombra ao prezo.

– Eu sou aquelle creado, chamado Gregorio, que ca estive

ha onze annos em casa de V.Sª

Mal + o prezo + proferiu estas palavras, cahiu de joelhos aos pes

de Manoel Teixeira.

Mande erguer esse homem – disse o intendente – O juiz

aqui, sou eu. ~~[illegible]~~. Levanta-te, e responde. Entregaste alguma

vez cartas minhas á tua ama, esposa deste snr?

Gregorio balbuciava, e João de Mattos atalhou com formi-

davel e colerico assento:

Se faltas n'um so ponto á verdade, mando-te espeda-

car os pulsos com dois anneis de ferro. Responde. En-

tregaste cartas minhas á snrª D. Maria da Gloria?

— Sim, snr — disse o prezo.

— Entregaste-me algumas cartas da snra D Maria da Gloria?

— Não, snr.

— Quem me disse que entrassi na caza de tua ama, e me encaminhou ate ao logar onde ella havia de passar?

— Fui eu, snr.

— Qual foi o procedimto de tua ama, quando me viu ajoelhado a seus pes?

— Mandou-o sahir de cara...

— E a ti que te disse?

— Mandou-me embora.

— Que disseste tu a teu amo, quando elle voltou de Macáo?

O prezo ajoelhou outra vez aos pes de Manoel Teixeira, exclamando:

— Eu menti a VSa, e fui a causa da desgraça de ma ama;

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

mas quem me aconselhou foi um logista, que tinha sido cai-
xeiro de V.S.ª Perdoe-me pelo amor de Deus, que estou
ha trez meses com ferros aos pés n'uma enxovia sem
ar nem luz!

João de Mattos fez um signal ao quadrilheiro. Este,
puchando pela gola da vestia de ~~preso~~ Gregorio, ~~acer~~ quase o ar-
rastou para fora da sala, a tempo que Manoel
Teixeira, ~~ingatilhava a pistola~~ como se espertasse d'um sonho ~~convulsivo~~ vertiginoso, inga-
tilhava a pistola, visando com olhos convulsivos e escar-
lates de sangue o peito do preso.

João de Mattos collocou-se ~~a frente do escado, e deu~~ entre o negociante e o preso,
dizendo:

— Este homem não se castiga assim, sur Macedo.
E' precizo matar-lhe uma existencia em cada fibra.
~~A~~ A morte instantanea deste miseravel não ~~lagrimas de onze annos [illegible] de indemnisam com~~ vale
onze annos de lagrimas.

O negociante, affegando, ja com as lagrimas no rosto, e a voz

embargada pelos soluços, lançou-se a um canapé.

Alvaro, alvoroçado pelo ruido, correu á sala. João de Mattos tomou a mão do menino, e aproximou-o do pai, dizendo-lhe:

— Diga a seu pai que sua mãe lhe perdôa; e peça-lhe de joelhos o perdão para quem unicamente preciza d'elle, que sou eu.

Alvaro ajoelhou; e sentiu-se apertado nos braços do pai, que escassamente balbuciava exclamações cortadas de gemidos.

João de Mattos, abrazado d'aquella flamma electrica que experimentam as almas apaixonadas da terrivel sublimidade da angustia, tirou da algibeira uma carta, que leu com voz solemne, cava e pungentiva por seu tremor nervoso:

" Meu sobrinho.

" Quando esta carta receberes da mão do filho de

Maria da Gloria, pede a Deus, no fervor de tua alma, que te dicte ao coração as palavras com que has de convencer o pai desse menino da innocencia desta sancta. Não seja contra ti e contra a vontade divina, a soberba da tua posição. Vai, filho de meu irmão, vai, e não peças perdão p.ª Maria da Gloria, que não tem culpas; pede-o para ti, que fôste a causa da sua desgraça, e d'outra que te hade ~~[illegible]~~ castigar ainda, se fores testemunha dos remorsos do marido. Vai, meu sobrinho, vai, guiado por esse anjo, e Deus te ajudará nessa hora a alumiares o coração do infeliz marido; infeliz, sim, por que eu tenho uma quase certeza de que as horas de agonia d'esse homem podem bem comparar-se ás desta sublime e nobre desgraçada. Vai ja, meu João, não demores o resgate desta ~~senhora~~ martyr que é pura aos olhos do Senhor, mas ~~[illegible]~~ está perdida no conceito das pessoas a quem Deus não conta os segredos

do coração das suas creaturas escolhidas. Eu espero com ancia que me digas o que o meu coração espera. Se a m^a fé tem luz do ceo, Maria da Gloria cêdo estará com seu marido e com o filhinho que lhe leva o coração. Eu perco a companhia do anjo desta communidade; mas ganho-a para a sua felicidade, e onde quer que ella esteja dar-me-ha sempre o mais doce dos seus sorrisos, e a mais amarga das suas lagrimas. Não te digo mais nada por que as m^as m^tas infermidades, bemdito seja nosso Senhor Jesus Christo, não me deixam escrever. Eu te deito a minha benção, sobrinho da m^a alma. Escreve-me na volta do correio. Deus te guarde. ~~Ma-teiro de Barcos~~ tua tia m^to amiga

Joanna das Cinco Chagas do Senhor

— Que heide eu responder a esta carta, sur Manoel Pereira? — disse João de Mattos

O negociante erguen-se, enxugando as lagrimas; estendeu a mão a João de Mattos, e disse:

— Eu vou levar a resposta a sua tia.

O magistrado pôde soster-se contra o impeto do coração que o impellia aos braços do negociante. Conteve-o a lembrança de que nunca podia merecer a amisade do marido de Dª da Gloria, por que a paixão não era desculpa, nem a impunidade do delicto innocencia. E este sentimento adivinhava o de Manoel Teixeira. Qualquer que fosse a commoção sentida, ouvindo o sobrinho da religiosa de Bairão, não era isso bastante para que o homem compadecido offerecesse a sua amisade a outro que entrára em sua casa supplicando de joelhos a deshonra de uma familia, embora o effeito da tentativa criminosa fosse apenas a desgraça de onze annos, e a certeza da causa reliquidiosa d'ella. Sem embargo, não era tudo dor no animo de Manoel Teixeira. Era-lhe de grande alegria a evidencia da lealdade de sua mulher; sentia-se como rehabilitado perante sua propria consciencia. Nisto vai

mto para a vaidade, quando não seja tudo para o coração do homem. Se remorsos o alanciavam, o mto amor + ás victimas da injustiça é a penitencia destas culpas. O arrependimento inventa carinhos novos; e a innocente parece vingar-se, perdoando, e sorrindo ao algoz, que exhora perdão com lagrimas. Assim é, assim quer Deus que seja; mas o que não pode ser é um marido, que amou sua mulher e se amou a si por orgulho de a ter, perdoar ao homem, quer elle seja primeiro ou infimo, que poz em acção os meios de empeçonhar uma legitima felicidade, embora a pureza invulneravel da mulher mais depure o quilate da sua virtude, encarecendo a vaidade do marido. A toda a luz se vê que Mel Teixeira, no recesso de sua alma, odiava João de Mattos, e este, homem de altos espiritos e coração, conhecia o odio, e apertára a mão do negociante por não poder, sem dezaire, recusar-lhe a sua.

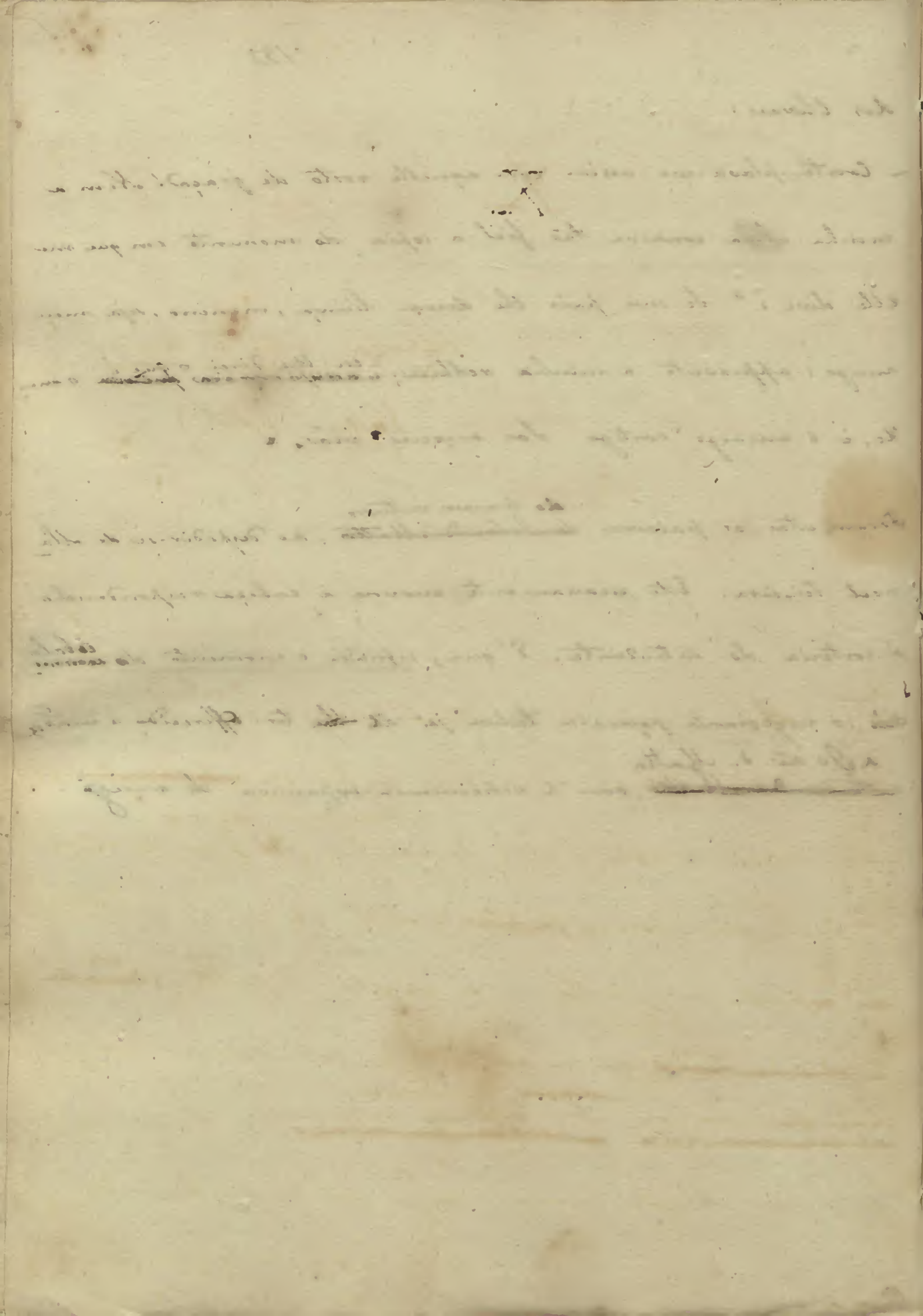
Alvaro não desfitava os olhos lagrimosos do affavel e magestoso semblante do intendente.

Trinta e quatro annos depois, o padre Alvaro Teixeira, apontando o retrato de João de Mattos, me dizia n'aquella caza

dos Olivaes:

— Contemplava-me assim com aquelle rosto de graça! Nem a minha alma conserva tão fiel a copia do momento em que me elle disse: " Se seus pais lhe derem licença, menino, seja meu amigo; approveite a minha velhice; ~~[illegible]~~ eu lhe direi o que é o mundo, e o amargo castigo dos accesos más. "

Foram estas as palavras ~~[illegible]~~ do homem virtuoso, ao despedir-se de Manoel Teixeira. Este ceremoniosamente curvou a cabeça respondendo á cortezia do intendente. E' que, esfriado o momento do ~~[illegible]~~ abalo, o negociante pejava-se talvez ja de lhe ter offerecido a mão a João de Mattos, ~~[illegible]~~, com a vehemencia espansiva de amigo.



X

Apollon prend les Armes.

Voltaire (Sat.)

Num dos ultimos dias de setembro de 1825, amanheceram, inbandeiradas as janellas, e as torres do mosteiro de Bairão. Os sinos repicavam desde o abrir da manhan. Fezes de murtha, e as flores da estação entravam, ás cargas e em taboleiros ao convento. As creadas chilreavam de janella em janella, e em magotes á portaria. As religiosas misturadas com as moças, e as velhas com as noviças, tinham provisoriamente abolido razoirado as jerarchias da posição e dos annos. A creada passava a correr por diante da ama; a noviça não beyava a mão á prelada; a prelada consentia

X

que as moças lhe despolhassem rozas sobre a touca. Das noviças algumas vestiam trages masculinos: esta remedava um alferes de milicias, aquella um desembargador, uma um camponio, outra um pescador. E á volta de cada qual, eram tantos os grupos, quantas as estridolas risadas, que applaudiam o chiste da noviça mascarada.

Estas folias celebravam um abbadessado, em que devia ser reeleita pela duodecima vez a prelada, aquem todas davam mais o coração de filhas, que a submissão de subditas.

Do meio dia em diante, começaram a confluir de diversas estradas uns sujeitos bem postos sobre as suas cavalgaduras, e de semblantes radiosos, que de si m^mos estavam dizendo cujos eram, e que altissimos destinos ali vinham a cumprir: eram os poetas. Destes uns vinham por convite, outros espontaneos, ou esporeados pelo furor metrico. Uns tinham ali os seus idealissimos amores; outros ja os tinham tido e incanecido com elles; e alguns iriam com esperanças

de merecêl-os. Poetas de Guimaraens eram trez; do Porto um, que valia por muitos, o celebrado Ferro; de Braga dois conegos em Apollo, e alguns abbades circumvisinhos; de Villa Real o famigerado Mormo, e o não menos conhecido Mesquita, cujo nome se laureara entre os contemporaneos da Universid.e

Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do bacharo, e do sempre verde louro.

Pelas capellas tecidas de ouro não fico eu; mas que as monjas hospedavam lautamente os seus poetas das mais raras golosinas e carissimos licores, com que já de meses antes enriqueciam a frasqueira, isso juro eu, e ainda estão vivos alguns, que deram como esgotada a Castallia, no dia em que os garrafoens monasticos seccaram requeimados pelo sol ardente da civilisação, a qual (digamo-l-o muito á puridade) trouxe comsigo o segredo de civilisar pela fome, e de restaurar direitos, violando-os.

pag 137 esto por engano e encadernação — depois 2, pag 139

a ~~idalia~~ paphia deusa, e a decima musa. ~~Dos [illegible]~~ Tudo isto ia intervalado por libaçoens amiudadas, que accendiam a furia sonorosa, e

118 113

trasbordavam do peito em colloquios ~~[illegible]~~ remados de tanto amor que o proprio patriarcha S. Bento, se ali estivera, e tomára quinhão dos infeitados cestinhos, que desciam ~~[illegible]~~ das rêzas, pediria mote para uma decima, sem damno da sua sanctidade e bom siso.

BNP

Depois da meia noute, é que o glorionissimo sancto não queria decerto tal camaradagem. Os poemas rebentavam ja, não ~~[illegible]~~ da vehemencia do coração, mas da exuberancia do espirito. Qual este espirito fosse, vai dizel-o um dos proprios inspirados.

Era este o abbade Mórmo, de Villa Real, inimigo do seu patricio Mesquita. Nunca se haviam incontrado em Outeiro d'onde não sahissem mal-feridos de estocadas metricas, e desafiados para o outeiro proximo. Mesquita era filho d'um cortador de carnes, e gastára muitos milhares de cruzados para conseguir cartas de bacharel, que a stulticia do tempo não concedia sem attestados de sangue limpo. O ingeneroso Mormo mais de

uma vez, em ~~[illegible]~~ redondilha maior, alludira cruelmente ás filiação de Mesquita, e este, como desforço unico, ~~[illegible]~~ lancetava a devassidão do abbade.

O doutor Mesquita foi vexado do demonio da satyra mais cedo que o seu patricio Mormo. Os remoques eram ja pungentes, como este:

Ja cede Pégaso o passo,
Escoucinha, espirra, e rincha,
Ouvindo ornear o pechincha,
O abbade sujo e devasso. etc.

A isto o concitavam as gargalhadas de alguns seus contemporaneos, e a mais se prostituiria a musa alcoolisada, se um mote não viesse impor aos poetas mais respeitosa linguagem. Era o mote: "A melhor de entre as preladas"

O abbade Mormo ergueu-se de sobre uma alfombra de relva onde parecia sopitado, e bateu as palmas, a penas soou o mote.

— La vai! disse elle — A melhor de entre as preladas.

A' noite illuminaram-se as janellas, e os postigos, e os frizos das torres, e as cornijas da egreja. O chá foi servido na espaçosa grade da abbadessa, primeiro aos vates e seus amigos, depois aos ~~[illegible]~~ notaveis d'aquellas cercanias. O terreiro do espaçoso pateo estava colmeado de gente, anciosa de versos. As freiras mais expeditas em improvisação de motes estavam a postos. As senhas tinham ja sido pactuadas entre a freira e o seu poeta, entre a noviça ~~[illegible]~~ delambida e o seu incognito versista, e entre a propria creada, ou tacho, e o bardo menos aristocrata, que não se dedignava incensar a mocinha conhecida, e dadivosa das mais recheadas cestinhas de bôlos e garrafas do vinho furtado á ama, por amor de Apollo.

Rompeu o outeiro auspiciosamente. O doutor Ferro improvisara um magnifico soneto, sem ressaibos da sua costumada licença. Os conegos bracharenses traziam odes ~~[illegible]~~ de grande fôlego, que o Ferro dizia serem ôdres e não ódes. Os de ~~[illegible]~~ Guimarães chamavam á octogenaria prelada

Boas noites! vou-me embora;
Já não posso estar com somno,
Nem me apraz soffrer o mono,
Borrachão a toda a hora.
Oh! quanto melhor lhe fora
Ter as facas amoladas,
E ir contar as coladas
No outeiro sanguinoso,
Em quanto eu louvo ditoso
A melhor de entre as preladas!..

Não podia ir mais nu o insulto ao filho do megarefe! A multidão riu muito, salvo os partidarios de Mesquita. Este, espicaçado por pelos glossadores da injuria, procurou o velho abbade entre a populaça, que o victoriava, e remettteu com elle a murros fechados. O aggredido não podia com o adversario; mas sobravam-lhe ali admiradores que o defenderam, vingando-lhe o nariz contuso de Mesquita. Acudiram os amigos do doutor, e a briga arranhou entre os dois

partidos a ponto de ficar despejado o pateo do mosteiro. As freiras de compleição mais debil desmaiaram. As noviças fugiram das janellas para não insultarem com o riso as monjas velhas. As escadas estendiam as bugias e lanternas fora das grades para alumiarem o terraço, onde estalavam as bordoadas ora nos páos, ora nas cabeças com mais surdo um som mais surdo. As lages do pateo estavam juncadas de chapeos e capotes. O rebolição affastara-se em turbilhões sujo alarido redobrava o terror. A prelada ordenou que se apagassem as luzes, e mandou tocar a silencio. Meia hora depois, os poetas e os demais hospedes do mosteiro voltaram á hospedaria conventual, e passaram o restante da noite em regalado somno, excepto os dois conegos bracharenses, que d'ali se partiram logo para suas casas com as melhores odes inéditas, e sem chapeo. O doutor Ferro, como estivesse já na cama, e soubesse que os conegos não voltaram, nem voltariam ao outeiro das seguintes noutes, ergueu-se de salto, e de pé sobre a cama, com um lenço sobre a

espaduas, lançado em forma de clamyde grega, e os cabellos descompostos, improvisou um soneto, que começava assim:

Altissimo Senhor, que tudo podes!
Transfigura em cajados os cajados
Que poseram em fuga os desalmados
Estomagos, que tem do vinho e odes...

. . . . . .

Queria a abbadessa dar por concluida a festividade da eleição, á conta da desordem, e do receio que se ella repetisse. Conjuraram muitas religiosas em demovêl-a da tenção, e os poetas, acandilhados pelo doutor Ferro, foram incorporados solliciar a continuação do outeiro. Os requerimentos em verso foram a final deferidos, e á noite seguinte concorreram, alem os conegos bracharenses, os mesmos poetas, sem excepção de Mesquita e Moreira, que vieram ás boas, mediante as diligencias de algumas senhoras, que iam com elles.

Correu a noitada muito a prazer de freiras e poetas. Nenhuma senhora deixou de contribuir com os seus applausos para a glorificação dos vates, salvo Maria da Gloria que passava a noite no quarto de Soror Joanna, recontando-lhe promenores da sua + feliz infancia, e tristonha mocidade. O pendor de todas as conversaçoens de ambas era para Alvaro. A religiosa consolava com a esperança; Maria chorava de saudades, e temores do futuro incerto. Se, porém, a sancta lhe punha os olhos expressivos de reprehensão, a turvada senhora, disia em tom de supplica:

—Perdoe, mª amiga, perdôe á mª desgraça a sua tibieza de fé. Eu sei que Deus a escuta; mas, se me olho inculpada, e tão infeliz, pergunto a mim mesma que virtudes novas tenho eu agora para merecer que o Senhor esqueça as mªs culpas passadas! Eu pensei sempre como hoje. O crime nunca teve para mim outra cor, nem o meu coração se abriu aos encantos do vicio. Sou a que era: penso que serei sempre

desgraçada como tenho sido.

Soror Joanna fez um esforço para ajoelhar á beira da poltrona em que estava sentada, e conseguiu-o coadjuvada por Mª da Gloria. Esta, sem convite da sancta, ajoelhou tambem, e ouviu da freira estas brandas palavras:

— A nosso Senhor falla-se com humildade. Supplique, filha; mas não se queixe. Job tinha uma pedra por leito, e outra com que se aliviava da flagellação das suas chagas. Esse ousou perguntar a Deus, por que o tirou do ventre materno. A misericordia divina perdoou-lhe ao tom arrogante da sua afflição. Não duvide de ser tambem perdoada, Maria. Afervore-se e reze comigo.

~~A oração era mental, e por um [illegible] passados~~

Durava a oração mental alguns minutos, quando subitamente se levantou um grande ~~rui~~ roboliço nos dormitorios. Maria da Gloria alvoroçou-se, e disse:

— Será outra vez a bulha la fora?

A freira não respondeu, nem se quer desfitou os olhos do se-

nhor crucificado.

Crescem o rumor ja perto do quarto, e vozes distinctas, clamando "milagre!"

— Gritam milagre! exclamou Mª da Gloria, erguendo-se, com os olhos na freira.

Sóror Joanna sorriu, e disse:

— Não é milagre, filha: é a justiça de Deus, que a razão humana comprehende.

Entrou uma chusma de ~~freiras~~ e noviças, conclamando á mistura:

— Ahi está o menino!

— E acho que vem tambem o pai!

— E muita gente acavallo!

— E duas liteiras com senhoras!

— E trariam archotes!

Sóror Joanna estava em pé, encostada a Maria da Gloria, cujas pernas traiam de modo, que ella chamou Cecilia para se amparar.

– O' filhas! vós fallaes todas juntas, e quebraes a minha pobre cabeça! – disse a santa. – Falla tu, Cecilia; diz o que viste.

– Vi o snr Alvaro, e um senhor com elle, que deve ser o pae. Vi mais pessoas a apear dos cavallos, e umas senhoras sahiram das litteiras, e ja lá ficou a snr abbadessa á portaria.

Maria da Gloria, posto que sustentada nos braços de Cecilia, dobrou os joelhos para orar; mas a perturbação era tanta que perdeu a consciencia de si, se não é antes que a sua alma se entranhou toda no seio misericordioso do Senhor.

Novos estrondos se approximaram do quarto, e logo entraram tres senhoras de muito gentil prezença, e entre estas uma ainda menina de trese annos, que o leitor ja vio e reconhece agora por aquella Leonor dos Olivaes, pobrinha de Manoel Teixeira. Com estas senhoras vinha tambem Alvaro, a quem os seus poucos annos consentiram

por segunda e especial graça da prelada, ingresso no convento. Fóra da portaria tinham ficado o marido de Maria, Sebastião de Brito, pai de Leonor, e trez cavalheiros casados com as trez damas. Intrara depois d'estas uma mulher, que não ousava mostrar-se ao pé das outras, receosa de que o amor fizesse mal á sua humildade: era a creada Eufemia.

As senhoras cercaram Maria da Gloria, chamando-a todas, e perguntando cada uma se a conhecia ainda. Leonor dizia-lhe que era a sua sobrinha. Alvaro dava-lhe aquelle doce nome a cujo som toda ella se estremecia. Eufemia essa, obscura a um canto do quarto, estava como esperando que sua ama a chamasse.

— Onde está Eufemia?! — disse Alvaro admirado — Ella vinha comnosco!

— Estou aqui, sur Alvaro — disse a creada, a quem as freiras abriram passagem.

— Venha cá ao pé de minha mãe, Eufemia...

Maria da Gloria abrira os olhos apavorados, relanceando-os por todos, ate encontrar os de Alvaro, que fôra ~~[illegible]~~ ao encontro de Eufemia. Reconheceu-os ambos, x erguendo-se expediu um grito, e abraçou-os ~~ambos~~ juntos com tamanho impeto, que foi ~~[illegible]~~ preciso ampararem o grupo x as senhoras ~~[illegible]~~ mais chegadas. Leonor accudiu de novo dizendo que era.

Maria fitou-a com amor, e disse-lhe:

— Bem vinda sejas! ~~[illegible]~~ isto é uma festa de anjos!

As trez senhoras offereceram-se aos olhos d'ella, perguntando se as não conhecia.

— Conheço, disse Maria com ~~[illegible]~~ a voz extenuada, conheço as minhas amigas de ha quatorze annos. São as mesmas formosas meninas. A felicid.e não deixa invelhecer... E a mim conhecer-me-iam?

Não responderam: tão absurda seria a lisonja, se quizessem mentir ao seu proprio assombro.

— Snr.a D. Maria, disse a abbadessa, á portaria está seu marido. V. S.a poderá descer ate lá?

— Pode, pois não pode?! — disse Soror Joanna das cinco chagas —

-Se eu la vou com os meus oitenta e oito e a minha gota, por que não ha de ir ella? Ora vamos. Quem lhe dá o braço sou eu, e o sur Alvaro dá-me o braço a mim. Imaginem que levam a eternid.e no meio; e acho q̃ não é mal posta a comparação: a boa eternid.e começa pela innocencia da vida, q̃ é o menino, e continua-se na bem-aventurança do soffrim.to, que é a minha Maria, e esta, de mais a mais, chama-se Gloria!

No entanto, a poesia do pateo estava estagnada nos coraçoens repletos dos vates espantadiços. Tinham elles visto chegar a caravana ladeada de archotes, e por pouco q̃ o doutor Ferro não improvisa uma elegia ~~aquelle do~~ áquelle symulacro de sahimento. Dos poetas noveis, alguns rodearam as ~~galantes~~ esbeltas matronas, sahidas das liteiras, e sentiram ~~tragida a~~ intumecida a veia da poesia ao profano. O Mormo queria ver n'aquillo tudo uma violencia de clauzura feita áquellas senhoras, e teve o zeloso desafogo de ir perguntar aos proprios maridos que senhoras eram aquellas, e por ordem de quem eram inclauzuradas

á meia noute. Os maridos tiveram a complacencia de ~~ex~~ desvelar ~~plicar~~ o mysterio, com a qual explicação se afogueraram os filhos de Apollo, e em cada labio borbulhou uma estrophe de enthusiastica ode á redempção de Maria da Gloria. O Ferro sabendo que se machinava um fogo prêso de odes, disse em voz alta, que dava uma peça á quem fosse buscar n'um carro os dois conegos de Braga e as ~~[illegible]~~ odes correlativas.

Com estas e outras facecias mantiveram os poetas o outeiro animado, apezar de sahirem das janellas todas as freiras, noviças, e creadas attrahidas pelo espectaculo novo, ~~[illegible]~~ e mais levadas do coração que da curiosidade.

Ficou ~~[illegible]~~ de memoria ~~[illegible]~~ a prima quadra de um soneto, do doutor Ferro, declamado n'esse intervalo:

Vão freiras, vá noviça, e vá a môça
Gosar d'um coração, que desabafa;
Mas deixem na janella quem nos onça;
Seja um vulto qualquer... uma garrafa!

XI

Na oração que ha senão aquella duplicada
força, capaz de amparar-nos na queda, ou
ou sollicitar-nos o perdão, se nos despenhamos?

Schakespeare (Hamlet)

Manoel Teixeira esperava encostado a uma columna do portico. Os amigos cuidavam em preparal-o para a impressão. Tão agitado o viam que receavam o effeito do abalo que a primeira vista de Maria da Gloria devia fazer-lhe.

Disia Sebastião de Brito:

— Deves estar prevenido, mano Manoel, para veres uma mulher mto differente d'aquella gentil dama, que era Maria da Gloria ha onze annos. No ar do convento dizem os sanctos que as almas respiram regaladamente; mas eu, que não sou

medico, nem se quer santo, defendo que o ar do convento deve ser como peste para os pulmões d'uma menina galante.

A comitiva fez o favor de rir ~~muito~~ á graça do morgado dos Olivaes; o negociante, porém, fez um gesto de infado, e ~~limpou~~ limpou o suor da fronte.

Abriu-se a porta: era a prelada, á frente d'uma ~~procissão~~ procissão de monjas, noviças, e creadas. Entre todas, vinha Maria da Gloria pelo braço de sóror Joanna das Cinco chagas, e esta com a mão apoiada no hombro esquerdo de Alvaro. A luz, que as alumiava, era de tochas de cêra. Ao clarão d'estas procurava Manoel Teixeira ~~[illegible]~~ com espavorido olhar sua mulher. Viu-a e reconheceu-a. Levado da sua ancia, chegou a transpor o limiar da porta; mas a prelada, estendendo para elle a mão, disse com affectuoso sorriso:

—Queira ter a paciencia de esperar-a aqui: não é permittida a entrada nem mesmo aos maridos penitentes.

Maria da Gloria não podia ver claramente os vultos que

devisava fora da portaria. Quase suspensa do fragil braço da decrepita freira, pediu a Cecilia que a amparasse pelo outro braço. Porfiavam em sustental-a todas, e quase no colo a trouxeram á porta. Ahi sentiu ella que uns labios lhe osculavam ~~a~~ a mão com affogo e tremor. Era Manoel Teixeira, que dobrára o joelho ~~[illegible]~~ deante d'ella. ~~[illegible]~~

— Es tu? disse ella — E podeste conhecer-me?

— Quando te não conheceria eu, infeliz? — ~~respondeu~~ respondeu elle, ~~afo~~ afogado de lagrimas e gemidos

— Tambem tu teus cabellos brancos!.. — tornou Maria da Gloria, sorrindo — Os felizes envelhecem tanto como os desgraçados! Não estejas assim, Manoel... Aos pés de uma amiga não se ajoelha... Ou ella perdoou antes da posição humilhada, ou não perdôa nunca. Ergue-te...

— Ajoelha deante de Deus, deante de Deus, ~~não para pedir mais~~ sur Mel Teixeira — ~~para~~ desse Soror Joanna — e dê-lhe mtas lagrimas ~~em~~ de louvores gratidão por este anjo. Agora, torno a fugir-lhe com

ella; por ora é nossa; ámanhan lh'a daremos. Vá V.Sª e mais os seus amigos para a hospedaria do mosteiro. A nossa boa prelada la lhes manda o chá. Não repousar, ou façam versos, se são poetas, que esta noite todos somos poetas, todos temos no coração um hymno em acção de graças ao Senhor da misericordia e da justiça.

Maria da Gloria apertou a mão do marido, balbuciando algumas palavras, e o mmo fez ao cunhado, que a saudou com esta tirada de palaciano e enamorado de todas as palacianas:

— Olhe que eu não a esperava ver tão encantadora, mana Maria! Agora vejo que o condão das perpetuas se mudou para as rosas da sua formosura — (Sebam de Brito havia dito isto, meses antes, a uma marqueza bem conservada, e soubera que a marqueza repetira, em ar de infado, a toda a gente a fineza, porém, gostosa de que a Methaphora fosse applaudida, como de feito era)

A graça do mundo, continuou elle, offerecendo simonte em caixa de ouro á abbadeça, desbota as flores, e a de Deus reflorece-as.

A mana Maria está como era; e, se não fosse a ~~fra~~ sympathica ~~Alma~~ pallidez q̃ lhe realça o mimo, seria menos bella, ou tão bella como foi.

Maria da Gloria riu-se, e as senhoras de Lisboa com ella, mas delicadamente. Ao mesmo tempo espirraram de um grupo uns froixos de riso, que estalaram em gargalhada, mais longe: eram as noviças, ~~[illegible]~~ gente bravia, como a abbadessa lhes chamava, que traziam o mosteiro em desordem, e nunca podiam dar grande sahida pelos caminhos do ceo.

A ~~[illegible]~~ madre-porteira fez menção de fechar a porta, quando Brito calou o refolhudo cumprimento. Manoel Teixeira beijou ~~[illegible]~~ a mão de Maria, e perguntou-lhe se o menino ficava.

— O menino fica, disse Soror Joanna com ar ~~[illegible]~~ alegre, por que tem de me levar á cella. Estas senhoras, se quizerem, e a Sur.ª D. Abbadessa consentir, podem tambem ficar. O patriarcha S. Bento tudo tolera hoje, por amor do nosso anjo, que não pediu a felicid.e só para si. Ora vamos com Deus.

Fecharam-se as portas. Maria passou a noite de vegilia com o seu leito rodeado das antigas amigas, das freiras mais da sua alma, e do filho acariciado, que adormecêra com a fronte encostada ao travesseiro de sua mãe.

Manoel Teixeira e os seus companheiros, excepto Sam de Britto, pernoitaram na hospedaria do mosteiro. O dos Olivaes, tão amante das nuras, que tractavam esquivamente, foi até ás quatro da manhan o primeiro enthusiasta do Auditorio, batendo palmas delirantes, e bradando os bis com todas as potencias da sua admiração pulmonar.

Agora, abro mão do seguimento da historia, para dar a uns reparos d'alguns leitor.

Diz elle:

"Eu estava preparado para ler algumas paginas bonitas e sentimentaes, occasionadas pelo encontro de Maria da Gloria e Manoel Teixeira. Fiquei logrado. Nenhum d'elles disse cousa que fizesse chorar, nem escassamente commover a gente.

O author deixa perder as mares cheias de poesia. Era ali que devia ostentar os thesouros do seu estylo lamuriante. Nem um aprendiz de romances, deixava pelo menos de tirar do peito do marido quatro apostrophes, com grande chuveiro de lagrimas. Era bello fazêl-o discorrer uma hora de joelhos aos pés da esposa, desfallecida de cinco em cinco minutos. Que ella perdoasse, isso era não só justo; mas até dramatico; todavia, a palavra misericordiosa devia fugir-lhe do coração, depois que as freiras todas chorassem em côro, e sóror Joanna discorresse dilatadamente á cêrca do perdão das injurias. Além de quê, nenhum desmaio! O tocante era ir ella nos braços das esposas do Senhor para cima, e elle ficar cá fora, senão sem sentidos, ao menos declamando um quarto de hora, e cahir a final extenuado nos braços dos amigos. Isto sim, era uma passagem que bastava á reputação da novella, e mais alguns milhares de volumes vendidos. Escrever as coisas como ellas se passam no mundo, como nós as vemos por ahi!

Então é melhor não dar copias da realid.e ~~[illegible]~~ O que a gente quer é que o romancista nos pinte a socied.e, a vida e as paixoens melhores ou peores do q̃ são. Regala ~~[illegible]~~ estar lendo uma scena sem naturalid.e, e dizer 'isto não é assim; mas, se assim fosse, era mais agradavel o mundo. Onde está a imaginação do novellista, que repete o q̃ viu, ou leu, ou lhe contaram?! É como dizerem que o theatro deve ser a photographia da vida. Vão para lá com os seus dramasinhos verdadeiros, e verão que nem os musicos da orchestra lh'os aturam. O romance é tal e qual a mesma coisa. Se nos não maravilha, infada-nos. Viram coisa assim?! Deixar o author correr glacialmt.e aquella scena da portaria do convento! Ainda agora podiam estar os conjuges a dissertar ~~[illegible]~~ a respeito da calumnia que custou onze annos de martyrio á esposa sem nodoa! ~~[illegible]~~ Pois o remorso não era aguilhão ~~[illegible]~~ sufficiente para fazer andar o marido em bolina n'aquelle local tão

poetico, e obrigal-o a ~~[illegible]~~ raivar contra si, e a ~~[illegible]~~ desentranhar-se em eloquencia de phrases e lagrimas aos pes da mulher! Nem um ah! nem um oh! lhe ouvimos!.. E' de mais! Pode ser que assim acontecesse, e que o facto assim descripto o lesse o author no manuscripto do padre Alvaro Teixeira; mas isso não indulta o artista, que ~~[illegible]~~ recebe das mãos da natureza uma ~~[illegible]~~ pedra, e faz d'ella uma ~~[illegible]~~ Nióbe ou um Lacoonte. O romancista é o sculptor das paixoens: ~~[illegible]~~ infeita-las, corrigil-as, dar-lhe ~~[illegible]~~ com palavras a expressão que ellas estheticamte não podem exprimir, é seu ~~[illegible]~~ officio. E, se o author me não intende, eu lhe aclaro a idea: E' de crer que as pessoas testemas do lance, entre Mel Teixeira e sua esposa, se commovessem, por que lhes viram nos semblantes os movimentos da alma; nós, porém, q̃ os não vimos, precizavamos de receber da fantasia do escriptor uma

descripção, que nos sacudisse os nervos, e levantam o espi-
rito ás altura em que o levantam os romancistas da
moda. Fique-lhe, pois, de memoria esta amigavel censu-
ra; e, para a outra vez, belisque a imaginação, se quer
que o seu nome de romancista reverdêça, orvalhado
com as nossas lagrimas, + ou festejado com as nossas gargalhadas. Chorar ou rir, é onde bate o ponto.
Quem não conseguir uma das coisas, não nos importune"
Respondendo, digo ao leitor sisudo que
me conformo com o seu parecer, e de experiencia tenho q̃
a verosimilhança, qualidade em que tenho aperfeiçoado esta
minha arte, me tem grandemente desmerecido a
valia dos meus romances. Ha muito tempo que
não mato ninguem senão de molestia: quando m^to,
para aformos entar a morte com um nome
bem-quisto dos poetas, e dos + leitores sentimentaes, tenho
denominado thysica pulmonar, ou congestão cere-
bral o que em boa pathologia se denomina hydro-

BNP

pesia ou inflammação intestinal. Não se tem suicidado ninguem nos meus ultimos romances, nem mulher alguma perdida tem sido rehabilitada ~~pelo~~ ao amor ~~pu~~ virginal. Isto é ~~[illegible]~~ nocivo ás m.as ~~pequenas~~ curtas aspiraçoens, bem o sei; mas ja agora não arrepio a carreira; hei de ir indo assim, dispendendo-me pouco em imaginaçoens, de que me sinto m.to alcansado, e pondo ~~tudo na repetição~~ as melhores tintas e pinceis na ~~do que vejo~~ copia da verdade, embora a verdade seja descorada e dissaborida aos amigos das visualidades. Ja n'outros livros me tenho cansado a responder a reparos que a crytica, não impressa, mas em familia, me tem feito. ~~Não~~ ~~[illegible]~~ Paciencia. A ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~ninguem~~ Franca de Bernardin de Saint-Pierre menosprezava ~~[illegible]~~ a historia singela de Paulo. Arguiam de infecundidade o ~~[illegible]~~ author que o não fez carpir-se

pg 128 - de 1.º a.

129

m desesperado monologo ao pé do cadaver de Virginia.
em me dera a mim para um dos meus livros uma
mbra do renome d'aquelle romance! Quantos mi-
ares de romances, decantados uma hora, pensa o leitor
e a voragem do esquecimento ingoliu, desde que a a
inha do grande naturalista ~~[illegible]~~ recebe o tributo de
grimas, que Napoleão lhe dava em Sta Ellena?
Neste genero de escriptos, o sêllo da perpetuidade ~~[illegible]~~ gra-
a-o a natureza. ~~[illegible]~~ O templo dos livros immortaes
servido de poucos sacerdotes; ~~[illegible]~~ mas, ~~que~~ grande gloria
s é esse culto sem estrondo! ~~[illegible]~~ Não vão agora
dar que eu estou ja d'aqui espreitando o nicho do templo da eternidade em
incolher, digo, por que não podemos la caber todos.
e me hão de ~~[illegible]~~ incolher os vindouros! Não, senhores, eu
o que penso é em converter o meu leitor á reli-
ão da verdade; ~~a fim de que~~ e levo em vista movêl-o a ler
tra vez aquella fria e froixa scena da portaria
Bairão. + E se alguem disser que eu estou dando sa-
~~[illegible]~~ +

~~que~~ testaçoens impertinentes, respondo que é isto ~~respeito~~ respeitar os meus leitores, e proposito de adelgaçar as rudezas de alguns varos, que me trazem entre os dentes da sua crytica, por que os eu não faço chorar nem rir.

Disse, e volto ao outeiro.

Alvorecia a manhan, quando + a maior pte dos poetas se retiraram com as muzas roufenhas da friagem matinal. As damas lisbonenses, captivas da novidade do outeiro, nem se deitaram, e Leonor com ellas andou de grade em grade pedindo que lhe ensinassem a dar motes. Notaram as freiras que a menina, se + o verso q lhe daram ~~eram~~ era para assumpto sagrado, não ficava contente, nem se enthusiasmava a repetil-o ao poeta. Se, porém, no mote vislumbrava idea amorosa, era mto de ver e admirar o desembaraço com que a azougada menina se espivitava, proferindo com certo requebro as palavras do verso. O pai, que andava, como dissemos, entre os poetas, regosijava-se de ouvir a voz da filha, e como tal appresentava aos ~~[illegible]~~ trovadores imbellecados da voz argentina

e insinuante, q̃ ella tenha. Destes, o mais verde em annos, e mais verde em esperanças, sentiu-se namorado d'aquella voz, e d'amor tão ingenhoso que, até dos motes ao divino, profanava a idea convertendo-os em madrigaes. Leonor estava incantada de ouvir o seu poeta, e ja perguntava quem fosse com anciosa curiosidade. Disseram-lhe que era um filho segundo de uma nobre casa de Villa do Conde, tão bom poeta como máo filho; que tinha dado grandes desgostos a seus pais. Esta ~~segun~~ ultima parte da informação não ~~[illegible]~~ a desviou de ~~[illegible]~~, ja, sol nado, ~~[illegible]~~ sustentar ~~[illegible]~~ com algumas noviças o outeiro, + cujo unico poeta era o de Villa do Conde. + Não queria ella retirar ++ ~~[illegible]~~ sem ver o rosto do x vate dos amorosos sonetos. ~~[illegible]~~ Viu-o, e ouviu-o em prosa, e achou-o na sympathia ~~não sahiria da grade~~ egual ao poeta. Deixe-lhe de entre as grades um adeus affectuoso, e foi ~~[illegible]~~ passear na cêrca, e scismar como podem os coraçoens fatidicos scismar aos quatorze annos.

XII

Oh! . . . . . .

Nec te aleator ullus est sapientior . . . . . .

Nunca velhaco algum mais destro fôra . . .

Plauto.

Maria da Gloria, Leonor, e as damas, depois do almoço do dia seguinte sahiram com Alvaro para o recinto exterior da grade mais ampla do mosteiro. Ahi eram esperadas pelos cavalheiros, ~~do pto~~ tirando Manoel Teixeira, que fizera pedir á prelada uma grade especial em que elle podesse estar a sos com sua mulher. Maria da Gloria, sabedôra da ~~pedido~~ petição, escreveu a seu marido estas linhas:

"A tua dignid.e e a minha impõe a nós ambos a delicada obrigação de não proferirmos uma palavra com relação aos a-

XII

contecimentos que me trouxeram a esta casa. Sobeja e inutilmente te fallei da mª innocencia: emenda tu agora a culpa de me não teres attendido, portando-te aos meus olhos como se a consciencia te não doesse. Se precisas desafogo, procura-o em Deus, e sentirás alivio. A divina Providencia esenta os innocentes e os criminosos.

" ~~Abbaz~~ O pedido, que fizeste á snrª abbadessa, não pode ser por minha parte satisfeito. Irei á grade; mas Alvaro estará comnosco. Sei que te hasde cohibir de confessar as tuas culpas, na presença de teu filho, que as ignora. "

Estava ~~J~~ja Manoel Teixeira na grade quando recebeu o bilhete, e minutos depois ~~entrou~~ chegou Maria e Alvaro. O marido apertou-a ao coração, e disse-lhe:

— É assim que tu te vingas, Maria?

— Que me vingo!..

— Sabias que estas ~~[illegible]~~ dores do remorso so podiam as lagrimas alivia-las, e ~~não [illegible]~~ prohibes-me de ~~[illegible]~~ fallar, ~~[illegible]~~ e chorar para + q̄ eu não ouça ~~[illegible]~~ + da tua bocca a palavra "perdão"!..

~~[illegible]~~

— Perdoei ... — balbuciou ella.

— E o teu perdão, minha amiga, devo tomal-o como esperança de me poderes, um dia, restituir o amor que tão mal paguei?

— Calla-te ... Não me falles em amor ... Que vens tu pedir a uma desgraçada mulher, que invelheceu e morreu aqui?! Parece que não sabes imaginar os dias e as noites de onze annos! Quem espera achar coração em mulher que padeceu tanto! Pergunta-me se eu posso amar meu filho, e mais nada. E que mais queres tu de mim, Manoel?

— Queria ter com meu filho queixão do teu amor. É impossivel? não me queixarei. Acceito a tua indifferença como castigo; mas não me odeies, filha, não. Fui teu algoz porq era teu verdadro amante ...

— Basta! ... — disse com esforço Maria, relanceando sobre Alvaro os olhos sem lagrimas — Esqueces o meu pedido?

Manoel Teixeira obedeceu a sua mulher + e contemplou-a em silencio, a tempo que Maria encostava ao coração a face do

filho. N'esta contemplação de minutos o q̃ seria o espirito d'aquelle homem? Uma agonia mortal, tormento sem nome, nem remedio, quando a piedade recusa abrir-lhe o espiraculo das lagrimas. Que via elle? As reliquias d'uma grande formosura, os cabellos brancos, as palpebras roxas, as rugas sobre os ossos aridos, a decomposição de um rosto que fôra a imagem, o symbolo vivente da graça e da harmonia. Que fizera elle durante os onze annos que devoraram a bellesa e o coração d'aquella martyr? Devia de ser esta a pergunta que elle a si se fez, quando o choro lhe borbulhou dos olhos. Que fizera elle? Vivera em toda a parte a vida exterior da alegria e da opulencia. Tivera palacios em Napoles, e alteara-se em suas pompas a tão elevado ponto, q̃ deram delle fé os indifferentes de Paris. Em quanto a esposa pura d'ali pedia uma visita de seu filho unicamente, e deixava ao pai o goso inteiro das regalias do seu patrimonio d'ella, quem era aquella mulher que, fatigada de felicidade, se reclinava no espaldar-se tem das suas carruagens, e se aborrecia do luxo dos seus palacios de Napoles e de Belem? Como pôde elle tão depressa mitigar

as saudades da esposa com as venaes caricias da Italiana, a cujos pes elle rolava o oiro, que trouxera de Macáo, grangeado pelo incansavel lavor d'um pai que a si tirava o que lhe parecia necessario á futura magnificencia de sua filha!

Devia ser este o affligido meditar do negociante, ou maiores seriam suas dores, quando elle de impeto se lançou aos pes de Maria, exclamando:

— Tu não podes perdoar-me!

Accudiu Maria a erguêl-o, e disse-lhe:

— Se te mereço compaixão pelo passado, não me afflijas. Ergue-te. Vamos sahir, que me sinto aqui sem ar. Vamos experimentar as minhas forças. Dá-me o teu braço. Manoel. Iremos ver de perto as arvores, que eu vejo, ha onze annos, da mª cella.

Manoel Teixeira recobrou vigor dos alentos e sorrisos de sua mulher. Sahiram, e sosinhos, e silenciosos. Queria Alvaro chamar Leonor; mas o pai regeitou a lembrança.

"Vamos sós — disse elle — sejamos egoistas desta felicidade... embora

minha somente...

Maria sorriu-se, e disse com ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ accentuação melancolica,

- Felicidade!.. Tem-lá conhecido no Amor deste anjo?.. Creio-a, se me disseres que sim... De resto... como poderias tu ser feliz, se ha Deus!..

Teixeira sentiu o golpe involuntario destas ~~[illegible]~~ palavras, e murmurou:

~~[illegible]~~

- Deos, que deixou a tua innocencia nas trevas de onze ~~[illegible]~~ annos... Que Deus!..

- Não offendas a mão divina que me amparou... tornou Maria.

As familias, reunidas na grade, sabendo que os esposos tenham sahido do pateo, desceram a seguil-os. Sebastião de Brito bradou de longe:

- Olé! Esperem lá, que nós vamos tambem. Duas luas de mel é muita lua! Conversem sosinhos em Lisboa, e deem á gente uma particula da sua felicid.

Quando se ajunctaram, ~~disse~~ continuou o morgado dos Olivaes:

- Queres saber, Mel? A tua sobrinha Leonor está poeta.. Não falla senão em versos. É precijo que Alvaro seja poeta.

Riram todos, por que de todos era sabido o projecto de

~~casamento~~ matrimonio entre os dois primos.

– Então gostas muito de versos, Leonor? – disse Maria.

– Muito, principalmente dos que faz o snr Sotto-Mayor.

– Quem é o snr Sotto-Mayor?! – tornou Maria da Gloria com espanto

– Já conhece os poetas pelo nome – ~~disse~~ respondeu o pai com alegria – O Sotto-Mayor é um rapaz de Villa do Conde, por cuja musa a pequena perdeu a noite, e perderia a vida, se elle lhe prometesse uma eternidade de sonetos.

– Já é paixão de versos! – tornou a mãe de Alvaro – Sabes tu fazer versos, meu filho? – ~~disse~~

– Não, minha senhora: sou ainda muito novo – respondeu Alvaro – A prima Leonor é que tem lido muitos versos

– Já li o Bocage; – accudiu a menina, acompanhando a esperança de trechos esquisitos – li tambem o Belmiro, e as poesias do Garção, e do Quita, e do Lobo, e muitas outras que o papá lá tem. E a snrª D. Catharina de Balsemão, a snrª marqueza de Alorna gostamuito de me ouvir recitar sonetos, e ensinam-me quando eu não declamo bem.

— Está bom... — disse Maria — estás uma doutora em versos, m.ª sobrinha!... Queres tu ser freira para gosares as dilicias d'um outeiro de trez em trez annos?

— Freira! Deus me livre! Eu não sei como ha quem possa viver n'um convento! Antes morte que tal sorte!

O morgado achou mt.ª graça ~~á filha~~ á esperteza da menina, e concordou com ella em não saber tambem como houvesse gente que quizesse sequestrar-se do mundo, que, segundo elle, não era tão máo como os mysantropos o calumniavam.

Todos os passeiantes ~~tinham tomado partido~~ se empenharam n'esta questão, que Maria da Gloria defendia ~~a favor da~~ incarecendo a felicide dos mosteiros, ~~quando~~ qdo ~~a coraçã~~ reinam a paz no coração e na consciencia. N'isto appareceu o poeta de Villa do Conde, e Leonor, estremecendo, exclamou:

— Elle la vem! é elle!

— Quem? — disseram algumas vozes.

— O meu poeta!

— O teu poeta! disse com ~~[illegible]~~ molesta accentuação M.ª da Gloria; e

chamando a segredo o cunhado, disse-lhe ao ouvido: — Não deixe assim fallar sua filha, que não é bonito aquillo!..

— Porquê, mana? — disse em voz alta o morgado — Ahi está o effeito dos conventos! Temos bioquice! Que tem q̃ ella diga o seu poeta!? Palavras n'aquella bocca não significam nada, mana Maria! É uma creança: deixal-a fallar.

Miguel de Sotto-Mayor tinha chegado ao grupo, e cortejou-o com desembaraço e elegancia.

— Viva o poeta! — disse Sam de Brito. — Eu amo os poetas, e gosto das suas relaçoens. A sua bella musa está accesa para a noite?

— A minha musa — disse o moço — está sempre fria; e, se alguma fortuna tiver, ~~devê~~ l-a-ha aos calorosos louvores que V. Ex.ca lhe dá, posto que os não mereça.

— Pelo contrario: minha filha está incantada dos seus versos, e ja sabe quem o sur é. Ali tem uma creança que ja leu os melhores poetas portuguezes!..

— Rasão de mais — redarguiu o de Villa do Conde — para não gostar

das mds poesias incultas e sem mais merito que o da natureza.

O poeta foi indo no grupo, respondendo com frivolidades a outras do palavroso morgado, e agradecendo com delicados olhares á expressão penetrante dos olhos de Leonor, que parecia embevecida nas palavras d'elle.

Esmerou-se a communidade em lauto e primoroso banquete n'aquelle dia. A dona abbadessa, que tambem era capitão-mor de Baixão, infringiu amplamente a Regra da ordem admittindo as familias de Lisboa a jantarem com ella e outras religiosas de mais graduação. Ao mesmo tempo, os poetas, que o não eram senão de noite, começaram durante o dia como quem não fôra ali senão para versejar, e honrar o refeitorio das moujas. Estas, pòrém, de ricas e generosas, que eram, não se queixaram, como as do tempo d'el-rei dom Diniz, do mto que os ricos homens e infançãos lhes comiam. (x)

(x) Aos leitores da Introducção ao Diccionario dos Synoni

(x)

~~Era aquelle o ultimo dia de outeiro.~~ Os hospedes do convento sahiram ao ~~[illegible]~~ cahir da tarde para o cruzeiro do pateo. Era um formoso ~~[illegible]~~ intardecer de estio o d'aquelle dia de setembro. Maria da Gloria não respondia ás alegrias de tanta gente que a felicitava, e não sabia intender a tristeza d'ella. Fallavam-lhe da sociedade ~~[illegible]~~ de Lisboa as suas mos, de Fonseca, é bem conhecida esta ~~[illegible]~~ antigalha, divulgada por João Pedro Ribeiro: Dom Danys, pela graça de Deus, Rey de Portugal... A vós meu Meyrinho moor saude. Sabede, q̃ abadessa do moesteyro de Vairam mi envyou diser que Ricos homens e Infançoens, etc. que son naturaes do dito moesteyro veem a este moesteyro comer as naturas e albergar i desmesuradamente, e com mays ca he contehudo no meu Degredo, de guisa q̃ ella e as outras Donas, que iam a servir a Deus, não podem i viver, nem manter o dito moesteyro; esto non tenho eu por bem, se asi he; por que vos mando que não soffrades aos desusuditos, etc. Unde al non ffaçades

moscoso.

amigas desejosas de la se verem. A melancolica senhora respondia:

— Que tenho eu que ver com a sociedade!.. O braço, que fere com a infamação jamais recua arrependido sem deixar ~~chaga~~ ferida incuravel. Eu não detesto, mas desprezo o mundo. Deem-me uma cazinha e o meu filho, que eu não quero mais. Se este menino tivesse morrido, ha mto. que eu dormiria na claustra desta caza, ou ~~[illegible]~~, se Deus me quisesse provar até mais tarde, nunca sahiria d'aqui.

Manoel Teixeira ouvira estas palavras, e interrompeu-as com mta amargura:

— Tens-me em conta de nada na tua vida, Maria?

— Es o pai de Alvaro: estimo-te e respeito-te, hoje como sempre. Que mais queres de mim? A felicidade da mulher é se não a vos me tornaria eu porem, e faryavos coreger de vossa cassa todos danos, etc. Que fidalgos aquelles que iam de caso pensado albergar-se no mosteiro para comerem as naturas (quer dizer-os rendimtos) das monjas!

mto fragil, e irreparavel, depois de ~~[illegible]~~ morta com a poçonha da ingratidão ... Desculpa-me, ~~[illegible]~~ meu amigo. Não queiras milagres, que as oraçoens das ~~[illegible]~~ servas de Deus não conseguiram. Houve ahi mto quem pedisse ao Senhor um raio de conforto e de alegria para mim: o que o ceo me concedeu foi a conformidade, e o amor deste menino.

Maria ja evitava o praticar a sos com seu marido. Magoavam-na os ~~[illegible]~~ termos amorosos com que elle infeitava a sua paixão para dar linitivo aos pungimentos do seu remorso. Não o amava ella: affoitamte o digamos ~~[illegible]~~ em nome da verdade e da natureza; não podia amal-o. ~~[illegible]~~ Deveria perdoar e perdoou, á ~~[illegible]~~ paixão do ciume, infurecida pelo orgulho; mas ao pertinaz desprezo de onze annos, ao silencio affantoso áquellas ~~[illegible]~~ apaixonadas cartas de ~~[illegible]~~ mãe que ~~[illegible]~~ implorava em vão deixar no rosto de seu filho as ultimas lagrimas, ~~[illegible]~~, não, não podia perdoar a virtuosa mulher.

Ao diante veremos que nobres e singulares espiritos eramos de Maria da Gloria.

Estamos na ultima noite de outeiro. A partida das familias de Lisboa foi marcada para as quatro horas da seguinte madrugada. Os poetas encarregaram-se de espancar o somno dos viandantes ate essa hora, e galhardamente se tiraram da difficuldade. Bons tempos aquelles em que a poesia era inimiga do somno!

Quem decerto nunca bocejou foi Leonor. O vate de Villa do Conde excedeu-se a si proprio no mimo, na doçura, no amoravel dos seus sonetos e decimas. A paixão palpitava em todas as metrificaçoens: no soneto, impetuosa e energica; na decima, toda em flores e maviosidades. O Ferro ouvira-lhe alguns versos de relance, e cantou-o assim n'um soneto, que pesarosamente não me repeteram completo:

Que doces rullos rulla aquelle pombo
A' pomba enamorada e toda secia!
Cuidado! que a virtude soffre um tombo,
E vamos ter alguma peripecia!...

Miguel de Sotto-mayor, posto em riso pelas chufas da

plebe, arredou-se contra o repentista portuense, e quiz desafial-o. Intercederam as senhoras religiosas, conscias do conflicto, e Leonor predisse com ellas, dizendo em voz de quem manda e não pede:

— Faça o que eu lhe digo, senão não sou sua amiga.

Ora o Ferro, que fingira excessivamente intender que o desafiavam, apaziguada a sanha do trovador de Villa do Conde, deu mostra da sua impenitencia n'um soneto de cujos tercetos nesta memoria:

. . . . . .

Tão negro quadro meu pincel não toque!
Calcarem do perdão as sanctas leis,
Matarem-me por causa d'um remoque!...

Que homem tão cruel, ó Deus, fareis!
Se me elle ao ventre aponta o agudo estoque,
Que diluvio de vinho e de pasteis!

Não averiguei as innocentes manhas de que usou Leonor para sahir de entre as senhoras, e sumir-se entre as creadas, que conversavam em proza com os seus conhecidos, em janellas afastadas dos pontos concorridos. Miguel de Sotto-Mayor devia ter aviso desta mudança, por que desalojou tambem do local dos seus triumphos, dando a desconfiar de q̃ sahira estomagado das facecias do doutor Ferro. As creadas convisinhas de Leonor ouviram este breve dealogo entre a menina e o poeta.

— D'aqui a uma hora vamos para Lisboa — disse ella.

— Para nunca mais nos vermos?! — respondeu elle — Este outeiro foi-me fatal! Permittisse o ceo que os meus olhos se fechassem antes de eu vos ter visto, Leonor!

— Pode ser que eu vos torne a ver; mas vós me esquecereis quando me não virdes!

— Primeiro esquecerei a vida, e sentirei morrer o coração devorado de saudades. Jurai-me um eterno amor! Promettei escrever ao infeliz poeta, que, d'hora em diante, contará

pelas lagrimas os minutos da existencia.

— Juro amarvos eternamente...

— Jurais?! mas esqueceis que ja sois a esposa promettida de vosso primo?

— O meu coração é livre — replicou ella... Adeus, que me procuram; adeus, amai-me, e tende esperança!

Estavam as senhoras já na ~~[illegible]~~ portaria, quando Leonor desceu. Faltava Maria da Gloria, e havia no convento, alem do reboliço, ~~[illegible]~~ afflicção em muitas freiras. Maria da Gloria tenha entrado no quarto de Soror Joanna das Cinco chagas, a dar-lhe o ultimo ~~[illegible]~~ beijo, e desfallecera nos braços da religiosa e de Cecilia. Voltara a si, rompendo em gemidos como se a partida fosse um arrancarem-na á felicidade. Alvaro chorava ao pé d'ella. Eufemia ja pedia que a deixassem ali ficar com sua ama e com o menino. A sancta, simulando coragem, impunha-lhe o dever de demudar o semblante para alegre e feliz do bem estar de seu marido. A força dos acontecimtos venceu a final, e Maria da Gloria, abraçando com phrenesi o filho,

~~[illegible]~~ cobrou animo para trocar por elle ~~as amigas~~ a amiade angelica d'aquellas senhoras.

~~[illegible]~~

Rompia a luz da manhan, quando partiram, caminho do Porto. Tocou a matinas o sino de Bairão. As religiosas intraram no coro, e ja la encontraram soror Joanna das Cinco chagas do Senhor. Findos os psalmos, a sancta erguen a sua voz, sempre ouvida como a palavra d'um anjo, e disse:

— Suppliquemos á misericordia divina que aceite o Calix da innocente ~~de~~ Marie da Gloria, como desconto ás futuras amarguras desta familia, se os mysteriosos juizos de Deus lh'as reservam.

Quaes seriam as tuas visoens, sancta!?

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Segunda parte

OFERTA

I

Poichè suo fui, non ebbi ora tranquilla,
Nè spero aver...

Petrarca (Rime)

Em breves termos darei conta do viver de cinco annos na casa de Manoel Teixeira de Macedo. Seria talvez do agrado do leitor a historia minudenciosa dos menores actos, que naturalmte se incadearam para reflorir a primavera de Maria da Gloria, e adossar o agro que uma supposta deshonra devêra ter instilado no animo do banqueiro. É um engano. As primaveras da alma, se a aza negra d'uma tormenta as esfolha, nunca mais reverdecem; e os algozes, que afeam o gume de seu orgulho para lhe immolarem sem piedade as victimas, a si se golpeam, e tal chaga abrem de remorso que nem o balsamo do arrependimto a cerra.

Maria da Gloria, ao intrar em casa de seu marido, lhe

I

disse a elle, sem testemunhas:

Recebes em tua casa uma tua irman, meu amigo. Desta casa dás-me um quarto ao pé do quarto de teu filho. Se isto me concederes, enches o meu coração ambicioso: nada mais quero; e violentar-me a acceitar mais do que isto é mortificar-me. Acostumei-me á ~~[illegible]~~ clausura: heide continual-a aqui. Se me la era penosa por me Deus abençoar com o ardente amor de mãe, aqui, na tua casa, serei feliz por que tenho comigo tudo que me prendia á vida pela esperança. Não me leves á sociedade, nem me peças que a receba nesta casa. Ser-me-hia doloroso contrariar-te, ou contrafazer-me. Não alteres tu, Manoel, os teus habitos. Continua a ser o que eras antes de me ir buscar para a tua companhia. Nada te pergunto do teu passado, nem quero que m'o digas: basta que eu o tenha ouvido da malevola curiosidade de pessoas, que ainda ha quinze dias te absolviam a ti p.ª me infamarem a mim. Isto bastaria para eu odiar o mundo, e prezar viver em odio d'elle.

A tua bondade tem-me ouvido com indulgencia para ser em tudo generosa. Dás-me assim a vida que te peço de portas a dentro?

Vive como quereres, Maria – respondeu teixeira com semblante magoado – Heide obedecer as quantas condiçoens estipulares, se d'ellas depende o teu bem-estar. Diveste-me que eras, em tua caza, meramente minha irman.

– Tua irman.

– Confirmas o que ja me tens dito: o teu coração morreu para mim.

– Coração de irman não é coração morto, meu amigo. A esposa has de conhecêl-a nos extremos com que ama teu filho, e na estima respeitosa com que ha doze annos te prezava; a mesma te sou hoje e serei sempre.

– Comprehendi... Serás obedecida, Maria. Não me revolto contra o castigo: descontar em amarguras a culpa é alivio de remorso nas almas, que não estão de todo perverteidas. Acceito tudo.

E cumpriu religiosamente.

Aquella italiana do palacio de Belem achou-se de repente augmentada em riqueza; mas a riqueza era o ultimo saldo de contas. O millionario dera-lhe, com o dinheiro, o conselho de retirar-se a Napoles com os dois filhos. A cantôra ficou com o dinheiro, e devolveu-lhe o conselho. Se até ali a perfidia fôra clandestina, d'ali em diante até por soberba se patenteava. O novo amante orgulhou-se da substituição, e ostentou-se redobrando a magnificencia da napolitana. Luiz Manoel Teixeira tomar conta dos filhos; ella, porém, respondeu que as vellesidades da mulher não tinham nada commum com o coração de mãe; e não lhe deu os filhos.

Alvaro não voltou ao collegio, a não ser para ir mostrar ao seu mestre e amigo as lagrimas de alegria.

— Minha mãe, dizia-lhe elle, é agora a minha mestra. Tudo o que eu ~~sabia~~ era muito pouco comparativamente ao que me ella ensina. ~~A instrucção foi~~ Disse-me que as ~~minhas~~ horas de ~~conformidade~~ resignação, que

teve em onze annos, as dera ao estudo. É um prazer ouvil-a discorrer a proposito de qualquer passagem de historia; mas o que mais me prende é o que ella diz da vida.

— Seu pai, disse o professor, deve sentir-se feliz, ouvindo-a...

— Meu pai raras vezes entra nestas nossas conversaçoens. Ha dois annos que minha mãe veio do convento, e desde então não sei como explicar o ar sombrio de meu pai. Falla-lhe com brandura e contentamento a ella; mas, se o encontro no seu gabinete sosinho, parece que vejo estarem-lhe os cabellos a intranquecer, e não tem ainda quarenta annos, penso eu. Eu começo a intender tudo, e o meu amigo ha de dizer-me o que eu não souber. Lembro-me que meu pai é desgraçado por que minha mãe involuntariamente o mortifica com os signaes do soffrimto a que elle a obrigou. Ella é que envelheceu, e está para pouca vida. Muitas vezes me diz a chorar: "Quererá Deus que eu não vá deste mundo sem te ver homem, e no caminho da felicidade?" Receio mto que ella succumba aos effeitos dos padecimtos passados ##...

Um dia, Alvaro Teixeira encontrou João de Mattos, sentado ao lado

do conde de Basto, na carruagem d'este. João de Mattos viu-o, e fez parar a carruagem ~~a carruagem parar~~. O ministro da justiça ~~[illegible]~~ apeou, e abraçou Alvaro.

— Nunca mais se lembrou de mim? — disse-lhe elle.

— Lembro sempre; mas não me attrevi a procurar V. Ex.ca

— Pois procure-me, e nunca esqueça as minhas ultimas palavras.

Este encontro é posterior cinco ~~[illegible]~~ annos á visita do intendente geral da policia a Manoel Teixeira.

Em 1830, o negociante abandonou inteiramente o trafico commercial. Falleciam-lhe as forças para o trabalho, e sobravam-lhe os haveres. O seu estado era relativamente limitado. As antigas equipagens tinham sido reduzidas ao indispensavel. M.a da Gloria apenas ia com seu filho aos Olivaes, a horas em que não podesse ser observada. ~~O marido acompanhava-a sempre~~ Alvaro, e só elle, era a sua ~~companheiro~~ constante companhia. As antigas amisades de sua casa retiraram offendidas do ar cerimonioso e reservado com que eram recebidas, e mais se ~~[illegible]~~ irritaram contra uma feroz virtude que não pagava visitas. As bem-vindas palavras ao quarto de

Mª da Gloria eram as cartas de Bairão, umas da sancta, outras de Cecilia, e muitas de todas as religiosas, a quem ella respondia sempre. As de Soror Joanna cessaram ao cabo de cinco annos; mas dizia Maria da Gloria que a via em sonhos, e a ouvia do ceu. Depoz ella, como se a sancta fosse eleita para guia da bem-aventurança, algumas outras levaram a sua luz ao altar do Eterno. Os dias destas novas eram celebrados com muitas lagrimas de Maria. „Se tu não existisses, dizia ella ao filho, estas sanctas creaturas teriam expirado nos meus braços"

Manoel Teixeira peorava de dia para dia. A medicina aconselhou-lhe os ares de Italia, depois um passeio recreativo pela Europa. Perguntou a sua mulher se o accompanhava, e ella respondeu que a magoava a pergunta, sendo esse não so o dever d'ella, que tambem a sua mais ardente vontade. Lembrou-se o pai de Alvaro levar tambem Leonor. Maria approvou a lembrança, e Alvaro não soube esconder a alegria que lhe ella dava. O morgado dos Olivaes folgou tambem com o

convite; Leonor, porém, nem se quer por condescendencia contraper o desgosto de tal viagem. Disse que não tinha inclinação para viajar, e fez com que o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha.

Maria da Gloria, como adivinhasse a tristeza do filho, fallou-lhe assim:

— Alvaro, o coração não se esconde a teu mãe. Tens dezoito annos: posso fallar-te sem rebuçar as palavras. Tu amas tua prima?

Alvaro corou, e balbuciou.

Maria proseguiu:

— Sê-me responderte, meu filho. Amas tua prima; e eu te digo que faças tudo quanto puderem forças humanas para esquecê-la.

— Porque, mª mãe?!

— Aquella menina tem condões fataes. Os instinctos serão bons; mas a educação degenerou-lh'os. Podes tu imaginar que espaço mundos vai abrir-se deante de teus olhos? A chave das maravilhas

deste mundo ha de dar-t'as a riqueza. Não quero dizer que o teu ouro descubra coraçoens nobres e dignos de ti; mas é certo que em volta do homem, que tu has de ser, se ajunctam os thesouros mais raros, e tu escolherás o mais primoroso. Esquece, Leonor, filho. Faz de conta que viste uma vivora enroscada entre as flores, que amavas desde a infancia. Um dia verás secas as flores e a vibora em toda a sua peçonha, Perguntarás então á imagem de tua mãe, que voz do ceo lhe disse á alma a profecia, q̃ te faço hoje.

Alvaro não respondeu, senão com um sorriso de complacencia, triste sorriso, e dolorosa significação de uma angustia, que se peja de confessar-se. Estas linhas escriptas de Alvaro a Leonor dizem mais:

"Eu cuidava, minha prima, que eras feliz acompanhando a nossa familia. Meus pais amam-te mto, e eu, bem sabes quanto te amo. Não és grata ao nosso amor. Deus sabe os motivos, que tens para ficar. Lembra-te de nós, e de mim; e vem dar-me um abraço antes da nossa partida"

No dia seguinte, veio o morgado e a filha a Lisboa.

— Não sabe quem eu hoje encontrei nos Olivaes?! — disse Sebam de Brito a Maria da Gloria — A mana lembra-se d'aquelle poeta, chamado Miguel de Sotto-Mayor?

— Perfeitamente... Está nos Olivaes?!

— O mesmo em pessoa. Perguntei-lhe o que fazia por ali, e elle respondeu que viera a Lisboa, e andava visitando os arrabaldes. E o caso é que o rapaz viaja como grão-senhor! Traz creado de libré, e dois bonitos cavallos. Pelos modos, ha poetas que tem libré e cavallos.

— Isso que admira?! — accudiu com azedume Leonor — O pai não ouviu dizer que elle era filho segundo da casa mais antiga de Villa do Conde! É boa! querem que os poetas sejam todos uns ~~[illegible]~~ maltrapilhos, por que Camoens, Bocage, Tolentino e outros não tiveram senão versos que mostrar ao mundo! Eu cá de mim, não lhe admirei os cavallos nem a libré; o que

mais notavel nelle no poeta é o seu talento!

— E o fogo que tu tomas nestas coisas da poesia, mª sobrinha! — disse a Sª da Gloria.

— A pequena é maníaca por versos — replicou o pai. — E o mais é que ja os faz tambem. Tu ainda não fizeste versos a teu primo, Leonor?

— Meu primo não gosta de versos ... — respondeu ella com socego.

— Eu não desgosto; dum Alvaro; e, se fossem teus, gostaria muito; mª prima...

— Oh! não ha muitos dias que eu estava a ler-te o Oriente, — tu disseste que os versos do padre Jose Agostinho eram gordos e atoicinhados como o Author.

— Pois sim, eu disse isso a trincar; mas, se não gosto do Oriente, poderei, e tendo os teus versos, tomar gosto pela poesia.

O coração de Alvaro estava cheio de lagrimas. Fizera-se-lhe uma luz subita no espirito. Recordou-se do enthusiasmo poetico de Leonor pelo poeta de Villa do Conde, e concluiu d'elle para a visita aos Olivaes. Apenas nascido, o abutre do ciume

recurvou-lhe as garras no seio. A paixão deu-lhe o desembaraço, e a dor a eloquencia. Buscou ensejo de estar só com Leonor, e disse-lhe com os olhos marejados de pranto:

— Tu decerto não vens comnosco p.ª Italia?

— Que pergunta! Eu ja disse q̃ não ia.

— E por que não vais, Leonor?

— Por que não quero deixar meu pai, nem troco os regalos de ver mundo pelos affagos d'elle.

— Mas teu pai tem vontade que venhas...

— Deixal-o ter; se elle não presa a m.ª comp.ª, preso ou a d'elle.

— Ha outro motivo, m.ª prima — redarguiu Alvaro com m.ta tristeza córada por um + suave + sorriso artificio.

— Qual?!

— Tu amas o poeta, que hoje viste nos Olivaes.

Leonor descompoz-se n'uma risada toda da garganta, e disse a final:

— Tens graça, primo! Estou eu agora feita castellan, com trovador debaixo do balcão do castello a chorar amores!.. Valha-te Deus, Alvaro! A mim importa-me ca o homem de Villa do Conde!

— Mas elle decerto ali foi pr tua causa...

— E, se foi, que culpa tenho eu! Os poetas tem aquellas coisas, e eu não posso ser responsavel das tolices alheias...

Leonor lançou mão do primeiro pretexto para rematar o dialogo. Alvaro, quase repellido quando ia fallar, foi ter com sua mãe, e desabafou pr estas palavras no seio d'ella:

— Tem rasão... devo esquecer minha prima.

— Menos, quando ella for desgraçada... — disse Mª da Gloria — Lembre-te isto sempre, meu filho.

Sahiram para Veneza.

Auras bonançosas lhes assoprem brandamente as vellas, e renasçam para elles debaixo d'outros ceus as alegrias do coração!

II

«Se alguem provou ja o golpe d'um desprezo aconselhe á m.ª dor os remedios da sua.

D. F. Manoel (Epanaphora)

Não esteve em si Leonor em quanto se não viu nos Olivaes. A olhos enchutos vira ella sumir-se o navio, e já dizia ao pai que lhe doia o braço de agitar o lenço para responder ao adeus de Alvaro.

Miguel de Sotto-Mayor, decorridos dois dias, appareceu nos Olivaes, de volta de Sacavem e Villa Franca, para acceitar a honrosa hospedagem de Sebastião de Brito, offerecida no primeiro e casual encontro, casual digo com respeito ao morgado.

Leonor sabia que Miguel de Sotto-Mayor ali vinha: o juramento, feito em Barrão aos quatorze annos, não tinha sido ainda quebrantado aos desenove. Recebêra sempre cartas, e respondera a

todas do seu poeta, na esperança de ser um dia, embora tarde, sua esposa.

Havemos de esboçar a indole deste moço, de trinta e dois annos poderem adornar-se com as graças da mocidade.

As freiras tinham dito que Miguel de Sotto-Mayor era máo filho; presumo. Devia elle de ser, quando as virtuosas lingoas do mosteiro não escrupulisavam em murmurar do proximo. Fôra elle academico duas veses riscado por contumaz na desordem e outros effeitos da vinolencia. Este vicio dominava-o no seio da familia, e desafogava por máos tractos e injurias aos pais e irmãos. Intendêra elle que o estro da poesia carecia a confirmação da extravagancia. Lêra de Byron os attrevimtos do genio conformados com os desvarios da vida, e não achou coisa impossivel nascer em Villa do Conde o Byron de Portugal. Em verdade, as mesuras não lhe eram avêssas; mas, posto que na desordem se aventajasse ao lord inglez, o genio ficava-lhe áquem, na distancia que vai d'um soneto de abbade real

ás "Perigrinaçoens de Child-Harold".

Por vezes alcansara a casa de seus pais, exigindo dinheiro p.ª excursoens ao Porto: davam-lh'o para se livrarem dos escandalos na terra, e tinham mtas vezes de ir resgatal-o á cadeia onde o levavam os escandalos de fora.

Em 1828, morrêra o morgado, e succedêra Miguel no vinculo, onerado de grandes dividas. Muita gente espantou-se do favor que a Providencia dá aos máos: gente van de seus juisos que quer com olhos do rosto abranger o infinito dos juisos divinos.

Constituido senhor de casa, vieram de seu os desperdicios, com o nome de desperas necessarias á sustentação da dignid.e de seus maiores e sua. Os sustentaculos desta dignid.e estavam na estrebaria: eram os arrogantes cavallos, que escoucinhavam os velhos machos de seu pai.

Posto que Miguel de Sotto-Mayor mantivesse correspondencia com Leonor de Brito, o coração era estranho áquella constancia, umas vezes passa-tempo, e outras

o. Em quanto filho segundo, convinha-lhe o patrimonio de Leonor, se bem que desfalcado pelo pae. Informara-se, e sabia ao certo o valor da morgadia dos Olivaes. Depois que succedeu no vinculo, curou de agenciar mulher mais rica, e tê'la-hia, se a reputação lhe não deslustrasse o nascimento e os bens da fortuna. N'estas tentativas, malbaratou novos empenhos levantados sobre a casa, e em menos de dois annos eram-lhe escassos para viver limpamente os rendimento d'ella.

Porém, como quer que nunca deixasse de escrever a Leonor, ao ver-se assim repellido + das ricas herdeiras, e ameaçado d'uma fidalga pobreza, reaccendeu a poesia das cartas, e apoderou-se mais alta temperatura o coração da donzella. Animou-o ella a pedil-a ao pai, ainda que não asseverava o bom exito da petição; todavia, tão da alma era escrava d'ella, e tão livre se sentia n'esta escravidão que, no dizer d'ella, quando o pai a negasse o coração se obrigava a emendar o

erro do pai.

Tinham assentado n'isto, quando Miguel de Sotto-Mayor, explorando o cansado veio das dividas, levantou dinheiro p.ª a jornada e consequencias d'ella.

Agora o temos nós em casa de Seb.am de Brito, como passageiro que se faz recommendavel pelos dois cavallos e lacaio. Ahi desenrola, primeiro, o hospede os pergaminhos da sua linhagem, e diz quantos reis godos lhe ~~[illegible]~~ giram no sangue. Sebastião de Brito, regalado com uma pratica de sua maior predilecção, mostra os retratos de ~~muitos~~ alguns avós, e lastima que ~~seus~~ os não ~~[illegible]~~ retratados fossem mais antigos que a arte da pintura.

No dia immediato, ~~[illegible]~~ fallaram em ~~[illegible]~~ casamentos desiguaes, e prostituição da nobreza ao ouro das classes mecanicas. Sotto-Mayor verberava os indignos herdeiros d'um castello avoengueiro, que o arrasavam para erguerem palacios, á custa de dotes ganhados ao balcão e na balança.

Brito foi remisso nos gabos á ~~fidalgo~~ ~~ira~~ soberba de Sotto-Mayor, por que tinha de lhe dizer que sua filha ia casar com ~~um~~ o filho d'um negociante seu irmão bastardo, e d'uma filha d'outro negociante de Macáo. Dito isto, perguntou o de villa do conde se era irrevogavel o plano de tal consorcio. O morgado dos Olivaes deu a sincera explicação do casamento, descrevendo o máo estado da sua casa, e a necessid de ~~pulso~~ braço forte que a subtrahisse aos vexames da usura. Desanimou algum tanto o poeta-fidalgo; mas a ~~[illegible]~~ subita apparição de Leonor, linda como oiro aos olhos d'um avaro, ~~[illegible]~~ fulminou com um relance de ~~olhos~~ de amoroso olhar a idea sordida que ~~[illegible]~~ surgira ~~do~~ baixa alma ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ do seu poeta. Ousou Miguel pedir a filha ao pai, na propria presença d'ella. Sebastião de Brito disse á Leonor que respondesse: tamanha segurança tinha de a ter conforme nos seus calculos, e no conhecimento do ~~[illegible]~~ seu desvaliado dote. Leonor respondeu que não podia ser esposa de outro, com approvação da sua alma. Gelou-se o sangue nas veias do pai, e

nunca o ella vira tão ~~[illegible]~~ malassombrado e iroso. Mandou-a sahir da ~~[illegible]~~ sua prezença, e disse ao hospede que, em sua casa, se eram bem-quistos os amigos, que lhe não traziam planos de completarem sua ruina.

Miguel de Sotto-mayor mandou aparelhar os cavallos, esperou no ~~que~~ pateo, que o lacaio lhe appresentasse o seu, e disse ao capellão de Brito:

— Diga ao cavalheiro que não lhe pergunto, quanto lhe devo de hospedagem, por que heide fazer contas com elle, quando for ~~seu~~ genro.

Isto intendeu elle que era puro byronianismo; o dono da casa, porém, é que deu á coisa o seu verdadeiro nome, chamando-lhe „patifaria"; e ~~lamentando~~ lamentou que os seus creados lhe não posessem o espirito e a carne em lençoes de vinho.

Ao romper amanhan do dia proximo, Sebastião de Brito foi com Leonor para Lisboa, e deu-a em guarda

parentes, que lhe vigiavam as minimas acções. D'ahi a dias,
foi ella intimada para recolher-se ao convento das Commendadeiras, e esperar alli que seu primo voltasse da viagem para realisar o casamento. Leonor ostentou brava reacção; cedeu, por fim, á força, dizendo que o tempo era a arma e a victoria dos fracos.

161

pag 160-do 1.º vol.

Miguel de Sotto-Mayor, abonado e recommendado por cartas que apresentou ao ministro da justiça, vindas de Barcellos, tinha remover judicialmente do convento Leonor. João de Mattos, ouvindo do proprio morgado dos Olivaes as razões da sua negativa, affastou de si o pretendente, e foi em pessoa ao convento para despersuadir a filha rebelde, e concital-a a reservar o coração para Alvaro, que, no dizer do ministro, havia de ser o herdeiro dos centenares de contos de seu pai e do angelico espirito de sua mãe. Leonor pasmou da contumacia á dissimulação, e promettendo submetter

~~elhas~~ se á vontade paternal.

A traça ardilosa desta condescendencia fôra-lhe suggerida ~~pelo~~ Pr. Sotto-Mayor. João de Mattos era barreira mais insuperavel á primeira tentativa que os muros e grades do convento. Apesar de sua ousadia, o de villa do Conde seccou que o Limoeiro lhe embargasse o passo. A inimisade do ministro da justiça equivalia a um cerco de esbirros lançados no seu encalço. Soccorreu-se, por isso, da velhacaria, e, delineado o plano por cartas a Leonor, sahiu de Lisboa.

Sebastião de Brito duvidou da reforma da filha. Decorreram seis mezes, sem que os rogos de Leonor o movessem a tiraba do convento. „Hade sobejar-te tempo de seres feliz, dizia-lhe o pai — Teu primo não pode demorar-se... Que te diz elle nas cartas?„

— Diz que o ~~pai~~ tio está cada vez peor.

— Pois ahi tens, Leonor. Se peora, vem; e, se morre, mais depressa vem, e mais depressa és senhora da enorme riqueza de teu sogro.

— E que dirá meu primo, replicava ella, vendo-me reclusa n'um convento?! E pai não receia que elle me regeite, sabendo os motivos que me dei para ser aqui encarcerada? Se elle tiver dignidade, não me quer; e, se a não tiver, não o devo eu querer a elle.

— A tua fama não está manchada. Teu primo decerto perdôa a innocente volubilidade d'uma menina, ingodada por um homem matreiro, ou apaixonado por ti. Não ha dama da corte a quem não tenham succedido certos episodios trinta veres, e raras sahem d'elles com a sua reputação illesa como tu. Que culpa tens tu, de que por ti inlanguecem o poeta minhôto? E quem pede contas da sua fascinação a um espirito novisso, incauto, e inexperiente d'uma menina da tua idade? Se toda a gente te desculpa, que fará Alvaro que te ama desde creança?!

Replicava a tudo isto Leonor, instando por sahir do convento, e mostrar-se pelo arrependimento, e quietação na casa de seu pai,

mais digna de desculpa. ~~Contemporaneamente~~ ~~Sobre~~ ~~[illegible]~~ A passo egual, cresciam as suspeitas, e o morgado ~~ia~~ ~~[illegible]~~ dilatava a epoca da sahida. Leonor, ~~[illegible]~~ levada de sua raiva, ~~[illegible]~~ resolveu fugir, e preveniu Sotto-Mayor. ~~Este~~ Não era ~~este~~ sujeito de emendar desatinos alheios o poeta: quando muito, mais por medo ~~[illegible]~~ da ~~lei~~ justiça que do descredito, abstinha-se de os aventar primeiro. Pareceu-lhe heroica e byroniana a fuga da morgada. Deu-se prisa em chegar a Lisboa, avisando Leonor ~~pela~~ por intercessão de terceira pessoa, que os trasia vendidos ambos ao Sam de Brito. E o caso foi que Miguel de Sotto-Mayor, horas depois que chegava a Lisboa, era prezo ~~como suspeito~~ por ~~com~~ malhado, e conduzido ao castello de S. Julião da Barra.

João de Mattos fôra estranho áquella vil arteirice do morgado dos Olivaes, e, ~~[illegible]~~ conscio d'ella, deu-lhe o nome, que ella devia ter; chamou-lhe infamia. Contra vontade do intendente geral da policia, chefe dos quadrilheiros, mandou o ministro da justiça ~~dar~~ liberdade ao preso, e chamal-o á sua prezença.

Miguel de Sotto-Mayor teve uma hora de lucidez, na presença de João de Mattos: adoptou o conselho de sahir de Portugal por algum tempo, unica sahida por onde podia salvar-se da perseguição politica, e dos tormentos que elle testemunhara nas cavernas da Torre. Partiu, pois, sem demora para França, onde então o nucleo do partido liberal fomentava a restauração dos legitimos poderes. No intanto, João de Mattos, suspeito liberal por estes e semelhantes× actos de consciencia, honradez, attracto, havia sobre si accusações, que mais tarde lhe sortiram a deportação para Abrantes.

Por esses dias, recebeu Leonor esta carta de Alvaro:

"Estou sem pai, minha prima. Deixei minha mãe n'um
"telhargo para vir escrever-te estas linhas. Estava tudo
"prompto para a partida, quando meu pai morreu, nos
braços desta santa. Como ella o amava, ou como
é o amor das martyres sente mundo! Em quatro

" meses de agonia, minha mãe nunca desamparou o leito
" do infeliz, que parecia contar os ~~[illegible]~~ instantes de vida nas do-
" res do coração. Foi um aneurysma que o matou. Disia
" ~~[illegible]~~ em cada dia: Que tristesa! contemplar-vos, amar-vos
" tanto, e ter nesta agonia a certesa de que hei de deixar-
" vos breve! Viver sem ti os melhores annos da vida, m.ª
" querida esposa, e chamar-te para mim, quando ja ~~[illegible]~~ via
" esta morte! Que fiz eu da tua felicid.e e da m.ª!
" Que espectaculo eu te dou ~~[illegible]~~ para ~~[illegible]~~ levar a tua
" desgraça á perfeição! Cinco annos de doença, de desgosto,
" e de pedir a Deus, por intercessão da tua sancta alma,
" que me abrevie estas penas! Se as padeço como expia-
" ção, diz tu ao Senhor que me perdoaste as culpas. Pe-
" de-lhe, Maria, que me deixe viver trez annos por
" amor de ti e deste filho, deste anjo da reconcilia-
" ção que nos veio das mãos de Deus. Pede-lhe, minha
" virtuosa amiga, que me dê horas de descanso e horas

" de tribulação. E, se Deus quer que eu acabe, roga-lhe que
" seja ja, antes que eu perca a fe na misericordia divina —
" Minha mãe debulhava-se em lagrimas; sentia-se extremosa
" amante pelas palavras de consolação que lhe dava; ia in-
" vocar a alma da sancta de Bairão; e voltava cheia de
" esperanças ao leito de meu afflicto pai a pedir-lhe pa-
" ciencia e confiança. Aqui tens a nossa vida dos ulti-
" mos quatro mezes. Bem fizeste em não vir comnosco:
" terias um quinhão destas amarguras, minha prima.
" Mas, ao mesmo tempo, que alivio para mim, se te
" eu visse ao pe de minha mãe! Eu não sei como hei de
" consolal-a! Tu saberias, Leonor, porque no coração da mu-
" lher é que Deus depositou as suas palavras de consola-
" ção para os desgraçados sem culpa... Chama-me
" a mª pobre Eufemia... Minha mãe está delirando;
" faz contra si propria accusaçoens que me traspassam
" a alma. Pede perdão a meu pai pr lhe não
" ter podido dar a felicidᵉ, que ella em si não tinha!..

" Não te accuses, minha sancta mãe! Tu foste o anjo
" que se fez nas cinzas do teu coração, anjo de ternura
" e de piedade, anjo ~~[illegible]~~ de perdão e de supplica por
" todos que te injuriaram, e te mataram, primeiro que
" a meu pai... Não posso m.ᵗᵒ... Logo que minha mãe
" tenha forças, vamos p.ª Portugal. Adeus, m.ª que-
" rida Leonor. Chora uma lagrima, que t'a merecem
" ~~estes~~ os infelizes q̃ m.ᵗᵒ te amam ~~[illegible]~~ neste ~~[illegible]~~ total desamparo
" de amigos..

Do teu Alvaro "

" Napoles - Maio 15 de 1831.

Leonor não tinha lagrimas. Requeimara-lh'as
o odio ao pai, e o anceio ~~[illegible]~~ da vingença!.

Pouco antes ~~d'aquella~~ de ler aquella carta, recebera ella a no-
ticia do desterro ~~e~~ violento de Miguel de Sotto-Mayor.
As ~~[illegible]~~ commendadeiras, de convento, houveram horror + e não piedade
dos ~~[illegible]~~ esgares phreneticos da morgada.

III

C'etait Ninon de Lenclos
qui disait qu'elle remerciait Dieu, tous les soirs, de son esprit, et qu'elle le priait, tous les matins, de la préserver des erreurs de son cœur.

Mirabeau (Lettres a la marquise de Monnier)

Ja Leonor não estava no mosteiro, quando Maria da Gloria, mez e meio depois da morte de seu marido, chegou a Lisboa. O pai, temendo que a exasperação a hallucinasse ate o extremo do suicidio, levou-a para os Olivaes, e cuidou em amaciar-lhe a braveza com os antigos carinhos e distracção de amigas e parentas, devotadas todas a delir-lhe da lembrança a imagem do expatriado.

Alvaro, no dia immediato ao da sua chegada, recebeu recado, e urgente de João de Mattos, para ir fallar-lhe.

— Chamei-o, disse-lhe elle, para lhe dar o que o Sur Macedo me não pede: é um conselho. Seu pai, que Deus haja, tinha em vista casal-o com sua prima Leonor de Brito. O Sur consultou alguma vez o seu coração sobre este designio de seu pai?

— Sim, sur, e achei-o conforme aos meus mais ardentes desejos.

— Tem o Sur Alvaro alguma especie de confiança nos merecimentos de sua prima? Crê que ella o estima?

— Devo suppor que sim.

— Está n'um erro. Agora o conselho sem preambulos: não case com sua prima, nem exponha o seu bom coração ao escarneo e á deshonra que inevitavelmente lhe hade vir com o arrependimento extemporaneo. Se não pode esquecêl-a, converta essa lembrança em estima, e a estima em virtude: quando a vir desgraçada, ampare-a. Imagine que sua prima hade passar pelos elos d'uma cadeia fatal. Não está nas suas mãos quebrar-lhe a cadeia; mas a misericordia pode m.to e

a caridade faz milagres. Ainda o chamei para outro fim. Eu vou depois de amanhan deportado para Abrantes, á ordem do snr D. Miguel. Vou ralado de desgostos, e vaticino que toda a força de m.ª alma, e a muita energia que me dá a consciencia pura, me não sustenham na queda. Se eu cahir, e o não tornar a ver, lembre-se, no longo curso da sua vida, destas lagrimas que viu na face de um velho, e por ellas lhe rogo que, em meu nome, ajoelhe aos pes de sua sancta mãe, e lhe peça perdão para mim que ~~[illegible]~~ lhe matei a felicid.e de toda a vida.

João de Mattos ~~[illegible]~~ apertou ao seio o filho de Maria da Gloria, e disse-lhe:

— Vá!.. Eu não o verei mais... Na eternid.e saberei se sua mãe me perdoou.

Alvaro appareceu a sua mãe ainda com lagrimas. Interrogado á cêrca d'ellas, contou o successo, e fez de joelhos a supplica. Maria da Gloria ergueu as mãos, e disse em

seu coração: " Vós bem sabeis, meu Deus, que eu perdôo a quantos me fizeram mal; e a este, que peccou, e se rehabilitou pela contricção da honra, dais vós, Senhor misericordioso, as consolaçoens que a mim me daes por intervenção de meu filho." E accrescentou em voz alta:

— Vai diser a esse nosso amigo que tua mãe lhe deu este nome. Pede-lhe licença para saberes as intimid.es da sua vida. Se elle quizer emigrar, e não tiver recursos, diz-lhe que és rico: pede-lhe com encarecimento que t'os acceite. Ouvi dizer á sancta de Baisão que seu sobrinho era pobre, e morreria pobre. Disse-m'o em elogio da sua probidade. Vai, meu filho, que esse homem perdeu tua mãe + p.a a felicid.e; mas restituiu ~~[illegible]~~ t'a p.a o amor.

João de Mattos ouvio da bocca de Alvaro as textuaes palavras de sua mãi. Balbuciou m.to commovido expressoens de reconhecimento, e apontando para um grande painel, disse:

– Guarde-se minha aquella lembrança: o retrato de um pai honrado é um constante pregão de honra; o do amigo verdadeiro, e inflexivel no infortunio, é um consolador, e do não pode ser um conselheiro mudo.

Agradeceu Alvaro a dadiva, e ajudou a deslocar o quadro que o levar comsigo. Foi esse mesmo o que eu vi nas ruinas dos Olivaes.

Deste ~~infeliz~~ probo e desditoso estadista não fallaremos mais. Logrou ser profeta do seu repouso. Finou-se com pouco tempo de desterro. A sua ultima carta que deu ao filho de Maria da Gloria era uma reminiscencia dorida dos dias em que a paixão o insandecera a ponto de não ver o abysmo em que a virtude e a par d'uma mulher se debruçava com a honra d'elle. Esta carta denotava desconcerto de espirito; e, por ver a ultima, de perto se seguiu o apagar-se aquella grande luz, que de mais, no intender dos magnates e dos aulicos, aluminava a ignominia e a protervia d'aquelles que impeçavam na virtude a bondade

do homem, leal ao throno; ~~mas~~ mas ~~mais~~ leal ainda m.s á honra.

Choraram-no Alvaro e sua mãe. ~~Tanto era~~ Tão affeiçoado lhe era o moço, que ~~houvera~~ pedira licença a Maria da Gloria para o ir visitar em Abrantes, e condusil-o para sua casa, ~~levantada~~ indultada a sentença. Algumas horas, scismando n'elle, pensara Alvaro em ver sua mãe ligada em segundas nupcias a um homem de quem elle ja tinha no coração palavras paternaes, e segura base para o amar e respeitar no futuro com ~~o~~ amor e veneração de filho. ~~[illegible]~~ Deu mate a estas ~~candidas~~ doces cogitações a morte; mas a saudade ficou imperecivel no coração de Alvaro, e a gratidão no espirito de M.ª da Gloria.

Se não cahisse a proposito este incidente, logo de começo teria eu dito que S.am de Brito foi logo visitar sua cunhada, e offerecer-lhe a sua casa dos Olivaes. A viuva não acceitou, porque a soledade com seu filho era tudo o que lhe restava bom e acceitavel neste mundo. Leonor, algum tanto desvanecida de Miguel de Sotto-

d'Mayor, cujo silencio de alguns mezes a desmemoriava, e ao mesmo tempo industriada p.r amigas e parentas, mostrou affavel sombra ao primo, por entre uns gestos de tristeza insinuante. Dizia ella que um anno de vida lhe modificara em.to o genio, e que ainda agora começava a sentir-se no coração. Recebia carinhosa, ou antes desafiava os agrados de Alvaro, já commovendo-se com arte ás saudades com que elle relembrava o pai, já seguindo-o ás aspirações da vindoura felicidade, e fantasiando-a com elle na vida do campo, na ausencia dos esplendores sociaes, e na permutação intima e obscura dos sentimentos de duas almas apaixonadas. Com Maria da Gloria não era ella menos artificial, ou encarecendo-lhe as virtudes do filho, ou pedindo-lhe conselhos para o egualar em merecimentos.

Alvaro escutava sua prima com assombro e desconfiança; Maria com a quasi evidencia do ardil em que a tinham amestrado o pai ambicioso, e as mulheres d'alta roda proficuas no logro, e nas fraudes do coração. E d'ahi, o silencio de ambos no tocante a casamento; e os custos de Sebam de Brito, e os despeitos da filha orgulhosa á conta d'aquelle silencio.

Seccara a fonte perennal dos recursos do morgado com a morte do irmão bastardo. A' cunhada não se affoitava elle a pedir as grandes quantias, nas occasiões apertadas; e ainda menos ao sobrinho, o qual, se bem q̃ tivesse desoito annos, nada pedia nem acceitava dos grandes haveres de sua mãe. Lastimava-se o morgado á filha, arguindo-a de ser causa a tantos desgostos e vexames com o seu proceder. Esta, que os principiava a sentir em certas faltas que a superabundancia sem regimen faz conhecer, duplicava as ciladas ao coração do primo e á bemquerença da tia.

Uma vez estava ella a sos com Alvaro. Este entretinha-se nesse tempo escrever as memorias da sua infancia, e deixára o manuscripto aberto na mêza de estudo. Pediu Leonor licença para ler algumas paginas, e elle hesitou; mas Leonor tão meigamente instou, que Alvaro consentiu que ella lesse as duas ultimas paginas. Tinham estas referencia aos outo annos de sua idade, e terminavam assim: " Não esqueceria nunca os dias dos Olivaes, ainda mesmo que da affeição então nascida

mais odiosa me foi a lembrança. " Seguiam-se algumas reticen-

cias.

Leonor depoz o manuscripto, e disse triste:

— Estes pontinhos q̃ significam?

— Nada, minha prima.

— Dás-me licença que eu complete o seu pensamento? Deixas-me escre-

vêl-o sobre as reticencias?

— Escrevei, disse Alvaro risonho.

Leonor, sem demora de pensar, continuou assim a escripta:

" Aquella creança, innocente e formosa como um anjo aos meus

olhos, n'aquella idade, amava-me, e não sei que amor era o seu,

por que o amor dos anjos deve ser mysterioso, e é. Mais tarde,

eu não podia amal-a, por q̃ não poderia intendel-a. Senti-me in-

vadido d'ella, como as creanças das flores com que brincam

uma hora. Não a esqueci por que a vejo sempre; mas esqueci-a

Lei quando a mulher, q̃ vagamente me falla nos sonhos, me disse:

Sou eu. A tua Leonor era o amor da innocencia; e eu sou

a mulher da paixão »

— Aqui tens, disse ella — Agora, sim; está completa a pagina.

Alvaro leu, fitou os olhos em sua prima, e disse:

— Por que te enganas a ti propria, ~~Leonor~~ ou por que me mentes, Leonor?!

— É uma nova injuria que o meu coração te agradece assim..., disse,

#, beijou-lhe a face, e retirou-se.

Ai! Maria da Gloria, como hasde tu combater o ve-

neno corrosivo d'aquelle beijo?!

João de Mattos, varão justo, que tinhas no tom e no gesto a

modulação e a postura do prophéta, as tuas palavras escul-

piram-se no espirito de Alvaro; mas o coração não fôra

chamado a jurar nas promessas do espirito!

Venceste, Leonor, venceste!... Uma victoria te falta:

olha se rebellas o filho insepulto contra a vontade da mãe;

espedaça os liames, que prendem essas duas almas; e

então levarás a rojo da tua astucia os mais sagrados

deveres do coração, e farás irrisão da providencia!

IV

~~[illegible]~~!

~~[illegible]~~)

Como se é creança !... Como se é creança!

Goethe (Werther)

Vira Maria da Gloria seu filho amargurado, e mysterioso. Notara igualmente a ausencia prolongada de Leonor e do cunhado. Industriosamente ~~industriosamente~~, se fazia admirada, à ver se surprehendia o coração do filho. Malogrados estes meios, foi com ~~directamente~~ directura á chaga suspeita, e descobriu-a.

— O teu soffrimento são saudades de tua prima, Moysés.

— Eu não posso mentir a minha mãe...

— São? — interrompeu Maria.

— Saudades, e duvidas q me atormentam.

— Que dúvidas? se te ama?

BNP

— Penso que temos sido injustos com ella, minha mãe...

— Diz-me o que te fae assim pensar, Alvaro.

Não se fez rogar o môço: contou a scena das „memorias de infancia" e mostrou o accrescentamento de Leonor. Maria leu, sorriu, e disse:

— Tanta palavra!... Crês isto, filho?

— Diga-me a minha mãe se não devo accreditar.

— Não deves. Vai ao convento das commendadeiras e pergunta o que fez ali tua prima, durante oito mezes.

— Minha prima esteve no convento das commendadeiras!?

Maria abriu a gaveta d'uma escrivaninha, e mostrou a Alvaro uma carta, recentemente recebida, de uma senhora, sua amiga de collegio, que a predispunha contra o enlace de seu filho e uma doida furiosa, dizia a carta. Era isto o prologo de uma minda noticia de todos os actos de Leonor, desde a intrada e da tentativa de fuga, até os contorsoens de possessa que a fizeram accreditar demente.

Alvaro dobrou a carta, e escondeu a fronte á mãe para esconder de sua mãe as lagrimas.

– Crês no arrependimento de Leonor? – continuou a mãe serena e affavel – E' possivel; mas o segredo que teu tio escondeu de nós, e o ar de candura com que ella se tem offerecido á nossa estima, qual provam mais, arrependimento ou astucia? A culpa arrepende-se, confessando-se. Estas palavras são uma hypocrizia, e o beijo desta menina astucia é...

Maria da Gloria suspendeu a palavra que era a propria, e coroou-a assim:

– E' uma liberdade que deve magoar um coração delicado como o teu.

Seguiram-se alguns segundos de silencio, e, após elles, Maria continuou com vehemencia e magestade:

– Alvaro! tu es um homem. A tua dor é uma questão mais de honra que de coração. Eu tenho

cimes dos bons sentimentos da tua alma, e, por von-
tade minha, heide cedê-la unicamente a quem te
chamar „esposo„ com o extremoso amor com q̃ te en-
chamo „filho„ Se Deus não quer que as minhas
contas com o infortunio estejam saldadas, caza
embora com Leonor. Não te lanço da minha alma;
mas não contarei mais com a tua. A minha
vida não alcansará a tua desgraça. Morrerei a
tempo de ir pedir a Deus que te dê forças para
ella.

Alvaro erguen-se de golpe, e apertou nos braços a mãe lava-
da em lagrimas.

— Não me falle assim, minha mãe! — exclamou elle — Per-
deu a confiança no poder da sua vontade?! Eu não
lhe disse que cazava com Leonor, nem mesmo lhe
disse que a amava com paixão... Deixe-me ser
para ella o que minha mãe uma vez me

disse que era seu amigo d'ella, quando a visse desgraçada...

– Seja assim, filho! – disse Maria com desafogo e alegria – seja assim, converte em sentimentos de bom irmão esse amor, cuja profundeza tu não sabes sondar ainda.... ainda mais te cede a tua boa mãe... Escuta, meu querido Alvaro... Fazes-me a vontade?.. Olha... estuda dois annos o caracter de Leonor, espera-lhe o desenvolvimento que ella ha de ter neste prazo; e, se, decorridos dois annos, a vires egual, toda absorvida na esperança de ser tua, e tão amante como virtuosa, dá-m'a como filha, e eu do amor que lhe tenho farei um segundo coração p.ª lhe dar a ella.

Desannuviou-se por momentos a fronte do moço; mas a tempestade lá estava na alma. A carta da commendadeira estava ainda ali sobre a banca, e contra a veracidade d'aquella historia é que

o prazo do estudo não podia prevalecer.

Coincidiu com estes successos a vinda do morgado dos Olivaes, a convidar seu sobrinho para festejar os vinte annos de Leonor. Não trocaram palavra ressabiada de despeito, nem o semblante de Maria denotou differença.

Alvaro é que notou magreza e pallidez no rosto da prima. A natureza tem ás vezes a caprichosa benevolencia de entrar nestas comedias humanas. Duas noites mal dormidas, um defluxo, uma dispepsia, sombream o aspecto das cores morbidas de uma certa tristeza, que fica bem. Pode ser, e de certo é, não ter parte o espirito nas contingencias do ar athmospherico, da insomnia, e do alimento indigesto; mas a crytica de poetas, e amantes mesmo sem poesia, é tão fantasiosa, que quer ver, nas desfigurações do rosto macerado, o desbifrar-se o coração a si mesmo com as prezas da sua propria paixão.

Se aos trinta e aos quarenta annos ha muita gente que se prende ao visco desta armadilha, que fariam os desoito annos de Alvaro Teixeira? Sinceramente accreditou que sua prima padecia as dores do arrependimento e as do amor sem esperança. Se, porém, ia no exordio d'uma falla carinhosa, assalteavam-lhe a lembrança as palavras d'aquella carta da commendadeira, e o coração retrahia-se-lhe sobre si, como se o sangue congelasse subito.

Estavam sosinhos na janella de uma saleta. Leonor apoiara a testa na mão e o braço no peitoril. Alvaro tinha os olhos no estrellado, e ouvidos e coração banhados das ondas de harmonia q̃ vinham das sallas.

— Por que me não amas tu?! disse Leonor encarando repentinamente no primo.

— Que fizeste tu no convento das commendadeiras, Leonor?! — respondeu serenamente Alvaro.

— Expiei um desvario do espirito em que o coração não tinha parte alguma; obedeci á fatalid.e, e abrandeia

com as agonias que padeci. Purifiquei a minha alma das manchas que me deixou a indiscreta educação que ~~[illegible]~~ me deram. Paguei amargamente a culpa de perder minha mãe aos trez annos. Aqui tens o q̃ fiz no convento das commendadeiras, Alvaro. Quando alguma mulher virtuosa te fizer semelhante pergunta, responde-lhe pela mª bocca.

Retirava-se; mas Alvaro susteve-a, e disse-lhe com muita ternura.

— Tu não amavas aquelle homem, Leonor?

— Não o amava; vi-a n'elle a mª desgraça; ~~[illegible]~~ obedecia-lhe á fascinação; sentia de antemão o prazer de me sentir despedaçar na queda ao meu abysmo. Poupa-me, Alvaro; não festejes assim os meus annos. Tenho vinte, e, se podesses ver a minha alma, tão extenuada, tão invelhecida, chorarias, e dirias ás virtuosas do convento que o seu ~~[illegible]~~ vir das minhas loucuras era ~~[illegible]~~ como atirar lama ao rosto de quem chora... Vamos para a salla, q̃ é tempo.

Alvaro ficou n'aquella janella, com os olhos sempre fitos na mesma estrella. Era ali que elle a via, e ouvia, vinte e nove annos depois, áquella janella, quando o eu contemplava na outra das ruinas. Era ali!.. que tristeza para quem ~~[illegible]~~ tiver de Deus ~~[illegible]~~ ou da desgraça o condão de compadecer-se nas dores alheias!

„Não serão precizos dois annos para se estudar o lento supplicio da tua purificação, minha pobre Leonor!„ Isto dizia Alvaro em si, quando Sebastião de Brito o chamou para pedir ~~[illegible]~~ á inflexivel Leonor que lançasse um minuete de corte. Alvaro pedeu, e foi obedecido com um ar de victima contente do seu martyrio. Depois dos applausos, sentou-se juncto á prima ~~[illegible]~~, e disse-lhe:

— Amas minha mãe, Leonor?

— Affiz-me a julgal-a tambem minha: queria poder... e cuidei que devia chamar-lhe mãe.

— Has de chamar, Leonor... Por que não vaes vêl-a?! por q̃ lhe

não contas ~~esses~~ desgraçados desvarios, + q̃ se deram durante a nossa ausencia?!

— Quiz contar-lh'os, antes que a sociedade lh'os dissesse; mas a minha confissão devia ser do coração, e esse não tinha que confessar, e, se tivesse, só a ti se confessaria. Alem de q̃, tua mãe deve ter vaidade da sua virtude soffredôra, e seria intolerante comigo.

— A mãe não tem vaidade da sua virtude, prima! — redarguiu mansamente Alvaro — Eu queria que te ella amasse como a mim, e sei que tu o conseguirás, se quizeres. Vai ámanhan ver-nos, conversa mto com ella, não te molestes se a vires menos risonha que de seu costume, não?

— Irei lá ámanhan; mas não me peças o supplicio de relatar extravagancias, que me invergonham. Sei q̃ tua mãe m'as perdoaria aos meus annos; sei-o por que ella é boa, e padeceu. Os felizes é que não perdoam nem ~~sabem~~ sabem os amargos descontos da leviandade... E de mais... — continuou ella passando ~~[illegible]~~ da brandura à irritação — Que crime foi o meu? Em que perdi? que desaire pratiquei de q̃ dêva invergonhar-se meu futuro ma-

rido, ou m.ª futura sogra?

Alvaro ia responder, quando vin + o rosto inflammado e o olhar sinistro de sua prima. Era o natural colerico de Leonor soperando os impeços do artificio, e mostrando-se em toda a sua deformidade e medez. A menina estorcia-se na cadeira, e archejava de modo que lhe rangiam os espartilhos. Este accesso durou minutos, e tamanha força teve com ella que a obrigou a ir raivar sosinha no seu quarto, em qto Alvaro procurando o tio lhe disia que a prima Leonor sahira de ao pe d'elle incommodada.

Voltou ja outra, depois de meia hora, e explicou o accidente com dores de peito causadas pela compressão do colete.

Alvaro contou na manhan do dia seguinte estes acontecimtos a sua mão, salvo o que disia respeito a ella, e o conflicto do colete.

Maria da Gloria respondeu a tudo n'estes termos breves e sêccos:

— Muito bem, meu filho. Principiaste os teus estudos: continua-os. Tens dois annos, e vagar para estudal-a.

Decorreram oito mezes, sem que Alvaro descobrisse sensiveis desegualdades no amor de sua prima. Se a encontrava triste, a si se dava conta d'aquella tristeza, attribuindo-a ao fastio ~~da~~ de esperar na ~~de~~ incerteza ~~[illegible] de esperanças~~. Se lhe ella respondia com infado agora, a arte corrigia, logo as ~~a~~ sahidas inconvenientes da natureza, e os reparos do moço desvaneciam-se. N'este longo intervalo, Sebastião de Brito fallou á cunhada na realisação do casamento, e esta decidiu-se pela vontade de seu filho: tão segura estava da palavra d'elle. O morgado, porém, infatigavel em desbaratar a caza, e forçado não tanto pelos credores como pela vocação do desperdicio, pediu dinheiro avultado á viuva, e obteve-o. Este resultado esfriou a actividade do morgado, e compraseu a Leonor.

Em ~~[illegible]~~ março de 1832 foi Maria da Gloria com seu filho e Leonor a Barrão visitar as suas amigas que ainda viviam, orar de joelhos sobre a sepultura de Soror Joanna dos Cinco Chagas do Senhor, e appresentar á prelada

~~um~~ aviso regio que concedia á Cecilia viver fora do mosteiro por tempo indeterminado na convivencia de Mª da Gloria. ~~Alvo~~ Uma freira ~~[illegible]~~ de villa do Conde, amiga da familia Sotto-Maior, fallando de poetas, ~~[illegible]~~ disse que Miguel tinha escripto aos parentes, da Ilha Terceira, d'onde o duque de Bragança brevemte sahiria com uma expedição para desembarcar em Portugal. Alvaro, durante a narrativa, não desfitou os olhos de Leonor, e viu-a mto attenta e excitada com a noticia. Interrogou-a particularmte, e recebeu como explicação uma casquinada de riso, com que o seu coração, absurdo como todos, se deu por satisfeito.

De volta de Bairão, dois mezes depois, Leonor e Alvaro subiram á collina dos arvoredos dos Olivaes, onde estão aquelles escabellos de pedra musgosa em que me eu sentei com o padre em 1859. Levava Alvaro um alamo para plantar, e, segundo elle, essa arvore era o symbolo da aliança eterna. Mal escolhida arvore, cuja folhagem

tão movediça é! N'outro já mais introncado talhou elle as duas lettras: L. A, e dos sarmentos da arvore fez duas grinaldas com arte intrincadas, e as deixou pendentes dos braços tenros da arvore nova.

Finda esta bucolica, Leonor olhou para o interior de sua consciencia e coração. Chorou, e disse:

— Quem me dera ser feliz, meu Deus!

E nunca da consciencia e coração de mulher sahiu tão sincero grito! Se ha fatalidade, era aquella presentimento da desgraça que lhe faria tomar como escarneo e mentira o que para Alvaro estava sendo sacratissima poesia, pacto do coração confirmado por Deus, e uma festa de anjos celebrada com a innocencia da mais sancta fé e esperança.

— Pois não es tu feliz, Leonor!? — exclamou o apaixonado moço, apertando ao seio a incomprehensivel mulher.

— Sou feliz, sou, primo!! Tenho momentos de loucura, de

perdida... Nem sei o que quero, nem o que digo!. Talvez que o mais acertado fosse desejar a morte...

— A morte!.. — atalhou com espanto Alvaro — E eu a amar-te tanto, e a não pensar senão na vida, na felicidade deste mundo, em que eu creio como nas palavras de minha mãe...

Leonor não replicou: tomou-lhe o braço, e desceu para o palacete, onde os esperavam Maria da Gloria e Cecilia.

Quando, alta noite, Alvaro ia contando na carruagem a mysteriosa scena do bosque, Maria sahiu d'um recolhimento profundo, e disse:

— Ja la vão desenove meses de estudo, e parece que não estudaste ainda nada, meu pobre filho!.. Espero que a providencia te abra os olhos... Foi o que eu pedi á alma da sancta de Bairão, e descansei na efficacia da supplica. Has de ver Leonor como eu te vejo a ti, Alvaro.

V

„Adeus!“ ... palavra fatal!

Byron (O corsario)

Um mez ao certo, depois da plantação do alamo e assignatura de eterna alliança, e do intalhe das iniciaes, desembarcou no Mindello a annunciada expedição do duque de Bragança. Miguel de Sotto-Mayor era um dos sete mil e quinhentos, e soubera validar-se em intelligencia e linhagem para ocupar entre os homens de porte uma apreciação distincta, sendo que o facto do exilio por amor á legitimidade, depois dos carceres de S. Julião, lhe bastaria a merecel-a.

Sabia Sotto-Mayor que as suas cartas, enviadas do estrangeiro, nunca chegariam ás mãos de Leonor, se as escrevesse. Apenas sahiu em Portugal, approveitou a desordem dos espiritos, e expediu aos Olivaes um caminheiro sagaz com carta a Leonor, prevenindo-a da sua chegada, caso ella estivesse fora do convento. O enviado devia aventurar-se a intrar em Lisboa, e levar-lhe a nova ás commendadeiras. O habil confidente permittiu na propria casa de Leonor, disse aos creados que vira desembarcar o exercito, e ~~foi~~ conseguiu entrar á presença do morgado e de sua filha. Emquanto aquelle, praguejando contra malhados e agourando-lhes derrota inteira em quinze dias, passeava na sala gesticulando, o hospede, que o applaudia, deixou cahir no regaço de Leonor a carta, e pronunciou subtilmente a palavra Sotto-Mayor.

A sobresaltada menina sahiu da sala, e leu a longa carta com arrebatada alegria e convulsões de bocca.

Miguel, exhaurida a linguagem enaviosa do amor, fallava da sua esperançosa posição e dos grandes destinos a que o chamavam os seus talentos. Se não era modesto, seria injusto acoimal-o de visionario. Capacidades somenos o egualavam no immoderado das ambiçoens, e lograram realisal-as mto alem do scopo em que punham o fito. Disia, porém, elle que renunciava á gloria, se Leonor a não quinhoasse com elle, e que poria o peito ás primeiras ballas dos inimigos, se a encontrasse infiel aos juramentos.

Respondeu Leonor contando-lhe mentidamente o assedio em que seu coração tinha gemido ate áquella hora. Louvava-se da sua constancia, attribuindo-a mais á fatalidade que os aproximava, do que ás debeis forças de mulher. Pedia-lhe que a salvasse sem demora dos ultimos assaltos do amor do primo e da ambição do pai. Sujeitava-se a fugir para o Porto, com qualquer pessoa da confiança de Sotto-Mayor, e ser sua esposa la, como da alma o era desde a primeira vez que o vira.

O portador da nova, sem o menor impeço, introu no Porto, e

[illegible]

sahiu dias depois a nova commissão para os Olivaes, onde a ancie-
dade de Leonor alongava as horas interminaveis. A resposta corres-
pondeu á ancia. Na ~~[illegible]~~ sahida da aldeia estavam as cavalgadu-
ras, tomadas em × povoação fóra da estrada real, ~~[illegible]~~, e o confidente, espiando hora propi-
cia, intregara a carta, e planeara o momento da fuga.

Era no ultimo dia de Julho d'aquelle anno de 1832.

Alvaro Teixeira e sua mãe sahiram de Lisboa n'uma tarde de mta
calma, e foram gosar a ~~noite~~ fresca da noite nos Olivaes, com o intento
de levarem Leonor, no dia seguinte, ao Valle de Santarem, onde a
viuva tinha um casal, que não via desde ~~[illegible]~~ que fôra inclau-
zurada.

A inesperada visita conturbou Leonor. Era aquella a noite da fuga,
e o morgado, se a cunhada não viesse, iria para Lisboa, curioso
de saber ~~[illegible]~~ se os rebeldes tinham sido espingardeados no Porto. Co-
mo, porém, Alvaro disse que se movia o exercito em direcção
á cidade ~~[illegible]~~ heroica, Sebastião de Brito esfregou as mãos, e disse
que os malhados áquella hora ~~[illegible]~~ decerto ja tinham embarcado

para salvarem as orêlhas. Leonor intimidou-se, mas o seu brilhante futuro não lh'o consentiu de que uma sombra de existencia.

Ás onze horas, disse-lhe Alvaro:

— Vamos ao lago, Leonor? Vejo-o d'aqui tão lindo e prateado pela lua!..

— Vamos, respondeu ella após curta hesitação.

E Alvaro explicou:

— Parece que não vais de vontade!

— Vou, mas deixa-me ir pôr um chale, que estou levemente constipada.

— Então não vamos, não, m^a prima... Eu não sabia...

— Havemos de ir... — tornou ella — espera um pouco...

Foram. A superficie do lago estava em verdade encantadora. A bacia era franjada de festões curvados e espelhados na limpida agua mansa e lympida. Entre os arbustos relampejavam os vaga-lumes, e á flor d'agua saltitavam uns insectos cujas azas reluziam doiradas pelo luar. As espaços, resaltavam os seixos

~~dicente~~ á tona, e ~~deixavam~~ abriam muitos circulos e em cada circulo uma zona de prata.

— E dizem que não ha felicide neste mundo!.. — murmurou Alvaro, ~~ap~~ tomando nas suas as mãos de Leonor — Que é isto que eu sinto, e tu deves sentir agora!..

Leonor não respondeu, e Alvaro prosseguiu:

— Estás em extasis deante deste formoso quadro, prima? Tens rasão! Tudo isto diz melhor o que sentimos do que a pobre linguagem do homem...

— Isto é bello!.. — ~~[illegible]~~ disse Leonor machinalmente, e ~~[illegible]~~ ouviu, ou não ouviu o amor eloquente de Alvaro, que n'aquella noite ~~de~~ fôra mais que nunca eloquente e amante.

Soaram os trez quartos depois das onze.

— O primo, disse Leonor inquieta, vais tu buscar-me a minha capa de capuz?

— Vou; mas tens frio?

— Receio tel-o, e não quero sahir d'aqui...

— É melhor irmos; vamos, prima...

BNP

— Não vamos: vai buscar a minha capa, sim?

Apenas Alvaro desapparecem no fundo da rua fechada de murthas, Leonor correu ao longo d'uma alea de acacias em direcção opposta. Da extrema deste passeio, desceu por degráos a um pomar de laranja, e tirou da abertura d'um aqueducto uma pequena caixa, e um chapeo de veludo implumado. D'ali seguiu rente com o muro da quinta, e abriu uma pequena janella de umas poucas eminentes á estrada, e saltou, auxiliada por um homem que a esperava e a quem entregou o cofre das joias de sua mãe. A poucos passos, estavam as cavalgaduras, e o caminho franco para celerada fugida.

Alvaro tinha pedido a capa com aquella pressa do amor, que nas menores cousas se desvela e anceia. O morgado accudiu perguntando o que tinha Leonor; e como o primo não respondesse para ganhar tempo, vieram de poz elle Sebastião de Brito, Cecilia, e Maria da Gloria.

Quando abordaram o lago, ouviram Alvaro chamar Leonor.

— Onde está ella!? perguntou o pai — Falla, Leonor, não andes a fazer fosquinhas.

— O local é proprio para jogar as escondidas... — accrescentou Maria da Gloria.

— Eu vou dar com ella — tornou o morgado, batendo os caramanchoens, e dando gargalhadas do seu ~~engano~~ logro, e da espertesa da menina.

N'isto demoraram alguns minutos, até que Alvaro disse:

— Leonor ja não está aqui.

— Pois onde hade estar? essa é boa! — replicou o ~~[illegible]~~ tio. Vamos dar com ella no laranjal.

E ~~[illegible]~~ foi com ~~Alvaro~~ o sobrinho pelo caminho, que ella seguira. Correram o pomar, e viram aberta uma janella.

— ~~Uma~~ Aquella janella aberta! — disse Sebastião de Brito.

— Foi por ali que ella sahiu... — ajunctou Alvaro; mas a ultima palavra proferiu-a tão afogada, ~~[illegible]~~ como se fosse a ultima da sua vida.

O morgado debruçou-se no peitoril da janella, e viu um

lenço branco. Tentou saltar ao caminho; mas o instincto de uma
thismo da perna esquerda conteve-o em contemplação archejante.
Chamou a altos brados os servos; mas ninguem o ouviu: dormiam
todos. Chegavam neste conflicto Maria da Gloria e Cecilia, per-
guntando ambas por Alvaro. O morgado não lhes respon-
deu, de acodado que ia, caminho de casa. Correram o pomar, e
chamaram encontrado Alvaro encostado ao tanque, como se fôra uma esta-
tua de adorno. Poz-lhe a mão na testa a mãe, e sentiu-a fria
de marmore. Pirou por elle para o seio, e disse-lhe que a estatua
calia hirta e inteiriça, impulsada pelos braços de Mª da Gloria
— A maldita de Deus matar-te-hia, meu caro filho? — es-
clamou a mãe.
Alvaro desligou-se dos braços de ambas, pediu que o deixassem, e
sentou-se, escondendo nas mãos a face.
— Por que não ergues as mãos a Deus, Alvaro? — tornou Mª
da Gloria — Vês agora o abysmo de que tua mãe te
queria salvar?

— Não me falle, minha mãe — ~~[illegible]~~ disse Alvaro com energia — A que vem Deus aqui ?!. Deixe-me ver se esta agonia acaba comigo.

Maria da Gloria sentou-se ao lado do filho, invocou a alma da santa de Bairás, e pediu a Cecilia que orasse com ella. Eram passados minutos, quando no palacete ~~[illegible]~~ se levantou grande rumor de vozes, de portas, e de passos. O mordomo mandára aparelhar cavalos, e ~~[illegible]~~ destinou um creado para a estrada de Lisboa, e outro para Villa-Franca. Maria da Gloria disse a Cecilia que mandasse vêr a parelha á carruagem. Alvaro ouvindo ~~[illegible]~~ esta ordem, ergueu-se, e disse ~~[illegible]~~, chorando:

— Tenho ainda minha mãe ... Bemdito seja Deus !...

Maria, abraçando-o com transporte, exclamou:

— E que coração de mãe tu tens aqui, meu querido filho !.. Não morrerás, não, Alvaro?

— Morrer !... e não se morre assim, minha amiga... Os seus onze annos de martyrio envergonham a fraqueza de quem succumbe... Heide viver, minha mãe...

Alvaro, ~~quando~~ perpassando certos sitios, parava, e contemplava-os alguns instantes. Ao sahir do jardim, voltou-se de rosto para elle, e ~~disse~~ articulou:

— Adeus!..

Depois, fitou os olhos em sua mãe, e accrescentou:

— Era veja que mocidade a minha!.. Estou no principio da vida!..

Não lhe respondeu a mãe: os soluços cortavam-lhe a palavra.

A carruagem veio tomal-os no patio. O Sebam de Brito acudiu á portinhola perguntando se o deixavam ~~entrar~~ com a sua afflicção; Maria disse-lhe que não havia ali ninguem que pudesse consolal-o.

O cavalleiro, que seguia estrada do Porto, só de madrugada encontrou ~~alguns~~ almocreves que não tinham visto senhora alguma. No decurso de algumas leguas nenhum viandante lhe deu ~~noticias~~ melhores noticias. Retrocedeu á norte, ignorando que as pessoas, que fugiam, se afferravam

tam o melhor caminho, quando não tem o peor atalho. Ora o confidente de Miguel de Sotto-Mayor tivera tempo de estudar a topographia do terreno, e atravessal-o por povoações menos praticadas ate Coimbra. D'ahi passou a Aveiro onde tomou um hiate, e desembarcou a salvam.to em Mattosinhos, quando a esquadra de D. Miguel se estava batendo com a do almirante Sartorius, defronte de Vigo, e a costa do Porto era de facil accesso.

Miguel de Sotto-Mayor foi surprehendido nos trabalhos do intrincheiramento por Leonor, e appresentou-a como esposa aos seus camaradas, atonitos da formosura d'ella. O titulo com que a appresentára foi d'ahi a poucas horas confirmado pelo primeiro padre, que em sua consciencia se julgou idoneo para supprir o consentimento paterno. Miguel não daria grande valor sacramental ao acto; mas intendeu que pendia d'elle a dignide de Leonor, e o respeito de si proprio.

Não direi que a apaixonada e viril senhora seguisse

o esposo as trincheiras, ou fizesse ondear as plumas do seu chapeo ao sopro das batalhas. Seria falsear a chronica affirmar que o poeta se achou mtas vezes ao lado dos Garrets e Herculanos que mordiam o cartucho com ~~mais~~ tanta serenidade ~~de espirito do que~~ de espirito como escreviam a „Harpa do Crente„ ou a „Dona Branca„ O fidalgo de Villa do Conde, offerecendo os seus talentos especulativos, conseguiu empregar-se ~~na doação~~ nas rodas ~~sua~~ intellectuaes ~~de~~ d'aquelle grande aparelho de guerra; e tão acrisolado foi nas funcções do espirito, que chegou ao termo da guerra com as carnes intactas, e grande fama de prudente. Os bravos, que o viam com mulher tão bella, achavam-lhe racional o mêdo, e diziam que por tal preço todos acceitariam o stygma de covardes. Os assustadiços ~~fumavam~~ cogitavam na ~~medo~~ traça de salvarem as immunidades pessoaes, á sombra de tão bella egide, sem ~~damno~~ damno da sua reputação patriotica. Os cazamtos, porém, eram difficeis n'aquella epoca, e o imperador costumava dizer que a namorada

dos valentes era sua filha.

Abriram-se as linhas; ~~[illegible]~~ entrou o exercito libertador em Lisboa, e ~~[illegible]~~ Miguel de Sotto-Mayor, com quanto não assistisse á victoria de Cacilhas, foi um dos expedicionarios. Dias depois chegou a Lisboa Leonor, e procurou noticias de seu pai. Soube q̃ sahira dos Olivaes para uma quinta do Mem-Tejo, logo que a tropa liberal estanceou em Leiria. Escreveu ella a seu pai, em termos que ~~[illegible]~~ os não ~~[illegible]~~ diria mais amaveis uma boa filha. Convidava-o a acceitar a validissima protecção de seu marido, e recolher-se a Lisboa, sem temor de desfeita, ou desforço de antigos odios politicos.

Sebastião de Brito era um tolo com uma boa alma, amigo extremoso de si mesmo, apegado á vida por mtos posto que apodrentados liames do coração, e namorado ainda de algumas velhas matronas da corte, que tinham tido a temerid.e de ficar em Lisboa, sem receio dos barbaros invasores. Ir p.a Lisboa, quando toda a sua gente fugia, excepto ellas,

parecem-lhe coisa de approveitar, e foi.

Leonor recebeu-o com muto carinho; deu-lhe de seu marido uma conta que invejariam anjos; ostentou felicidade nos menores incidentes da sua gloriosa aventura; convenceu o pai de que o seu destino era aquelle, e rematou pedindo-lhe novas de seu primo.

— E nunca mais o vi, disse elle; contam-me, porém, que vive muto triste, e que passa a maior parte do tempo com a mãe no valle de Santarem. Pobre rapaz!..

— Mas não morrem! — acudiu Leonor. Todas as paixões assim são, meu pai. Uma mulher deixa muitas vezes de seguir o anjo do seu destino para se immolar a um homem, cuidando que o matará, se não renunciar á vida, ao coração, á gloria, e ás imperiosas exigencias da sua indole. A mulher sacrifica-se, e o homem, a quem se dem, passado tempo, não reconhece o sacrificio, nem se julga devedor da abnegação do martyr. E' o que me estava reservado com

193—13.

meu primo, cujo genio é perfeitamte o invez do meu. O que seria eu agora com elle? Uma mulher mto rica e mto ~~enj~~ injoada da mde riqueza. Assim que sou? Uma esposa que não tem tempo de calcular quantos contos de reis necessita para comprar um capricho. E elle? Soffreu no seu orgulho, soffreria tambem no coração; mas estas duas dores, quando se junctam, la se curam uma á outra. Ora aqui tem, meu pai!

— Parece-me que tens rasão, filha ... — disse Sebastião de Brito, tingindo umas mechas de cabello, ~~[illegible]~~ que tinham passado do branco ao escartate.

VI

... Que direz vous de
l'indigence ?

Montaigne (Essais)

Levantado o cerco de Lisboa ~~[illegible]~~, Miguel de Sotto-mayor foi visitar as herdades de seu sogro, e soube dos caseiros e feitores que os ~~prados~~ bens livres não valiam as hypothecas, e os vinculados não se remiriam com os rendimentos de cincoenta annos, se os credores chamassem o morgado a juizo. Miguel de Sotto-Mayor disse a sua mulher: "olha que não tens nada; teu pai não tem um teito que o cubra, se os credores lh'o não quizerem dar por caridade."

Leonor doeu-se do modo seco destas palavras, e respondeu:

— Meu pai não acceita esmolas de ninguem, nem tuas.

VI

O marido achou bonita a reflexão; mas accrescentou que a verdade era aquella.

Convem saber que os haveres de Miguel de Sotto-Mayor em Villa do conde tinham sido grandemente rebatidos, no espaço dos dois annos de emigração. Feridos de morte ja elles estavam quando o fidalgo foi aos Alivay procurar o balsamo que tão escasso lacra. Os arrendatarios da terra e dos foros haviam adiantado as rendas de alguns annos; descontando n'ellas a perigosa hypothese de morrer o administrador do vinculo, e apoiar-se o legitimo successor dos bens desonerados.

Isto, vertido á lettra, quer dizer que Leonor podia replicar assim ao seu marido: "Olha que não tens nada. Não tens um tecto, que te cubra, se os credores t'o não quizerem dar pr caridade."

Sotto-Mayor fez o que faziam todos os seus camaradas: pediu um emprego, e ajuizou-se merecedor de tudo o que pedia. Deram-lhe uma prefeitura no Alem-Tejo. Breve tempo exer-

em o logar: mein ~~ve tempo~~. ~~Mas~~ guavam-lhe paciencia, habilidade, e recursos para sustentar-se dignamente. Tornou para Lisboa, requereu de novo, e foi recebido ~~dos~~ ministros com frieza, e esperado no livro da secretaria.

No este tempo conjuraram os credores na total ruina de Sebam de Brito. O velho fidalgo abandonava os processos sem contestal-os. Os bens ~~[illegible]~~ livres foram penhorados, e os ~~outros~~ ~~obrigados~~ de vinculo obrigados pela renda. Ficou ~~um~~ um palacio em ruinas deshabitado ~~[illegible]~~ desde o terramoto, os ~~[illegible]~~ terrenos contiguos, e uma quinta, bens hypothecados a Manoel Teixeira de Macedo, quando o bastardo, solteiro ainda, não cuidava em saldar contas, ~~com~~ + com seu irmão ~~[illegible]~~ um inlace matrimonial dos filhos de Ambos.

Os homens, que ~~não~~ ~~[illegible]~~ parece gosarem-se em coadjuvar a má fortuna ~~[illegible]~~ impurrando ao abysmo os q̃ p.ª la pendem, ~~[illegible]~~, ~~[illegible]~~ não queriam que Sam de Brito podesse deitar-se em taluas suas: insinuaram M.ª da Gloria a senhorear-se do restante dos bens. Esta, sem ouvir seu filho, respondeu:

Quem castiga é Deus.

O palacete, onde nascêra Leonor, passou ao dominio de um ne-
gociante, sob condição de ficarem n'elle como inquilinos por tres
annos os devedores. A mobilia continuou foi tambem
penhorada, e Sebastião de Brito depositario d'ella.

N'estes termos, o espirito de Miguel de Sotto-Mayor ~~passou~~ passou da
inquietação ao desespêro. Leonor tragava as impaciencias do marido,
e ~~enfreava~~ refreava as suas, com mêdo de irritalo. O velho morgado dei-
xou a familia, e foi para Lisboa viver das sopas de parentes.

Agari temos face a face estes dois infelizes. Affigura-se-
nos que o severo anjo do castigo os está contemplando com formida-
vel silencio. Miguel tem um cavallo, que o leva para longe
do ~~X~~ semblante amargurado e desbotado de sua mulher. Leonor
tem no jardim uns caramanchoes, que a ~~escondem~~ escondem a ser ob-
servada pelos olhos iracundos de seu marido. No recesso d'a-
quelles caramanchoes estão os bancos rusticos em que Alvaro
se assentava. Alli á beira do lago está o escabello de cortiça

em que ella ficara sentada, quando Alvaro foi buscar a capa.

Por que não crecrêmos na muita dor e muita saudade d'aquellas lagrimas, que Leonor está chorando!?

Ahi estava sosinha ao intardecer, quando uma sege introu no pateo. Leonor admirou-se: ja ninguem a visitava de carruagem. A sua creada não conhecia as relações antigas. Disse-lhe que a procurava uma mulher, q não tinha geito de senhora.

— Ai me quis parecer — disse Leonor entre si — mas de carruagem!.. Alguma nova credora, aquem eu heide pagar a carruagem....

— O boleeiro trar libré — disse a creada.

— Libré! — murmurou Leonor! Então enganei-me...

Era Eufemia, a ama de leite de Alvaro.

Fitou com espanto a sobrinha de sua ama, e pediu-lhe licença p.ª a abraçar.

— Abraça-me, Eufemia! e deixa-me chorar no teu seio, que não tenho mãi ninguem — disse a soluçar Leonor.

— Está mto infeliz, mª senhora?! — perguntou Eufemia.

— Estou pobre: escusas de perguntar-me mais nada. E minha tia vive feliz?

— Feliz, não! Com aquelle filho sempre triste, como ha de ella ser feliz!.. Pobre menina! Quem a viu e quem a vê! Era tão linda!..

— E achas-me feia, Eufemia?! — perguntou Leonor com um triste sorriso, expressão talvez da vaidᵉ ferida, da vaidᵉ, extremo reducto em que ~~a desgraça da~~ a mulher, q̃ foi bella, ~~pel~~ ainda ~~pela~~ affronta a desgraça.

— Feia, não, mª querida senhora... Acho-a mais magrinha, e sem aquellas cores de roman, que pareciam dar saude á gente... Em fim, é conformar-se com a vontade de Deus, e pedir á Virgem Maria, que dê saude a sua tia, q̃ é uma sancta. De mando d'ella é que eu vim aqui trazer-lhe uma encommenda, e dizer a V. Exª que, nos fins dos mezes, ca venho trazer-lhe outra assim.

Enfemia depositou sobre uma mêza um rôlo de ~~paço~~ dinheiro.

- Dirás a minha boa tia, disse Leonor com as lagrimas estancadas nas palpebras, que a pobre Leonor acceita a sua esmola, e lh'a agradece com ~~estes olhos~~ este pranto que vês.

Enfemia pediu nova licença para abraçal-a, e disse-lhe por ultimo:

- D'hora a hora Deus melhora, minha menina. Lembre-se q̃ sua tia padeceu onze annos...

- Minha tia era um anjo de innocencia; e eu ~~uma mãe~~ estou expiando ~~[illegible]~~ culpas enormes: ella consolava-se, ~~[illegible]~~ com a mesma injustiça; eu ~~[illegible]~~ ~~que nem as menos podem consolar-se na consciencia~~ sinto que mereço o castigo. ~~de ser [illegible] e castigo~~.

Enfemia deu conta da sua commissão a Maria da Gloria, e retirou-se, quando Alvaro intrava.

- Olha que está mto infeliz a pobre ~~[illegible]~~ Leonor! - disse a mãe.

- Não lh'o tinha eu dito?! Acceitou?

- Acceitou, e agradeceu com lagrimas.

— Deve de estar muito quebrado aquelle genio pela desgraça! — tornou Alvaro — Acceitou a esmola!.. Pobre mulher!.. Deve ~~de~~ estar mudada tambem de rosto...

— Diz a Eufemia que muito, e até trajada com pouco aceio. ~~Ah~~ —

— Perguntaria por mim?

— Não sei, filho... Eu presumo que não teria força para tanto!... Fiz-te a vontade, Alvaro?

— E a sua vontade, minha mãe, não era soccorrer tambem a infeliz?

— Era, era, meu filho...

— Pois não se esqueça de lhe mandar todos os meses o que a mãe julgar necessario á decencia d'ella.

— Mas tu não pensaste ainda na parte que o marido ha de tomar neste ~~[illegible]~~ soccorro?

— Que importa, m.ª mãe? O nosso fim é melhorar a situação de m.ª prima, e ~~não~~ só o podemos conseguir melhorando a situação de ambos.

— Esperava essa resposta: a tua generosid.e, Alvaro, é desinteressada, e nobre. Vejo que não pode nada comtigo o ciume...

— Não, minha mãe — disse Alvaro n'um falso tom de verdade, + e movim.to de fuçoens, que não enganaria olhos e ouvidos mais ~~experimentados~~ amestrados.

— Assim é que eu intendo a virtude, continuou M.a da Gloria; ~~são~~ estas as joias de puro ouro que trazem do ceo o signal da sua valia. Se te deixasses levar d'um calculo, o mesmo seria lançares à balança das culpas estes punhados de ouro, Alvaro. Da antiga Leonor o que resta p.a ti é a mulher desgraçada, não é assim?

— Decerto... Que mais pode restar?!..

— Mais nada... ~~de~~ O Senhor te abençôe o coração, e t'o encha de alegria e de sanctos estimulos para a caridade, sem lucro de gloria, nem orgulho das boas acçoens.

Alvaro, logo que pôde estar sosinho com Enfemia, perguntou:

— Minha prima não lhe perguntou por mim?

— Não, meu senhor.

— E Enfemia proferiu o meu nome.

— Sim, sûr, disse-lhe que ~~[illegible]~~ o menino andava sempre triste... e ella,.. ficou assim pensativa... e fallou n'outra coisa.

— Mas ficou pensativa?.. e ~~[illegible]~~ vin-lhe lagrimas?

— Ora, se vi!.. quando lhe dei o dinheiro, as lagrimas rebentavam-lhe dos olhos como punhos.

— Mas a Enfemia não lhe disse que eu sabia destas coisas de mr mãe...

— Nada, não disse, por que o menino e a mãesinha assim m'o ordenaram.

— Fez bem, e nunca lh'o diga, ~~[illegible]~~ escusa de dizer a mr mãe que eu lhe fiz estas perguntas.

— Não digo; esteja o meu filho descansado.

— Olhe, Enfemia... Leonor está mto acabada?

— Se está! Nem parece ella! Lembra-se d'aquellas rosas q̃ ella

tinha no rosto? Nem signal d'ellas! Está mto magrinha, e tem á volta dos olhos umas pisaduras que parecem de thysica...

Alvaro recolheu-se ao seu quarto, e escreveu algumas paginas d'uma saudade tão triste que, se a mãe as visse, cuidaria que seu filho amava Leonor.

~~[illegible]~~ Aqui vai trasladado um fragmento:

" Que sentes, que recordas tu hoje, ó desventurada, quando a minha imagem te contempla? Perguntarás a ti mesma ó q fizeste de tua bellesa, e o que serás ámanhã aos olhos desse homem que te incravou na fronte os espinhos da corôa, que eu, a victima das tuas proprias dores, te arrancaria, se podesse!? Ó Leonor, que supplicio tu mesma escolheste! Por que não foges d'ahi onde estão as flores da nossa infancia! Com que alma podes tu olhar aquelle lago, aquelles bosques, e aquellas arvores da collina!? Foi o teu demonio que te acorrentou á sepultura onde enterraste o meu pobre coração!?

Eu não sou mais feliz que tu, Leonor! O tedio da ausencia é a maior das tribulações. Tu desejas, talvez, a antiga felicidade, e as tormentos da saudade; mas eu não desejo morrer, e, a cada rebate do passado, é um novo trago de peçonha, que bebo das tuas mãos. »

Quer-me parecer que ha ahi expressões indicativas d'um sentimento que não é desprezo, nem de quer de amor. Sem medo de errar, assim que se a amisade, paixão muito mais entranhada que o amor, poderia exprimir-se assim. A minha me tem acoimado de paradoxal neste meu sentir sobre a amisade: que monta isso? quero-me até ao fim com o paradoxo; e terei sempre em coisa de pouco o amor, que não inraiza na fibra mais nobre do coração: esta, a meu ver, é a que se diz « amisade »; e nada se me dá que a lingua humana por ahi traga a palavra invelecida nos impovalhos de falsos affectos, com que a civilidade e a conveniencia infamam aquelle divino dom da alma humana.

Por me não distrahir em delaçoens impertinentes, irei aos Olivaes.

Miguel de Sotto-mayor, recolhendo noite alta do seu passeio, achou Leonor a pé.

— Esperei-te, disse ella, para te contar que minha tia me remetteu este dinheiro, e a promessa de ~~me~~ me dar uma mezada. A nossa posição melhora, e o teu espirito, se me não engano, está livre das afflicçoens da desfortuna domestica.

— Sendo assim, decerto!... — disse Sotto-Mayor com alegria — Bem sabes que felicidade e pobresa não se compadecem. Quem teve muito e aspirou a mais, por grande q̃ tenha o coração, esmorece ante o aspecto da miseria. Eu espero a independencia, quando entrarem no ministerio outros homens; e não me pejo de aceitar de tua tia este dinheiro como emprestimo.

— Agora, outra coisa, prosseguiu Leonor. — Que fazes tu fora de caza até estas horas, Miguel?

– Que faço!? divago sem destino, fatigo o corpo e alma: são exigencias do soffrimento, minha Leonor.

– Pois bem, replicou ella entre meiga e irónica, agora que o soffrimento deve ser menos exigente, vive mais comigo.

– Viverei, filha, e compensar-te-hei dos dissabores que te dei involuntarios.

Houve grande reforma no viver da morgada dos Olivaes: cresceram os criados; cuidou-se no aceio da casa; emparelhou-se outro cavallo, com o que existia, para uso da carruagem; sacudiram-se as libres do pó de quatro annos; a mêsa era servida por creado da gravata branca; algumas parentas de Lx.ª reconheceram de novo os pergaminhos de Leonor; o proprio Sebastião de Brito voltou á casa de seus avós, com os cabellos cada vez mais variegados de cor do barro e azeviche. Trezentos mil reis mensaes, entregues no principio de cada mez, davam que farte para satisfazer as necessid.es do luxo.

Maria da Gloria disse uma vez ao filho:

— Tua prima não apprendeu nada no infortunio!

— Por que, mᵈ mãe.

— Não a ves toda embebida em pompas, e visitas, e jantares?

— E será ella feliz?

— Parece que é.

— Pois é esse o fim para que minha mãe lhe dá dos seus sobejos. Desgraçada era ella antes do soccorro.

— Mas eu achava acertado que Leonor ~~[illegible]~~ não gastasse em frivolidades o que recebe de esmola.

— Não digamos esmola, minha mãe: a palavra é humilhante... Leonor é sua sobrinha; e meu pai daria tudo para não ver em miseria aquella famᵃ. Deixal-os ser felizes, que, pʳ mᵗ que o sejam, não nos roubam o nosso quinhão de felicidᵉ, que é o melhor.

— Que alma a tua, Alvaro! — exclamou Leonor, abraçando o filho — Que te serve a ti a tua riqueza!? Tens vinte e trez annos, e vives como ao deserto! Por que não compras um trem novo? Por que não vais aos saloens, onde um coração perfeito como tu farias a maravilha da sociedade? Queres tu viajar que eu vou comtigo, filho?

— Não, minha mãe — respondeu Alvaro — Tenho tudo, que mais quero, neste estreito recinto: aqui, minha mãe; ali, os meus livros. As viagens instruem; mas a minha ambição de saber está limitada no que posso apprender lendo e pensando; tambem distraem; mas, se ha magoas na minha vida, não ellas de tal natureza, que o remedio-as seria igual a renovar o coração. Esta obra ha de fazel-a o tempo. Não se é feliz em parte alguma, quando se não pode ser entre as reliquias da infancia, e os braços de uma mãe como a minha. Continuemos assim a vida, e evitemos em a dar com menos amarguras aos que soffrem mais que nós.

VII

Lata porta .... quæ ducit ad perditionem.

A larga porta que dá passagem p.ª a perdição

S. Matt - 7. 13.

A legua emeia distante dos Olivaes, morava, em antiquissimo solar, o morgado de Porto-Alvo, casado com sua sobrinha, filha segunda de uma nobre casa de Alemquer.

Era mui gentil de sua pessoa a dama, e gosava de preclara fama de virtudes, ate ao momento em que Miguel de Sotto-Mayor frequentou a ~~casa~~ fam.ª, m.to aparentada com sua mulher.

Se a isenção da morgada de Porto-Alvo degenerou, impeçonhada pelas seducções do poeta de Villa do Conde, não

VII

terei eu quem o affirme; porém, não terei de que dar contas a Deus se disser que a sua fama corria deslizada e mareada á conta d'elle. Aquelles passeios nocturnos, nos arrabaldes de Porto-Alvo, não eram certamente o que Sotto-maior dizia serem a sua mulher: exigencias de soffrimento; exigencias de intenção cruéis é q elles eram.

Leonor, avisada das suspeitas publicas, não teve mão do seu ciume ou da sua vaidade, que ambas as coisas correm com o mesmo nome. Invectivou a deslealdade de seu marido, e o impudor de sua punia de Porto-Alvo. Sotto-Mayor recebeu com desagrado os ciumes de sua esposa, e desprezou-lh'os a ponto de annuidar os passeios a horas mortas. Aguilhoada pela raiva congenial da sua indole, Leonor escreveu uma carta anonyma ao morgado, prevenindo-o da deshonra, que lhe rodeava o palacio de noite, e teria astucia de o visitar na casa nupcial.

O velho fidalgo espantou-se da infamação. Nunca sua mulher

lhe incutira suspeitas, nem de si arguira leveza de espirito. Calou o aviso como prudente, e sobre-roldou as avenidas da sua caza como acastellado.

Em uma das seguintes noites disperam-lhe os vigias, que, a distancia de cem passos, parára um cavalleiro, e se estivera quieto contemplando as janellas do palacio; e accrescentaram que, por volta de uma hora, [illegible] da vidraça como luz, que subitamente se sumira depois d'alguns segundos.

Eu de mim não tiro conclusões alguma d'esta luz; mas o morgado tirou-as, e terriveis. Informou-se da janella em que os vigias avistaram a luz, e poz ponto nas suas indagações. Duas noites passaram sem descobrimento. A terceira, por volta de uma hora, ouviu o velho sua mulher tossir no leito proximo meia com o seu, e ao mesmo tempo um signal convencionado e muito subtil de baixo da sua janella.

Ergueu-se de golpe; passou no quarto de sua mulher, e viu-a na cama; atravessou um corredor, e passou,

pe ante pe, á salla, cuja era a janella d'onde fôra dado o si-
gnal. Quando intrava na sala, viu uma creada com um
castiçal, juncta á vidraça. Não fez o mais leve rumor, re-
trocedeu, e entrou no quarto da creada, quando ella in-
trava. Em prezença d'um punhal, estrangulou-se na gar-
ganta da môça um pavido grito.

– Morres, se gritas, disse o morgado com a postura e fra-
ze de Tarquinio, que não quadra aqui, ja por que a moça
era solteira, ja por que, sendo casada, não tinha gesto al-
gum para Lucrecia – Morres, continuou elle com voz soturna
se me não dizes o que significa o signal que tens ido dar
á janella com a luz!

A creada respondeu, e o morgado retirou-se, ao seu quarto,
tranquillo como se houvesse descoberto que sua esposa era
uma das virtudes theologaes, um pessoa, e pessoa que
fingia dormir profundamte.

Decorreram trez ~~dias~~ noites depois desta.

Foram dias e noites de supplicio para Leonor. A consciencia gritava-lhe. Aquella carta anonyma podia ser causa á morte de seu marido. Mas o orgulho, e o coração talvez, ~~lhe tambem~~ bradavam-lhe tambem que ella não merecia uma infidelidade, e os desprezos que estava soffrendo; por não poder infrear o seu ciume.

Na terceira noite disse ella a Miguel de Sotto-Mayor, com carícia:

— Não vás, meu amigo, não tornes a Porto-Alto.

— E q.m te disse que eu vou a Porto-Alto?! — respondeu carregando o sobrolho.

— Diz-m'o o coração...

— O coração!... — redarguiu sorrindo o marido — O que é o coração!... O coração não diz nada. O coração é um vaso onde fraja o sangue. O coração, que não é isto e simplesmente isto, é um tolo. Eu não vou a Porto-Alto. Vou ao Paço do Bispo onde me esperam alguns amigos para conjurarmos na derrota do ministerio, e na morte de Agostinho Vaz

Freire.

— Mentes, Miguel! — exclamou Leonor.

— Agradeço a amabilidade, e vou, por q̃ não posso deixar de ir.

— Miguel! — tornou ella com ~~impetuo~~ vehemencia e ~~[illegible]~~ excitada a lagrimas — não vás... Olha que o tio morgado teve aviso, e elle é máo, e tu ficas um dia morto.

— Quem o avisou?! — replicou, risonho, o marido — Serias tu? Capaz serias da calumnia!.. Como sabes que elle foi avisado?!

— Sei-o... Não vás, peço-t'o com as mãos erguidas!.. — e chegou a dobrar os joelhos deante d'elle.

— ~~[illegible]~~ Como queres tu ~~[illegible]~~ que eu deixe de ir a um compromisso de honra, Leonor? O meu destino é o Poço do Bispo, ja t'o disse.

fl 14 pag. 209

— Juras-me que não vais ao Porto-Alvo?

— Juro, dizia Molière.

— Mas lembra-te que Molière morreu na scena, quando disse juro.

Achou Miguel de Sotto-Mayor ingraçada a observação, e despediu-se de Leonor, beyando-a na testa.

Cavalgou, guiou o cavallo na direcção do Poço do Bispo, e a grande distancia retrocedeu por um atalho conhecido ate sahir á estrada de Porto-Alvo.

Parou Miguel a distancia de meia legua, e reflectiu.

"Se o morgado tivesse sido avisado, ja eu teria a esta hora noticia da menor alteração. E' verdade que o signal em duas noites alguma coisa pode significar; mas tambem é certo que o mesmo caso ja se deu, sem significação alguma. Quem inventou o aviso foi o ciume de minha mulher" Depois de tão seguro remate, Sotto-Mayor deu de esporas

ao cavallo, e ~~[illegible]~~ vencem o espaço em poucos minutos.

Antes de elle avistar o palacio de Porto-Alto, é de bom historiador dizer que o morgado, na madrugada do dia seguinte áquella noite do funchal, erguen-se, tornou ao quarto da creada, fechou a porta, e guardou a chave. Voltando, fechou tambem a porta de sua mulher, e não respondeu ao modo de espanto com que a sobrinha lhe perguntou a causa de tal novidade. As comidas eram ministradas, a uma e outra, ás suas horas, por um homem estranho de má catadura, que não respondia a pergunta alguma. Esta situação durou dois dias, e durara ainda quando Miguel de Sotto-Mayor fazia galopar o ginete por uma ~~[illegible]~~ de cujo topo se avistava o signal, ~~[illegible]~~

Estacara o cavalo na chan, onde o brioso animal já sabia que descansava. Miguel affagava-lhe o pes-

coço, e dobrava-se sobre os ilhaes a examinar-lhe os violentos ar-
chejos, quando, ao erguer a cabeça para examinar a um raio
da lua o seu relogio, dois tiros simultaneos lhe vazaram o
peito. O cavallo atirou-se em galoens impetuosos riban-
ceira abaixo, com o cavalleiro agarrado ás crinas. A
poucos passos, as mãos do cadaver abriram-se, o corpo resva-
lou ao chão, mas foi de rojo, largo espaço, suspen-
so n'um dos estribos.

As trez horas da madrugada, os creados da casa dos Oli-
vaes senteram o estrepito das ferraduras nas lages do pateo,
e sahiu o cavallariço a amantar e recolher, como de costume,
o cavallo. [Como não visse o Amo, cuidou que elle
havia ja subido, como d'outras vezes, deixando o cavallo]
com as redeas no pescoço; mas relanceando casualmente
o estribo esquerdo, viu-o ensanguentado. Subiu as esca-
darias, bateu á porta, e disse para dentro que aconte-
cêra uma grande desgraça. Leonor saltou

do leito, e desceu ao pateo a examinar o sangue do estribo. Fugiu, como seguida por um espectro; introu no seu quarto com os olhos esgareados da demencia; e soltou estas pavorosas palavras:

— Fui eu que o matei!

D'ali em diante, o que ella dizia eram palavras sem nexo, e blasfemias, acompanhadas de medonhos tregeitos.

Sahiram os creados, uns na direcção do Poço do Bispo, outras na estrada de Porto Alvo, por alvitre de um que sabia os segredos de seu Amo.

Os segundos, a trez quartos de legua, ao voltar de uma charneca, para um atalho pedregoso acharam o cadaver de Miguel de Sotto-Mayor. A maceração e ratalhado do rosto era tal, que escassamente lh'o reconheceram. Camisa e colete cheiravam ainda a queimados: os tiros tão á queima roupa tinham sido apontados, que as mesmas buchas se lhe pegaram ao sangue empastado do peito.

8

Volvêm um dos creados ~~para~~ a buscar a carruagem, que ~~do enterro~~ devia transportal-o para casa. Leonor não atinava a dar ordem alguma para o interro de seu marido. A noticia levada a Lisboa, onde então estava ~~o~~ Sebastião de Brito, chamou aos Olivaes algumas familias, a quem as desventuras de Leonor tinham restituido a antiga estima. Curaram do interro, e a justiça dos seus deveres. Foi a justiça ~~dada~~ ao local onde estava o morto, e lavraram auto. Proseguiu na devaça; mas era tudo escuro e indecifravel. Entre os parentes da casa, que assistiram ao funeral, estava o morgado de Porto Alvo de cazaca preta e aspecto lagrimoso. Leonor, ao vêl-o, erguen-se de golpe, ~~e~~ apontou-o de perto, e exclamou:

— Foi este o assassino de meu marido.

O morgado abriu a bocca e os olhos, cruzou os braços, circumvagou ~~relanceou~~ a vista por todos, e perguntou:

— A infeliz acho que endoudeceu!... Pobre senhora!...

Os circumstantes confirmaram a suspeita do morgado, e lastimaram-a tambem.

— Por que não está aqui a mulher que matou ~~este~~ meu marido? Onde está a devassa, que lhe quero gravar na testa um ferrete com sangue?

Estas vociferações ~~este~~ augmentavam as probabilidades da ~~dou~~ demencia.

— Agora diz que foi uma mulher que o matou!... — disia o morgado — Não ha duvida! está louca a infeliz ~~sen~~ senhora!

— Não estou louca, não, scelerado! — bradou Leonor, contorcendo-se nos braços das amigas — Mataste-o tu, covardemente, feroz villão! Mataste-o, e cuidas que a bocca do morto não hade revellar a infamia de tua....

Neste ponto, ~~[illegible]~~ os labios de Leonor ~~[illegible]~~ foram cerrados ~~de~~ pelos dedos ~~[illegible]~~ de mão, que não era de alguma

das senhoras, que a estavam a custo segurando. Leonor olhou de rever para quem lhe faria a violencia, e viu Maria da Gloria.

O mesmo foi vêla, e lançar-se-lhe aos braços, exclamando:

— O' minha tia, eu sou mto. desgraçada!.. Abre-me por piedᵉ o seu coração, e esconda-me ao espectro do meu remorso..

Maria da Gloria abraçou-a com transporte, e disse ás senhoras e cavalheiros:

— Eu intendo, que não devemos ter minha sobrinha exposta, a estes accessos da sua doente imaginação. Consintam que eu me recolha com ella ao seu quarto, e haja ali uma alma piedosa, que nos dispense de cuidarmos da sepultura desse infeliz. Vamos, Leonor.

BNP

VIII

Suadeo tibi emere à me aurum ignitum probatum, ut locuples fias.

Admoesto-te a que me compres o meu ouro de fino quilate para te locupletares.

Apoc. 3. 18.

BNP

Os primeiros dias de sua viuvez, passou-os Leonor no seu quarto, e Maria da Gloria com ella. Era de ver os assiduos disvelos com que as familias de sua numerosa parentella aporfiavam em mitigar-lhe as penas, desde que a souberam restituida á graça da supposta millionaria Maria da Gloria. E, como fosse vulgar e notorio o amor de Alvaro a Leonor, ja disiam os aruspices, atarefados em prognosticar a vida alheia, que as segundas nupcias da morgada pobre com o filho unico do banqueiro Macedo seriam + espectaculo de pouca delonga + em tª graça. Houveram sugeitos imaginadores de tragedias que aventaram a verosimilhança de ter sido assassinado Miguel de Sotto-Mayor

VIII

por ordem de Alvaro de Macêdo. A sociedade teve sempre destes carrascos, para assim dizer, encarregados de mostrarem do cadafalso á canalha, sedenta de escandalos, as melhores reputaçoens a escorrerem sangue. Enfermia ouviu, uma vez, n'uma loja de capelista esta calumnia. Chegou a chorar e espavorida ao pé da ama, repetindo o que ouvira. Maria da Gloria respondeu ás affliçoens da creada com um sorriso, e estas palavras:

— Deus sabe quem matou o marido de m.ª sobrinha: a infamação é que não mata a honra de ninguem.

Ficou Leonor com seu pai.

Dizer que a viuva se definhava de dia para dia, consummida de saudades do defuncto marido, seria inventar. Não seria mais exacto o dizer que a purpura da juventude lhe retingiu as faces, e que o tindo oval do rosto se recompoz. Leonor nunca mais foi bella, desde o primeiro dia que se viu desmerecida aos olhos do marido pela mesma causa que a sociedade a lançara de si: — a pobreza. Devorou-lhe a vaidade, inseffrida e furiosa na dor,

á alegria da alma, e o mesmo foi tirar-lhe ás flores do rosto a seiva q̃ as alindava.

Em que pensava Leonor, n'aquella sua rapida mudança de vida? Parecia não pensar. Decorridos seis mezes, sahiu a pagar visitas em Lisboa, menos a de Maria da Gloria, que lhe não dera a isso azo. Viram-na nos theatros, e nos bailes, passado um anno. Apontaram-lhe os binoculos os conquistadores da epoca; e, com quanto a denominassem „bellas ruinas", fosse ella menos esquiva, e tena sobeja bellesa para acorrentar os lesens de S. Carlos, janla+ então muito mais de atterrar que hoje.

Em que pensava Alvaro? Como scismava elle em sua prima? Amava aquella mulher, que vira cinco annos antes. Não formava idea alguma da mulher, que era cinco annos depois. Nunca mais a vira, nem quizera ver. Desde que pessoa ~~indifferente~~ descuriosa lhe disse, sem proposito, que a vira, mto outra do q̃ era, em caza da ~~condeça~~ prima condeça de tal, e no theatro de S. Carlos, Alvaro deixou de frequentar o theatro, local unico onde o levava a suave tristeza da musica.

Disia-lhe sua mãe, um dia, que Leonor se queixava a Eufemia de não ser convidada para caza de sua tia. Alvaro respondeu:

— A mãe pode recebêl-a; mas avise-me com anticipação para nos não encontrarmos.

— E, todavia, meu filho, replicou a mãe, estás sempre perguntando-me se a merada será sufficiente para o bem-estar de Leonor!...

— Que tem que ver uma coisa com outra, minha mãe!? É um pouco de dinheiro inutil, dinheiro que nunca me lembrou quando, eu pensava em ser feliz com Leonor. Se o dinheiro não entrava por nada nas minhas contas, signal é de que não representa algum affecto de coração a minha prima.

— E se ella se despenhasse em novo precipicio? Se cazasse com um homem que a expozesse a novas miserias?

— Dando-me minha mãe licença, continuaria a soccorrel-a, e a luctar contra a estrella fatal d'aquella infeliz.

— E crês tu na fatalidade, filho!...

— Creio, minha mãe.

— E a virtude que fica sendo?

— A fatalidade do bem.

— Não achas mais racional submetter á Providencia divina, e á direcção dos actos humanos o que tu chamas fatalidade?!

— Eu, disse Alvaro com profunda amargura, não vêi o que é melhor, nem mais racional, minha mãe.... Se quer que eu lhe diga o que sinto... o melhor é... não viver; o bem supremo da vida é ignorância. O que é a embriaguez no homem de espirito que conhece o travo da peçonha que bebe? O que é o suicidio, senão a passagem para o esquecimento?

— Deves ter soffrido muito, meu filho, por que vejo sem religião!...

— Não tenho a religião que ora; tenho a que perdôa, e se amisera de amigos e inimigos: a minha virtuosa mãe tem esta, e a da oração. Deus me terá por bom e piedoso filho

merecimentos de minha mãe...

Este dealogo foi interrompido por um recado de uma senhora que desejava fallar a Alvaro.

— A mim!? disse elle, admirado, e foi á sala onde o esperava a senhora.

Viu elle uma dama trajada de preto, com semblante de quarenta annos amargurados, e um complexo de adornos, que denotavam pobreza.

— ~~Acompanho~~ Não a conheço, minha senhora, disse Alvaro.

— Decerto, não. Eu sou a mãe de dois filhos de seu pai, respondeu ella em italiano — Sou a desgraçada que acompanhou seu pai do theatro de Milão para Lisboa ha dezeseis annos. Vi o Snr Alvaro creancinha ao perto de sua ama, e torno a vêl-o homem com a reputação ~~de filhos~~ egual á das virtudes de sua nobre mãe.

A italiana enchugava as lagrimas.

— Queira continuar, disse Alvaro.

— Quando seu pai me abandonou ao meu funesto destino, tinha eu dois filhos, dos quaes elle quiz senhorear-se; eu, porém, sobre ser infeliz, era caprichosa, e não sei mesmo se boa mãe: não lhe dei os filhos. Em quanto + a belleza ~~a vicio~~ me inflorava o vicio, ~~a belleza~~, aturdi-me nas pompas, e nos delirios d'uma brilhante ignominia; mas não olvidei a educação dos meus pobres filhos: sustentei-os n'um collegio, até 1832, época em que eu invelheci, e de repente cahi dos ouropeis da m^a opulencia ao charco da miseria. Tirei do collegio os meus filhos: o mais velho era um demonio, o outro um anjo. O anjo levou-m'o Deus um anno depois, quase fulminado pela colera-morbus; o outro ficou ao pé de mim como instrumento nas mãos da providencia para minha expiação. Meu filho pedia-me contas do luxo, que vira em m^a casa, quando creança: eu não podia responder-lhe. Quiz eu forçal-o a respeitar-me, e elle reagiu com ameaças á minha severidade. Um dia desamparou a minha caza, roubando-me as poucas alfaias de algum valor, que eu guardava para

não ir tractar-me da ultima doença a um hospital. ~~Dias depois~~ Passados dias, soube q̃ elle estava no limoeiro, preso por furto. Desfiz-me de quanto tinha para as primeiras necessidades do meu uso, e consegui restituir o furto ao dono, e a liberdade a meu filho. Fui, depois, lançar-me aos pés d'um homem, que me conhecera em tempos felizes... Felizes!.. que falsa apreciação!.. Pedi uma qualquer occupação para meu filho, e alcancei empregar-se na alfandega, ~~[illegible]~~ em logar de bastante responsabilidade. O desgraçado parecia regenerar-se; não houve queixa d'elle em dois annos; eu julgava-me bem-quista da sorte, e contava com o pão da velhice. Ha oito mezes que um grande roubo se descobriu na alfandega, e meu filho é convencido de ladrão de grandes valores, valores que elle perdeu no jogo e dissipou na libertinagem. Ha quinze dias que ~~meu filho~~ o filho de seu pai, sur Alvaro, foi condemnado á grilheta por toda a vida.

A italiana esperou que os soluços a desafogassem, e ~~[illegible]~~ continuou:

— Eu não venho pedir ao generoso filho do pai do ~~meu~~ condemnado que o salve, pagando o roubo, que sobe a muitos contos de reis. O que ve-

nho de mãos erguidas supplicar é que V Exª empregue o valimento
dos seus amigos para que a pena seja commutada em degredo per-
petuo, sendo o ferro aos pés, que assim o pede o desgraçado

Alvaro ergueu a mulher, que ajoelhara, e disse-lhe:

— O nome de seu filho?

— E' Julio de Macedo.

— Farei o que poder. Vá a senhora dizer-lhe que espere alguma coisa
dos meus esforços.

A italiana ~~fez~~ menção de ajoelhar outra vez, desconfiada da ~~fraqueza~~
d'aquellas palavras: impediu-a Alvaro, e seguiu-a até ao topo
da escada.

Maria da Gloria, mais por amor de mãe que por curiosidade de
mulher, tinha ouvido tudo. Sahiu, como desapercebida ao
encontro de Alvaro, e disse-lhe risonha:

— Com que então as damas ~~de Lisboa~~ vem assim á hora do dia
procurar-te em casa!? Queira Deus que me não roubem o
meu Alvaro!....

Sorriu-se o môço, e ficou pensativo, cogitando no modo como fallaria a sua mãe.

— Em que pensas, filho!? — tornou ella, rindo em gargalhada — Estás ainda arrobado na visão da deidade, que te veio roubar o socêgo?!. Diz o que sentes, Alvaro!

— Logo, minha mãe, logo ... — respondeu Alvaro, cada vez mais inleado.

— E porque não ha de ser já?! — redarguiu Mª da Gloria com gravidade — Estarás tu espantado, ou invergonhado de saber que uma boa arvore produziu fructos tão máos!?

Alvaro incarou com assombro em sua mãe, e tartamudeou alguns monossilabos.

— São aberraçoens... — proseguiu ella — Não lhe ouviste dizer á pobre mulher que o mais novo era um anjo? Ahi tens... Foi como as arvores que dão aromas e veneno... Não tens porq̃ seismar, meu Alvaro. Faz a tua vontade completa e generosa como eu a adivinho. Tens authorisação minha para levantares o dinheiro que quizeres. O teu fausto, segundo vejo, é a caridade

obscura: pois bem, gosa plenamente as regalias que ~~te dá~~ a fortuna te dá.

Alvaro Teixeira foi encarregar o advogado de sua casa de sollicitar ~~[illegible]~~ o perdão do condemnado a prêço da quantia em que fôra avaliado o roubo. O sollicitador desanimou quando lhe disseram o avultado da quantia. Alvaro, porém, authorisou-o a advogar o livramento, por todo o preço. Julio de Macêdo foi um dia chamado para receber o alvará de soltura, e appareceu em casa de sua mãe, quando esta, esperançada nas promessas de Alvaro, desfazia os ultimos lençoens para fazer camisas, que seu filho levasse para Africa. O perdoado não sabia dizer como fôra livre; a mãe, desvariada de alegria, não atenava a contar ao filho o modo como o salvára. N'este lance, appareceu Alvaro, e recebeu nos braços a italiana, e o filho de seu pai, aquem chamou irmão

BNP

O filho da italiana não conhecia o filho de seu pai. Balbuciava palavras de gratidão, tão invergonhado do crime que a merecêra, como assombrado d'uma virtude em q̃ não accreditava. Alvaro atalhou assim as exclamaçoens da antiga locataria do palacio de Belem:

— Seu filho inutilmente pediria hoje um emprêgo. A senhora não pode contar com os meios d'elle para a sua sustentação. Meu pai, como a Snr.ª sabe, tinha uma propried.e nos arrabaldes de Napoles, que eu conservo ainda, e da qual, com o consentimento de minha mãe, lhe faço doação. Acho acertado que a Snr.ª e seu filho vão la viver, e levem as liçoens da desgraça para a conservarem.

D'um mesmo impulso, mãe e filho se lançaram aos pes de Alvaro, com exclamaçoens e lagrimas.

— As lagrimas são um segundo baptismo em alguns olhos, disse Alvaro — Permitta Deus que o filho de meu pai se regenere com as que lhe vejo no rosto.

BNP

D. Maria da Gloria firmou a doação, e a ~~napolitana~~ milaneza com seu filho, partiram para Italia. Vinte e dois annos depois, me disse aquelle sancto dos Olivaes que a antiga actriz ~~do~~ morreu velha e feliz; que Julio de Macedo conservava ainda a quinta, e honrava uma alta patente no exercito da Sardenha. Perguntando-lhe eu quanto lhe custou a regeneração d'aquelle homem e a velhice venturosa, da amante de seu pai, elle me respondeu:

— A fortuna de duas familias independentes.

BNP

IX

C'est la vanité qui m'a perdue!.... La vanité m'a portée dans tous les abîmes....

J. Janin (L'ane mort)

BNP

Tinham decorrido dois annos depois da viuvez de Leonor. ~~Neste~~ Na correntera deste ~~[illegible]~~ espaço, e quasi no termo delle, faleceu Sebastião de Brito, legando simplesmente alguns rôlos de pergaminhos e a memoria dos seus desvarios senis. De paixão d'alma diriam os facetos que elle tinha acabado; mais serias averiguaçoens, porém, dão que o homem succumbiu a uma febre gastrica, procedente de uma ceia no Farrobo, em casa do hospedeiro e luxuoso conde d'aquelle titulo. Não devem esquecer alguns desastrados successos pertinentes a esta epoca, e vem a ser que o fidalgo de Porto Alvo morreu invenenado, consoante a fama dizia; e que sua sobrinha passou a segundas nu-

paias com um primo de Athouguer, e vivia ainda honrada e feliz em 1859. Achei tambem nota de que a creada, confidente da morgada, dias depois do assassinio de Miguel de Sotto-Mayor veira á margem direita do Tejo, cuspida por uma onda, e com claros vestigios de ter sido estrangulada. E' de presumir que o fidalgo atirasse ao Tejo com a unica testemunha do seu crime. Se o boato da freguezia é exacto, não será peccado dizer que a casa de Porto-Alto, não desfazendo no seu brasão, encerrava uma tribu de scelerados.

Leonor, não podendo com a soledade dos Olivaes, pediu a sua tia licença para viver em Lisboa. Maria da Gloria hesitava em conceder-lh'a; mas Alvaro achou razoavel o pedido, e desculpou a sollicitação de sua prima.

Transferiu-se para Lisboa a viuva, e com ella o seu trem. Tomou um palacete em Buenos-Ayres, e abriu os seus saloens a uma partida semanal de parentes e amigos intimos. Estes chamados "amigos intimos" são ás vezes os inimigos de fora. Estes foram os

que vulgaram o cortejo da viuva a um môço sem nascimento nem posição, homem de lettras em disponibilidade, insinuando-se a titulo de genio, entre as pessoas, ~~que estimam~~ tambem de genio. tão benevolo e tolerante que o recebiam.

Soube Maria da Gloria as atoardas que corriam á conta de sua sobrinha, e communicou-as a Alvaro.

— Pois a mão que esperava!? disse este — Leonor teve treguas de dois annos. A fatalidade refez-se de vigor, e volta á lucta.

— E qual achas tu que é o nosso dever?

— Luctar a favor da mais fraca. Aconselhe-a minha mãe; e, se não poder nada com ella, ampare-a como até aqui.

— E se eu lhe retirasse os meios, repliou Mª da Gloria, ~~não~~ crês tu que esse segundo calculista a não deixaria em paz?

— Deixaria; mas Leonor desceria na eschala social até achar um indigente como ella.

— A' vista d'isso, filho, julgas incuravel tua prima!?

Julgo, mãe.

Foi Maria da Gloria a Buenos-Ayres, em hora de não receiar con-
correncia, e foi logo o dêdo na chaga!

O teu máo anjo não te deixa, Leonor?

Por que falla assim, minha tia?

Dizem-me que estás á beira d'um segundo abysmo. São falladas
as tuas intelligencias com um homem, que offerece menos condições
de felicidade que o primeiro. Como tens tu coração para o amor, fi-
lha? Por que não quer Deus que chegue para ti a hora da re-
denção? Como pagas tu o que deves a ti, á sociedade, e a mim? Le-
vanta-te desta miseria, Leonor! Recobra a tua dignidade inacva-
lhada! Lembra-te das lagrimas, que choraste nos braços de
Eufemia! Medita um pouco no nobre coração de meu fi-
lho, cuja alegria matáste, e envergonha-te dos novos ultrajes que
preparas áquelle anjo, que te protege!

Leonor sahiu d'uma reconcentração de minutos para beijar

a mão de sua tia, soltando estas palavras:

225 - fl 15 - M225-1:A

— ~~[illegible]~~ Agradeço a esmola a minha tia, e a meu primo a philantropia. Agora fallarei, se me dá licença. Meu primo tem-me beneficiado: eu bem sabia que elle não era estranho ~~aos favo-~~ á esmola que tenho recebido; mas quisera antes a certeza de que esta beneficencia ~~[illegible]~~ pertencia exclusivamte a V. Exca. Meu primo tem me favorecido para me humilhar.

— Explica-te, Leonor... — atalhou Maria da Gloria estarrecida de espanto.

— Eu vou explicar-me, minha tia. Se Alvaro olhasse com piedosa vista para os meus infortunios, alias respeitaveis p. serem do coração, teria apparecido a meu lado, não como o amante despeitado, mas como o parente que sacrifica os caprichos do coração ao dever misericordioso de rehabilitar moralmte uma mulher. Fui mto desgraçada, e era-o mais por intender que meu primo se regosijava a cada ~~degrau~~ escalina, que me via descer para a miseria, na esperança de elle ahi descer com alguns punhados de ouro a fartar-se de vingança. Quando

minha tia me enviou a ama creada com a primeira esmola, cuidei que mais tarde acharia nos meus parentes mais proximos a esmola de consideração, que mais necessaria me era. Passaram mezes, e o salipendio do ouro vinha regularmente ás mesmas horas, e no mesmo dia; mas uma palavra de amor, o pão do espirito, essa nunca. Eu acceitava o ouro por que tinha um marido que me culpava da ma pobreza; por que tinha um pai, que me regalava a mocidade com magnificencias superiores ás suas posses; por que tinha um nome que as sombras do infortunio empanavam, como se a arvore de tronco illustre se attascasse no lodaçal da pobreza; por que tivera uma educação com que a penuria se não conformava; por que finalmente, humilhada pelos meus, começava a sentir-me desprezivel aos meus proprios olhos. Depois de viuva, permaneci dois annos nas austeridades que raros exemplos me tinham ensinado. Contrafiz a minha indole para bem merecer a estima de Alvaro; esperei que elle désse á minha soledade

santificar a esmola com uma palavra de irmão. Se elle ahi tivesse ido, eu curvaria a cabeça deante do herói, e pediria-lhe licença para beijar a terra honrada pelas suas botas. Vim para Lisboa, depois de dois annos de humilhação; e pedi licença a minha tia, por que receei que meu primo, não sahido ainda da desforra, contrariasse a minha vontade, e me reduzisse a voltar ao ermo dos Olivaes por não ter com que comprar a vida luxuosa de Lisboa. Quer minha tia saber como eu denomino este acto de desesperação? É uma coisa que modernamente chamam „cynismo“; é aquillo que eu ja disse — o desprezo de mim proprio. Agora vamos ao ponto da sua inesperada visita. É certo que eu a mo um homem, que nasceu não sei de que mulher, e tem tanto a dizer-me das suas qualidades pessoaes que nunca fallou das qualidades dos seus avós. É pobre como eu. E não pede a ninguem o pão de cada dia; trabalha com a sua intelligencia. E creia minha

tia que Me acha quem lhe dê por duas horas de tra-
balho o que me não dariam a mim pelas pedras de ar-
mas das quintas que meu pai desbaratou. ~~Em este~~ Este
homem pobre é quem convem á mulher nas m.as
circumstancias. Eu hoje comprehendo melhor + as privaçoens ~~a privação~~
com ~~um~~ ~~de muito~~ amigo ~~que~~ do q.º as pompas na solidão. Te-
nho vinte e sete annos. E' cedo para o claustro, e é
tarde para esperar no recato de donzella, que algum
singular amante da ~~vida~~ thebaida me vá procurar na
m.a obscuridade. Se minha tia me vem dizer que retira
a sua esmola, beijo-lhe as mãos pelo que lhe devo, e beija-
ria as de meu primo tambem pela sua philantropia.
A' manhan voltarei para os Olivaes. E' verdade que os
bens que possuo estão hypothecados a uma antiga divi-
da de meu pai a meu tio Manoel, e V.Ex.ca pode
mandal-os tomar como seus. Não importa. Está
la uma ~~cabana~~ cazinha, que eu mandei fazer para uma

velha creada de minha avó. A velha morreu ha poucos, e testou-me a cajinha, que os credores decerto não querem: irei ha viver.

Calou-se Leonor.

Maria da Gloria, já em pé, olhou ~~tristemente~~ com uma amargura a sobrinha, e disse:

- Foste injusta, Leonor. Devem até os anjos compadecer-se da alma injuriada de meu filho. Não te castigue Deus, que eu, em nome de Alvaro, te perdôo. Cumpre o teu destino, desgraçada; e, grande o remorso te perseguir no extremo refugio do que tu chamas "cynismo", foge para mim que eu te abrirei os braços.

Leonor não ergueu os olhos ~~dos~~ das alcatifas: era de soberba, e não de abatida, que ella desfitara a vista do magestoso aspecto de sua tia.

Sahiu Maria da Gloria, e não teve que dizer ao filho:

Interrogada por elle, evasivamente referia alguns dos queixumes de Leonor, como a necessidade d'um amigo, a negação a vida solitaria, o cansaço do soffrimento, e a sympathia que a ligava ao homem, com quem desejava casar-se.

Alvaro apparentou natural placidez, e, n'outro ensejo em que fallavam sobre o mesmo motivo, disse:

— Esse homem julgará rica a prima Leonor?

— Cuido que não; elle deve saber que Leonor vive da beneficencia dos seus parentes.

— Hei-de sabê-lo com certeza. Se o homem a ama pobre, e não conta com o beneplacito nem com os recursos dos parentes para o casamento, é um nobre caracter. Estou que a belleza de Leonor não fascina alguem...

— Como hade tu sabê-lo, filho. Conheces por ventura o homem?

— Conheço-lhe os escriptos, e recordo-me vagamente de o ter visto no collegio, nos meus ultimos tempos.

Foi Alvaro ~~[illegible]~~ ao collegio, e falou largo tempo com o seu antigo amigo, professor de inglez. Dias depois, procurou-o o mestre, e respondeu assim ao incargo, que recebera:

— Falei com o jornalista. Aquillo é uma alma lavada como pedra de amollar! Apenas lhe toquei no assumpto, accendeu o cachimbo, cobriu as pernas com as abas do chambre de seda desbotada, e + refestelou-se na poltrona velha ~~[illegible]~~ como um turco, para me dizer o seguinte: "Não ha duvida q̃ eu namoro a viuva, primeiro por que é romantica, segundo por que é romantica, terceiro por que é romantica.

— E por q̃ é rica, + atalhei eu.

— Ah! sim! e por que é rica: então é por quatro rasoens, e não por trez. Acho eu que vem a ser quatro as rasoens."

— Não, sur, são simplesmente trez, porque a quarta é uma sem-rasão. D. Leonor é pobre.

— Pobre! ora essa! conte-me isso, meu bom amigo!

Disse-lhe eu que a viuva vivia da beneficencia dos seus parentes, e que os parentes da viuva não estendiam a sua caridade até aos maridos inconvenientes das suas parentas necessitadas.

— Mas aquelle palacete dos Olivaes, que eu hontem fui ver, redarguiu elle — e aquell'outro de ruinas tão poeticas; e aquellas duas quintas, que se espreguiçam na margem do aurifero Tejo... que me diz o Snr a isto?

— Digo-lhe que os palacetes e as quintas não são mais da viuva que meus. Tudo aquillo está hypothecado, pinhorado, consummido, etc, etc. Mas concluiu eu as trez rasoens, que o meu nobre amigo expendeu, prevalecem, a pesar de tudo. A viuva Salto-Mayor é sem questão trez veses romantica.

— Diz mto bem — accudiu elle: — o casamento hade fazer-se, quando eu for trez veses romantico; mas,

por em quanto, bem vê o meu caro mestre e amigo que eu laboro na proza villôa do Artigo de fundo.

— Quer dizer...

— Que hei de abrir o meu coração á viuva, e a minha bolça mesmo, se ella quizer. Se me não engano, a viuva é litterata, e sabe da seita + philosophica que tinha, como eu tenho, horror ao vacuo. Resta-me agradecer-lhe as tão apontaneas como minhas informaçoens, e aqui estou ás ordens.

— Aqui tem o Snr Alvaro — continuou o professor de inglez — o que passei com o litterato Mascarenhas. Agora, peço perdão da liberdade com que expuz fielmente o texto da nossa conversação.

Alvaro, tendo contado a sua mãe o piccaresco dealogo do litterato e do mestre de inglez, disse:

— Agora, minha mãe, esperemos. Não estão muito no meu genio estas incobertas operaçoens; mas a intenção é salvar o Leonor.

Mascarenhas foi á partida da viuva, como costumava. Nunca ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ tão amorosa e manifestamente se revellara Leonor, a elle e aos hospedes maravilhados. Ao despedir-se do escriptor, disse-lhe ella:

— Extremamente ~~[illegible]~~ desejo fallar-lhe ámanhan depois do meio dia. O cavalheiro decerto não falta.

— Oh! minha senhora!... quem quer faltar á sua propria dignidade!?

— E por que não diz „no seu proprio coração...“?— retorquiu ella com ~~[illegible]~~ despeitado sorriso.

— O coração, minha senhora, é tão de V.Ex.ª, que não se attreve a entrar nos ~~[illegible]~~ juisos do espirito...

Leonor achou conceituosa a ~~[illegible]~~ rasão alambicada do litterato, e esperou anciosa o dia seguinte.

— Vou responder, disse ella, cathegoricamente ás suas cartas. O pensamento reservado de todas ellas é uma ligação, que fance respeitavel e sagrada a paixão que o meu amigo encarece nas suas cartas, não é assim?

— Com que outro intento podia eu dirigir-me a V. Ex.ca?!

— Bem! Resolvido está por tanto a ser meu marido?... Naõ lhe cause estranheza o estylo secco e desornado da pergunta... assim é precizo.

— Respondo, m.a Snr.a Primeiro que tudo, eu amo tanto V. Ex.ca q.to a respeito. ~~O respeito mutua~~ Afeina destes dois sentim.tos está o da amisade, que lhe dedico, e o da gratidaõ á benevolencia com que me tem distinguido em sua casa. V. Ex.ca naõ ~~g~~ ama os grandes preambulos, e por isso vou ja direito á materia sujeita. Se eu acceitasse a honra, que V. Ex.ca me dá de querer aliar-se á minha vida, sacrificaria-hia, minha senhora. O mesmo seria obrigal-a a trocar por um coraçaõ dedicado as regalias de q̃ se está gosando, com grande inveja das suas Amigas. Um coraçaõ dedicado que é em confronto do bem-estar, da segurança do dia seguinte, das consideraçoens desvelladas, que a rodeam a V. Ex.ca?

— Illucide-me... — atalhou Leonor — A sua linguagem é escura!

— Escura é a existencia sem meios de a fazer brilhar, m.a senhora. Eu sei taõ bem como V. Ex.ca que os seus m.tos recursos procedem da amisade de uma tia ~~mi~~ millionaria, que V. Ex.ca tem.

— Naõ ha duvida; mas eu naõ disse ainda a V. S.a que me dotava

com estes recursos; e V.S.ª, nas suas cartas, falla-me da felicid.e da solidão, e da doçura do pão ganhado com o nobre trabalho da intelligencia.

— Tambem é certo — redarguiu algum tanto confuso o jornalista —; era, porém, intento meu fazer o elogio da mediocrid.e com relação áquelles que ~~nunca~~ não conheceram a opulencia. Neste caso não está V.Ex.ª: estou eu; mas eu é que não devo sacrificar a felicid.e real da Snr.ª D. Leonor ás minhas phantasias de philosopho. Todavia...

— Queira dizer-me, interrompeu a viuva, e quem pediu informações dos meus recursos?

— Não as pedi, m.ª Snr.ª: seria ~~as~~ grandemente ignobil o pedil-as; não as averiguei; deram-m'as.

— Quem?

— Conhece V.Ex.ª por ventura um mestre de inglez?!

— Conheço.

— Como conhece, m.ª senhora?

— Fallou-lhe esse homem em meu primo Alvaro Tenr.º de Macedo?

— Não, mᵉ senhora; limitou-se a dizer-me que V. Exᵃ não tinha absolutamente nada que lhe segurasse a futura subsistencia, se contrahisse segundas nupcias contra vontade dos seus parentes.

Leonor ergueu-se, sahiu da sala pisando com soberanna arrogancia, e o litterato ficou perplexo com os olhos cravados na porta por onde a vira sahir.

Instantes depois, entrou um creado de farda, e disse ao cavalheiro:

— S. Exᶜᵃ manda sahir.

Mascarenhas tomou o chapeo, e retirou-se tão affrontado como se tivesse espirito muto susceptivel ás injurias.

Leonor não recebeu alguem n'aquelle dia. O seguinte era o ultimo de setembro de 1838. Eufemia era esperada com a mesada ~~devia n'esse dia entregar a~~ n'esse dia. ~~[illegible]~~ Não era esperar, era ancear em phrenesis a agitação de Leonor. ~~vestida de cha~~

Quando Eufemia entrou, estava a viuva vestida de preto, com o facto avelhentado do lucto de ha quatro annos, e já de chapeo.

— A Surª vae sahir, e de lucto carregado?! — disse a creada. — Eu

tem, snrª D. Leonor?! a menina tem febre!

— Trazes-me a esmola? — disse ~~[illegible]~~ Leonor com desabrimento — Leva-a a tua ama, e ao teu amo. Diz-lhes mais que venham tomar conta do ~~[illegible]~~ que esta casa incerra. Tudo isto não vale um terço do dinheiro, que recebi; mas é honra ~~[illegible]~~ pagar pouco, e ficar sem nada. Diz a meu primo que esta nobre desgraçada repelle a mão bemfeitora que larga o ouro e aperta o cabo do punhal com que se mata a dignidade dos infelizes. Diz a meu primo que o rotulo da sua cavidade é um insulto a mim que não lhe esmollei o seu ouro, ganhado sobre o balcão. Diz á minha virtuosa tia que a virtude não está somente nos ~~[illegible]~~ temperamentos de gêlo, que facilmente são virtuosos. × Diz isto. Agora, vai ~~Vai~~, ou fica.

Leonor ia a sahir, e Eufemia abraçou-se a ella, chamando soccorro, por ~~o julg.~~ julgal-a demente. Os creados vieram; mas recuaram ante o olhar imperioso de sua Ama. Leonor sahiu a pé, só, com os olhos raiados de sangue, e o coração em convulsoens. A longa distancia de caza entrou n'uma sege de praça, e deu ordens

ao boliciro.

Eufemia contou o succedido. Maria da Gloria chorou, e pediu a Deus que não desamparasse da sua vista a perdida mulher.

Alvaro ouviu serenamente repetirem-se os affrontamentos de sua prima, e parecia gozar-se dos novos espinhos, que lhe sangravam o coração.

— Esperemos..., — disse elle a sua mãe.

X

N'aurez-vous point pitié, jeune homme?.. Non, non, j'en ai le pressentiment, une ère nouvelle commence...

R. de Lorgues. (L. das Communas)

Leonor, apeando no pateo do palacete dos Olivaes, chamou o feitor, e pediu a chave da caza da Luiza: por este nome era conhecida a caza que Leonor dera á sua velha creada, e herdára d'ella, mezes antes. A passo firme abriu a porta, fechou-se dentro, abriu os dois postigos + invidraçados, e sentou-se no ~~[illegible]~~ bahu, que estava aos pés da cama em que morrera a creada. Ali estava tudo como a fallecida o deixára, ~~[illegible]~~ pobre mas limpo, a não ser a ~~[illegible]~~ capa de pó que ~~[illegible]~~ assentára no vemiz de alguns velhos moveis, que Leonor lhe dera. O feitor, se bem que prohibido de ~~[illegible]~~ a seguir, teimou em vigial-a, suspeitoso do ~~[illegible]~~ desvelido ~~em~~ em.

X

que a viuva vestida, e do desconcerto do rosto. Affoitou-se a pedir-lhe que abrisse a porta, e instou com rogos de antigo e leal creado que o não repellisse, se estava afflicta. Leonor pediu-lhe um copo de agua, e a chave do bahu de Luiza, parte da herança que ella não tivera tempo de examinar, nem quizera dar a outras creadas, que lh'a pediam, como farrapagem inutil á herdeira.

Abriu Leonor o bahu, e entre a roupa branca, recendendo á alfazema, encontrou um embrulho de dinheiro em prata. "Isto é que é verdadeiramente meu, disse ella; posso com este legado da minha Luiza resistir á morte da fome por alguns dias" Como o mordomo perpassasse em rondar as avenidas da cazinha, Leonor deu-lhe dinheiro para lhe comprar um jantar como costumava ser o de Luiza, e accrescentou:

— Não cuide que isto é dinheiro de minha tia... É meu, que m'o deixou a minha creada. Achei-o no bahu. A boa velha, que creou minha mãe, economisou toda a sua vida para matar a fome de alguns dias á filha da sua ama, a Leonor de Brito, á

ultima morgada dos Olivaes;

O tom deste dizer dava azo a que o mordomo a tivesse em conta de doida. Assim o creu, e mandou aviso a Maria da Gloria.

Ali passou o restante do dia. Ao trazerem-lhe o jantar, recebeu-o por um dos postigos, e tomou d'elle o prato menos esquisito, uma pouca de vaca, dizendo que não tinha posses para mais. Pernoitou no leito de Luiza, e abriu alta noite as janellas por que sentiu aquelle especial e nauseabundo cheiro das exhalaçoens cadavericas.

De madrugada, abriu a porta, e sentou-se no unico degrau. Estava abrazada em febre, e, a intervalos, deixava pender para o seio a cabeça extenuada de vágados. Quando presentiu passos nos arredores da casa, recolheu-se, e fechou a porta: era o feitor, que passára a noite velando a casinha onde dormia a filha de seus amos.

A febre subiu ate ao delirio. Leonor prostrou-se na barra, e sacudia vertiginosamte os braços e a roupa. O feitor chamou creados, assombou a porta, e collocou sua mulher ao pe do leito da febricitante. Como recobrasse alentos, e se visse rodeada de gente pobre

da aldêa, sorriu a todos, e pediu que a deixassem. Queria ficar de força a mulher do mordomo; ella, porém, tão affligida se mostrou da contrariedade, que conseguiu ficar sosinha. Ergueu-se cambaleando, aturdida, e trancou a porta, por que a fechadura tinha saltado aos impuchoens de fora.

Depois, abriu o bahu, tirou o cesto de costura da creada, e experimentou na extremidade do dedo indicador da mão esquerda a ponta d'uma thisoura. Feita a experiencia e insanguentado o dedo, escreveu no verso de um papel sellado, que era a certidão de idade da defuncta creada, as seguintes palavras, com a cabeça de um alfinete:

"A minha tia Maria da Gloria.

"Não posso com a dependencia, nem tive educação para agenciar a independencia com o meu trabalho. Matei-me d'uma so vez para não morrer mil vezes aceitando esmolas com a condição de me escravisar a ellas. Dou louvores a Deus por me ter defendido de alguma tentação deshonrosa, ate cahir nesta desgraça. A minha memoria será

longo tempo escarmento p.ª infelizes; mas não será vezame para os meus parentes. Agradeço o bem que me fez m.ª tia; e sinto não ter tido uma alma bastante vil para se não conhecer avilltada. Escrevo no meu perfeito juiso. Leonor de Brito "

Dobrou o papel, e collocou-o sobre a meza em que o escrevêra. Arregaçou a manga do vestido, e cravou a ponta da thisoura no sangradoiro do braço esquerdo. Como a cisura apenas revesse o sangue, ligou e comprimiu o braço com uma tira de lençol. O sangue espirou com força; e, de o ver, turvou-se-lhe o animo de modo que ja não pôde passar á cama.

Era á hora do jantar. A mulher do feitor batera e chamára sobresaltada; o marido veio depoz ella, e quebrou os caixilhos das vidraças, por onde saltou dentro.

Estava Leonor cahida no pavimento. O braço nu gottejava sangue, que salpicava faria rego no soalho. Tomou-a nos braços, e levou-a sem sentidos ao leito. Sondou-lhe o pulso, e achou-a viva. Mandou chamar o cirurgião, que morava a um quarto de legua, e vedou-lhe o sangue com pannos adhesivados e com

pressas.

De repente, deram passagem a alguem os muitos visinhos, que ali chamaram a gritaria da mulher do feitor, e se agrupavam á porta: era Alvaro Teixeira.

Foi direito á barra, onde Leonor archejava, com a vista terrivel de mortal spasmo.

— Leonor! minha prima! — exclamou elle — passando-lhe a mão na fronte — Que sangue é este?! — bradou, vendo as compressas tingidas.

— E' que a snr morgada abriu a veia do braço com uma thisoura... — disse o feitor.

— A minha carruagem depressa aqui! — bradou Alvaro — Ajudem-me a transportal-a.

Tomou-a elle em todo o pêso nos braços, fez entrar a mulher do feitor na carruagem, e, com o auxilio d'ella, pôde encostar Leonor ao respaldo, e, com duas cadeiras, formou-lhe apoio para o restante do corpo. Recebeu das mãos do mordomo o papel escripto com sangue, leu-o quanto as lagrimas lhe permittiam, e mandou seguir a carruagem para Lisboa a passo.

A meio caminho, Leonor reconhecem seu primo, e estremecem. Fitou os olhos esgazeados nas compressas, e agitou o braço direito como se tentasse arrancar o aparêlho. Alvaro seguron-lhe o braço, e disse:

— Que queres fazer, minha prima!? Espera mais algum tempo... Morre, quando me não vires n'este mundo... Deixa-me viver, e vive tu, o tempo necessario para ires deste teu inferno com a certeza de q eu te amei sempre.

Dilataram-se os labios roxos de Leonor n'um gesto que podéra chamar-se um sorriso, e murmurou:

— Um cadaver...

Alvaro tornou para o peito a cabeça, outra vez, desfallecida de Leonor, e chorou-lhe sobre a face algumas d'aquellas lagrimas, que são, no coração humano, como o alimento, a seiva das ultimas esperanças.

E contemplou-a.

Nunca mais a viria desde aquella noite de Junho de 1832. D'aquelle rico esplendido, d'aquella bella e viçosa, da exuberancia

de vida que lhe sahia aos olhos em faiscas, e em risos expansivos aos labios, restava a pele cortada dos ardores da febre, os ossos descarnados, o pallor da agonia, e a desfiguração inteira de todas as feições. Eo parecia absorvido n'aquelle atormentador inlevo! A expressão dos seus olhos não a soube dizer elle mesmo! Fôra-lhe aquella uma infernal hora de cujas sensações ens a alma, desmemoriada de tamanho horror, não deixou lembrança.

A carruagem parou á porta de Alvaro. Maria da Gloria e as suas creadas, chamadas pelo desvaciado môço, desceram ao pateo, e ajudaram a tirar Leonor, e leval-a a um leito.

— Creio que vem morta ... — disse Alvaro, e sahiu para logo voltar com dois medicos. Do exame rapido que estes fizeram, concluiram p.r esperanças de vida; mas vida de continuados padecimentos, disseram elles.

— A vida da alma, dizia Alvaro com assombro dos medicos, deem-lhe a vida da alma, que eu [pag. 241] quero que ella me veja, e me julgue antes de morrer! [pag. 241 — fl. 16] Um corpo varado de dores, não importa; mas um espirito com a luz da rasão!

E, fallando assim, erguia as mãos supplicantes aos medicos. Destes ~~Doutores~~ disia um ao outro com o frio desdem da sciencia:

— Espirito sem luz de rasão creio eu que é o d'elle. ~~elle ja [illegible] tem~~.

E o outro, barboando sinistramente a cabeça, disia ~~[illegible]~~ ao ouvido do collega Leonor ~~elle~~ perdêra em sangue o que Alvaro ~~elle~~ perdêra em siso.

Maria da Gloria, a martyr sem treguas, andava repartida entre Deus, e o filho, e Leonor. Invocava o Altissimo pedindo-lhe a vida da sobrinha, q̃ chamava, e beyava ~~Leonor~~, cuidando que o halito dos seus labios lhe coavam vida; abraçava-se ao filho alvorocado ~~agitado~~, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento ~~[illegible]~~ da prima.

Leonor ~~[illegible]~~ descerrou os olhos quebrantados, mas serenos. Reconheceu a tia e comprimiu-lhe ~~[illegible]~~ a mão, que sentiu na sua; fitou-os com docura ~~[illegible]~~ Alvaro, e balbuciou:

Salvam-me as tuas lagrimas, meu amigo!.. ~~As tuas lagrimas salvam-me~~. Pobre Alvaro!.. O que tu tens penado!..

Não se enganaram os medicos. A vida voltou lentamente a Leonor, mas jamais a saude. Afroixaram-lhe ~~[illegible]~~ os musculos motores de todas as articulaçoens; generalisou-se a enerdação, a atrophia, e a frial-

dade, excepto na cabeça, de que se ella queixava como de fogo que lhe estivesse calcinando as fontes. A isto succediram spasmos, se não antes intermittentes de paralysia em parte dos vasos sanguineos, que formam o coração. O anceiar destas horas era angustiosissimo, ~~[illegible]~~.

Maria da Gloria e Alvaro revezavam-se ao pe do seu leito. Um e outro, conversando, chamavam-lhe o espirito ás ridentes imagens d'uma esperançosa viagem que os trez fariam aos locaes mais pittorescos de Italia. Leonor agradecia-lhes, com sinceras lagrimas de remorso, o amor com que velavam os seus longos paroxismos, e dizia que a viagem a fazer era certa, e de incantadoras visoens para sua virtuosa tia e primo; mas não para ella.

E' bem de ver que então a mãe de Alvaro se desentranhava em incarecimentos á misericordia divina, convidando a sobrinha a resar com ella as oraçoens que Soror Joanna das Cinco chagas lhe ensinara. E Leonor resava, e com ardente fé, e mto pranto, em cujo espectaculo o cora-

ção de Maria da Gloria se embriagava de sanctas delicias.

Alvaro simulava jovial semblante a sua prima. Fechado, porém, no seu quarto desafogava chorando, ou escrevendo paginas de muitissima tristeza, mixto de saudade e desespero, saudade da Leonor da sua mocidade, e desespero de não poder tornal-a á bellesa de alma e de feições perdidas para sempre. Cegueira da sua paixão! Alma, com as bellesas da innocencia, quando a teve a fatidica Leonor? Ai! a bellesa das formas essa é que não ha olhos inchutos que a vejam fenecer d'hora a hora; que influe ás animo um pungimento de saud.e tão vivo, que eu não sei se ha dor a egualar-se áquella saudade da perdida formosura da mulher, que amamos, perdida tambem para nós, no instante em que mais fervorosa adoração lhe dávamos...!

O primeiro dia, em que Leonor sahiu do leito, foi festejado não com bailes nem banquetes, mas com liberalidades de

esmolas, levadas por Alvaro, de ordem de sua mãe, a muitas familias indigentes, que a denominavão anjo da beneficencia, e gloria do ceo. A todos os conventos de religiosas pobres, ou empobrecidas pela mudança de regimen, enviava Maria mensalmente uma delicada dadiva, e Alvaro tinha de sua mão soccorrer alguns eggressos, que corriam de noute as ruas de Lisboa, estendendo a mão á caridade indifferente d'aquelles primeiros annos rancorosos do velho odio civil.

Com o lento crescer de forças, accedeu Leonor ao empenho de Alvaro e sua tia: sahiram de Lisboa no estio, correram as provincias do norte, e visitaram Bairão, onde Cecilia, sempre saudosa da sua cella, se deixou ficar esperando a morte bemaventurada dos que a esperam ao pé do altar. Nas visinhanças de Espanha, Maria da Gloria, desde mto valetudinaria, e então mto quebrantada, cauzou receios a seu filho, e retrocedeu para Lisboa. Aqui, melhorou de aspecto, e transferiu a sua residencia para a quinta do Valle de Santarem.

Leonor escassamte se vigorisara para um curto passeio. Tinha semanas de soffrer e chorar, pedindo a Deus que lhe tirasse

a vida. Alvaro era o consolador destes desconfortos, umas vezes rodeando-a de improficuas junctas de medicos, outras abalando-lhe o espirito com alegres esperanças. Perguntava-lhe se a convivencia com as suas relaçoens lhe seria agradavel; experimentou, a pesar della, chamando alguns parentes e amigos ao campo, e preenchendo as horas tristes, que lá se vivem, com o que podia inventar o seu espirito attento a minorar as amarguras da inconsolavel doente: ~~tudo~~ inutil tudo. Leonor rogou a seu primo que a não obrigasse a esconder os seus soffrimentos de pessoas estranhas; que a deixasse gosar os instantes de alivio na compª d'elle e de sua mãe.

— Se tu não podes dar-me vida, Alvaro — dizia ella — que vem aqui fazer esta gente, aquem o espectaculo da dor infada?! Cuidas tu que os move a piedade deste meu estado? Acaba de ser a candida alma, que tens sido, meu primo! Estas familias, que vieram a um teu acêno, souberam que eu vivia miseravel nos Olivaes, e incarregavam-se de exaltar a providencia divina, dizendo que eu estava expiando; e, como o valerem-me seria contrariar a vontade de Deus, abandonaram-me...

Se me eu tivesse exvahido de sangue n'aquella casinha, onde o nosso fatal anjo te encaminhou, estes parentes, obrigados a fallarem de mim a alg.m lhes perguntasse a rasão do seu lucto, diriam que o meu fim desastrado tinha sido o natural remate das m.as loucuras. Por que não estudaste o mundo, Alvaro? Quando te eu rallava o coração de desgostos, se tu cedesses á curiosid.e interesseira do mundo que te chamava, serias a esta hora feliz!..

— Feliz!.. — atalhou Alvaro, contemplando Leonor, e cuidando vêl-a formosa, como a tinha amado, quando amava e esperava.

— Feliz, sim; terias odiado, e esquecido a tua pobre Leonor... Se a visses infamada, e perdida nos mais baixos sedimentos da socied.e, passarias por ella, sem que o pejo te dissesse que era nobre estender-me a tua mão.. A socied.e não ousaria dizer-te: "valha áquella mulher!„ por que a socied.e, se censurasse a tua indifferença, lá fora, ao pisar os tapetes das tuas escadas, lubricia estudando phrases de louvor á tua probidade.. E tu, meu Alvaro, louvado e querido em particular e em publico, andarias feliz e convencido da tua honra. Muita gente diria de ti:

"E' tão nobre que nem falla d'ella, nem dá margem a que lhe fallem. Os seus amigos, com medo de lhe ferirem o nobre coração, não se attrevem a pedir-lhe que dê as migalhas da sua toalha a Leonor." E não eras tu assim tão venturoso, Alvaro?! De que te ha servido a tua riqueza? Poderás dizer-me que tens remediado a pobreza de mta gente, principiando por mim e acabando por essas famas indigentes, cujas bençãos te enchem a alma de thesoiros do ceo. Pois sim; mas que contentamto é esse da alma, que te não transparece no rosto?! Por que te vejo eu sempre triste?! Por que não hade a virtude ostentar as exteriorides de jubilo, que eu mtas vezes senti, sendo tão culpada e contando tantas horas cortadas de desgostos?

Alvaro reprimiu a resposta que, repellida dos labios, fallou em lagrimas. Leonor tomou-lhe as mãos com estremecimto carinhoso, e disse-lhe:

— Por que é, meu querido primo? Por que te não da Deus a felicide que mereces?..

— Dá, minha Leonor... — balbuciou o intumecido moço — Dá... é a tua amisade... são as melhores lagrimas do teu coração... Que lhe tenho eu pedido? N'aquelle tempo em que eu olhava para esta epoca, e te via continuando a estação de felicid.e que minha sancta mãe me trouxera do seu carcere... n'aquelle tempo, Leonor, gosei horas de alegria celestial... Eu, sem ti, não sabia recordal-as, e nem o bem da saudade me era dado. Agora, quer Deus que a minha alma se alumie á luz dos meus dias alegres... pallida luz, como a da lampada do sacrario ao amanhecer... mas, aqui estou vendo os olhos, que me viram feliz... E tu, Leonor, o teu espirito vive e falla... O melhor de ti era o sentim.to que hontem accordou... A amisade sem os dissabores da paixão... N'aquelle tempo...

— Oh! por piedade, calla-te, Alvaro!... — atalhou Leonor, afogada de soluços... Não me castigues, tu, meu anjo de desgraça e de compaixão...

XI

... Ia dava no rosto a friagem da noite da eternidade; só faltava regellar de todo ... e caír.

A. F. de Castilho (Fr. F. de Monte-Alverne)

Leonor, ao cabo de dois annos de padecer, difficultosamente saía do leito. A' extrema fraqueza e tremor espasmodico das pernas seguiu-se a paralysia, e a inteira inactividade. Se a tiravam do leito, transferiam-na a uma poltrona de rodas, que Alvaro com sua mão conduzia á uma baranda envidraçada, donde Leonor passava horas embevecida nas bellezas do ceo, e do valle de Santarem. Duas maravilhas então occorreram: nunca mais Leonor se lastimou da sua desgraça; e se acontecia Maria ou Alvaro olharem-na com piedade, sorria ella, e dizia:

— O espirito é feliz; e as dores abrandaram muito, desde que metade do corpo morreu. Vejo-me meia morta, e não

IX

me atterro.

A outra maravilha foi o remoçar-se-lhe o rosto, até á formosura que ella naturalmente conservaria, com vida quieta e bonançosa, nos seus vinte e nove annos.

A nutrição incheu-lhe os sulcos das faces; a pelle amaciou-se e restaurou a antiga alvura; volveram as côres purpurinas, e contornou-se o oval do rosto. Eufemia esmerava-se em toucal-a, em quanto ella, sorrindo, dizia:

"Queres por força que a morte se namore de mim!

Alvaro depunha mtas vezes o livro, com que sua prima se recreava, e extasiava-se nos olhos d'ella; mas que amargura elle escondia n'aquelles extasis!

— Vejo os teus dezoito annos, Leonor! disse-lhe elle um dia.

— Valho hoje mais, Alvaro! Perdi meio corpo, e ganhei o coração! — respondeu ella — A primeira paralysia era a peor...

Maria da Gloria chamou uma vez o filho ao seu quarto, e disse-lhe:

— Vais ouvir-me, sem sobresalto, meu Alvaro. Eu tenho até hoje escondido de ti o unico segredo, que devia esconder, a insensivel approximação do meu fim.

— Que é, minha mãe?! — exclamou o filho, correndo a abraçal-a.

— Não é isso o que eu te pedi, Alvaro!... Escuta-me com socêgo: só até ao meu ultimo dia o homem forte. Pedi aos meus medicos que nunca te revelassem a minha molestia, depois que lhe arranquei a confissão de que ella é incuravel. Eu morro do coração. Os rebates desta dolorosa doença senti-os no meu primeiro anno de convento. A minha vida tem sido um milagre. Louva Deus, É intercessão das almas que me procuraram, que eu cheguei até aos teus vinte e seis annos, filho. E choras como aos dez, Alvaro! E tiras-me assim as forças de que eu tanto careccia para te dizer o fim por que te chamei!...

— Deixa, minha Mãe... — atalhou Alvaro com simulada quietação.

— Pois, sim; socega, e escuta-me, filho ... Em farás tu, depois da mª morte? Em que destino tens tu pensado? Assistirás á agonia de Leonor, ou acabarás por pedir ao mundo um punhado de contentamento qualquer que te compense da triste vida que tens vivido!? Acharás um dia uma esposa com o coração de tua mãe, ou ficarás esperando a tua hora final, depois que ~~tenha~~ morta a tua prima? E a ti quem te amortalhará, meu pobre Alvaro!? —

— Deixe-me amortalhar-me, minha mãe — respondeu elle tranquillamente após alguns instantes de concentração — Agora, rogo-lhe, que me não faça mais perguntas.

No dia seguinte, pedia licença a sua mãe, e foi Alvaro a Lisboa. Apresentou-se ao cardeal-patriarcha, e demorou-se alguns horas em pratica secreta. Commetteu importantes encargos ao advogado de sua casa,

e voltou ao ~~Santarem~~ Valle. No caminho incontrara o medico de sua mãe, e, como quem ouvira ~~d'ella~~ da inferma o terrivel segredo, obteve do medico a confirmação d'uma breve morte. Era a doença um scisso no coração, ~~no~~ já em seu ~~ultimo~~ periodo final.

Alvaro incontrou sua mãe animada, fora do leito, ouvindo Leonor, que lia os manuscriptos de seu primo, na maior parte traducçoens, feitas no collegio. A que ella estava lendo, era a do „~~Lagrimas~~ Cura de Wakefield" de Goldsmith. Reviam lagrimas ~~doces~~ suaves os olhos de ambas, ~~que~~ Leonor lia o XXIX capitulo, que eu ~~[illegible]~~ inculco mto d'alma todos os desgraçados, e que vem assim intitulado. Demonstração da equidade da Providencia pr com felizes e infelizes. Resulta da propria ~~natureza~~ do prazer e da dor, que os desgraçados devem encontrar na vida futura compensação dos seus ~~[illegible]~~ soffrimtos. ~~[illegible]~~

~~[illegible]~~

Alvaro não consentiu que Leonor fechasse o manuscripto, e sentou-se a ouvil-a, até estas linhas que a leitora já têra a custo, de turvada que tinha a vista pelas lagrimas: "A morte nada é, e todo homem pode mostrar-lhe o rosto sereno; mas os tormentos é que são provações horriveis, que poucos sabem supportar."

— Não leias mais, filha... — disse Maria da Gloria — Conta-nos o que fizeste em Lisboa, Alvaro. Devia de parecer-te nova acidade! Ha tres annos que lá não tinhas ido!.. Com quem fallaste, filho?

— Com poucas pessoas, minha mãe. Passados dias, tenho de me lá demorar algum pouco tempo para negocios nossos.

— Algum tempo! — disse Leonor — e com que placidez de espirito dizes isso, primo! Pois tu deixas-nos por algum tempo!?. E podes, Alvaro?

— São sacrificios necessarios, minha prima. Eu heide aligeirar a mãe demora o mais que possa...

— Souberte, atalhou Maria, se tem sido cumpridas as nossas determinações?

— As mezadas?.. tem sido pontualmente pagas, minha mãe... Parece-me que a vejo reaminada!..

—Estou, filho... Por que te admiras?! No final das jornadas parece que o vigor do caminhante se recobra para maior caminho. A esperança é tudo, meu Alvaro, e a morte é nada... não o ouviste ainda agora?

Nos tres dias consecutivos, Maria padeceu, intº e perguntou placidamente ao seu medico se seria chegado o termo... Não era... As dores abrandaram; e o descanso de alguns dias faria revivir esperanças a quem as tivesse vivas e anciosas no espirito.

Leonor, desde que sua tia acamou, pediu que lhe não dessem outro local, senão o quarto d'ella. Alvaro entregou-lhe á sua vigilancia a mãe, e foi para Lisboa.

No termo de quatro dias, foi chamado por uma carta de Leonor, attribulada pelo receio de ver morrer sua tia, posto disse a inferma que não morreria sem ver seu filho, com umas de certeza e contentamento que parecia instincto do ceu. Em carta, escripta de seu proprio punho ao filho, dizia ella: "Não te apresses nem alvoroces, filho, que eu não morro sem te dar o ultimo suspiro."

A tempo foram as cartas de estar cumprida a diligenciara

que o levára a Lisboa. Sem respiro, transpôz Alvaro as doze leguas que o separavam de sua moribunda mãe. Deixam as creadas, e Leonor com ellas, que Maria da Gloria, sem delirio nem fraqueza de espirito, horas antes da chegada do filho, estava sempre dizendo, com sombra de jubilo, estas e outras exclamações:

— Como elle vem triste; mas que linda é a sua aureola de justo! O Senhor condoeu-se da mãe innocente, e deu-lhe aquelle filho. Bemdito seja o Senhor no improfundavel mysterio dos seus juizos.

Foi Alvaro offegante ao quarto de sua mãe, e tinha a cabeça misturada ao peito de D. Eufemia, e os olhos postos no crucifixo. Maria, ao ver o filho, nem se quer se alterou no rosto, a não ser o sorriso instantaneo, que se abriu, na curtosa articulação destas palavras:

— Não te disse eu q não era preciza, filho? Estou agora socegada; e, se assim morrer, suave é a morte. Tinham-me dito que quem morresse deste mal era horrivel de agonias! Deus for o que os medicos não sabem ... Estás fatigado, Alvaro? Vai descan-

sar... Almoçaste, filho?.. Vai tractar d'Ele, Enferma &... A nossa Leonor, coitadinha, não pode ir... A tua irmã querida... Deixo-t'a como filho.

— Eu vou comtigo, Alvaro? — disse com mta doçura Leonor — Ajudas-me? levas comtigo este ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~este~~ meu esquife?.. ~~[illegible]~~?

— A mãe quer estar sosinha? — disse Alvaro.

— Quero, filho: está ahi o ~~[illegible]~~ meu confessor...

Sahiram da camara, e acharam fora o confessor e o medico. O segundo pediu venia ao ~~relig~~ medico da alma para ver a inferma. Demorou-se instantes, e disse ao padre:

— Agora é toda sua a missão. Eu não vinha em cata de esperanças; vinha ~~[illegible]~~ espantar-me da serenid.e da moribunda.

Depois de confessada, ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ preparou-se o quarto para a recepção do sagrado Viatico.

Alvaro, quando soube que sua mãe ia ser ungida, entrou no quarto, beijou-lhe a mão com torrentes de lagrimas, e pediu-lhe licença para vir da egreja acompanhando o Senhor. Maria fez um gesto de gostoso assentimento. ~~[illegible]~~

Soava ja ~~[illegible]~~ toque lugubre da campainha, e o bemdito do povo, que acom-

panhava a extrema-uncção. Os servos da casa ajoelharam na ante-camara da agonisante. Leonor ~~[illegible]~~ estava ja aos pes do leito, n'um recanto escuro, com as mãos erguidas.

Introu o ~~[illegible]~~ Ostiario, e ao lado d'elle um outro sacerdote com as ambulas dos sanctos-oleos.

Ouviu-se um ai agudo, e o nome de Alvaro proferido com espanto. Leonor reconhecera-o. Maria descerrou as ~~olhos~~ pálpebras, e ~~[illegible]~~ balbuciou:

— Não está aqui meu filho!?

E o levita ~~padre~~, que intrára a par do Vigario, aproximou-se da cabeceira do leito, e disse:

— Aqui estou, minha mãe.

Maria da Gloria estremeceu; estendeu os braços ao vulto que fallára na voz de seu filho, abriu a bocca para deixar sahir a respiração convulsa, correu as mãos na face de Alvaro, que se aproximara da sua, e pôde exclamar:

— Tu!.. Alvaro!.. tu!. ministro de Jesus!..

— Ja vê que fico amortalhado, minha sancta mãe ... — disse o padre Alvaro —

Maria poz as mãos, cerrou os olhos, e murmurou:

— Infinitas graças, meu divino Senhor! Bemdito seja o vosso nome, Virgem mãe de Jesus! Joanna das Cinco chagas, sancta, filha ~~fiz~~ escolhida do meu Deus! ~~[illegible]~~ pede um raio da tua gloria para a alma da tua serva!

Ajoelharam todos. Maria cummungou, e foi ungida. Terminada a ceremonia, e ~~despej~~ desempedido o quarto, a moribunda acenou ao filho, que continuava de joelhos. Alvaro foi, e curvou-se sobre o leito, applicando-lhe o ouvido aos labios. Os labios de Maria ja não tinham palavras; se estavam ainda ~~cal~~ quentes, era + o calor do ultimo suspiro. Tomou-o Alvaro ~~[illegible]~~ no coração ~~[illegible]~~ quando a boca se entreabria proferindo a palavra „mãe!".

Fez-se o terror do silencio ali n'aquelle quarto. Ninguem se desafogou em gritos, por que era + de todos a dor, que os afoga na garganta. ~~[illegible]~~

as

Conclusão ou 1º ed. pag 255

1ª edição pag 256.

Que ante-gosto da bemaventurança não provou Maria, abraçando aquella mortalha de seu filho! Que suave doer, e dulcissimo anhelar a Deus não será o d'aquelle levita na correntesa dos annos, de penitencia voluntaria, e de evangelica abnegação? Não duvidemos: abáste-nos o orgulho da nossa miseria, e não façamos do nosso scepticismo um cadafalso injurioso á dor e á fé. Se em volta de nós não vemos senão imagens nossas, e almas afferidas no padrão vulgar; se a nossa idea do prazer a acceitamos do vulgo, e remodelada nas suas apreciaçoens; será justo que não desdenhemos a felicidade que nos fica incomprehensivel áquem da balisa onde o curto alcance do espirito viciado nos leva.

Se Alvaro foi feliz!! Perguntemos a Deus se os seus martyres correm neste mundo o stadio de suas dores, sem que a luz ineffavel de seus olhos os não guie ao horisonte da bem-aventurança, assignalado pela cruz! E o caminhar sem desvio nem tropeços á patria infinita que nome tem, se não é a felicidade suprema?

Oito dias depois do trespasse de Maria da Gloria, padre Alvaro fallou a sua prima, n'um tom de voz e magestade

1 [illegible]

[illegible]

Santo [illegible]

[illegible]

de fortuna, que denotava a mudança do homem, ou o esforço d'elle sobre o coração do homem amortalhado.

— Leanor, disse elle, bem me vês: vesti-me assim para a minha me ver e convencer de que tudo se acabou para mim, menos a vida da alma e as voluntarias mortificações do meu sacrificio. Este caminho é o das alegrias da virtude, por elle irei 257. indo ao lado da sombra de minha mãe, até me identificar com a luz da sua gloria. Se errar o passo difficultoso, a santa pedirá por mim ao pai comparsão dos que se levantam da queda, chorando. Aqui tens o amigo da tua infancia, minha prima: os teus infortunios ganharam pela sempre a dedicação, que a tua paciencia mereceu, e me ensinou a praticar. Deus perdoar-me-ia se te eu agora contasse a longa historia, ~~os longos~~ os longos trabalhos que me custou o morrer do coração. Tu é que me não desculparias a inutil crueza de te dar um espectaculo de angustias, que eu de muito proprio procurava por esconder. La vai tudo. Agora, perdão e perdão. Nem lagrimas me dês ás cinzas da paixão desgraçada. Escuta,

BNP

Leonor, ter tens nos Olivaes uma casa em ruinas. Venho-te pedir que m'a cedas para os dias todos da minha vida.

— A casa é tua, Alvaro; é teu tudo quanto o mundo chamava meu...

— Não sei se eram minhas as ruinas dos Olivaes, Leonor; sei que sinto ~~af~~ prazer em pedir-t'as.

— E poderemos ali viver, Alvaro? — atalhou Leonor.

— Eu viverei.

— Tu! e eu não, meu primo?!

— Não, Leonor — respondeu o padre com um ar de firmeza, que não animava a ser contrariado — ~~Tens a escolher a~~ Ficas aqui, com as creadas de minha mão, senhora destes nadas que pouco importam á tua triste existencia; mas o teu logar é este ~~onde ha dias~~ onde recende ainda o perfume da mulher virtuosa, que nos levou a Deus a conta das nossas lagrimas.

— E queres que eu aqui fique, Alvaro? não poderei pedir-te que me deixes escolher outra rendencia? Respeitarás, ou terás pied.

do coração que t'a pede, do coração que não morreu ainda?

— Escolhe, Leonor; quererás voltar a Lisboa! queres antes ~~rend~~ viver na casa que la temos?

— Não, meu primo. Dá-me uma cella n'um convento, e uma creada, que me sirva.

— E a chorar me pedes um convento, Leonor?

— Quem ~~dei~~xaria de chorar a esta hora, Alvaro!..

— Eu, bem vês.

— Tu, sim, primo... Só podiam ser do coração as tuas lagrimas!..

— Não são, não devem ser... — Alvaro concentrou-se, levantou ao ceo os olhos, e prosseguiu:

— Irás para um convento, deixando-me sem condiçoens a licença de ~~[illegible]~~ regular a tua casa. As creadas de m.ª mãe irão comtigo, ~~excepto~~ menos Eufemia, que me embalou o berço, e me hade fechar o caixão. Amanhan ~~partir~~ iremos para Lisboa. Se, durante a noite a reflexão alterar o teu proposito, diz-m'o-has, Leonor.

No proximo dia, sahiu Leonor com as suas criadas para Lisboa.

O padre Alvaro anticipou-se algumas horas, e foi em direitura ao convento de Sancta Joanna, e d'ali ao conseguimento das licenças ecclesiasticas para a reclusão de sua prima.

Nesse mesmo dia, introu Leonor de Brito no mosteiro de Franciscanas, e de poz ella uma sumptuosa mobilia.

O padre abraçou-a no portico do convento, e disse-lhe:

— A paciencia faz os anjos: pedirás a Deus por mim, quando te sentires alumiada da graça que fortalece e sanctifica.

Leonor soluçava em gemidos, que lhe tomavam a voz. Alvaro pôz-lhe a mão de leve no rosto, e murmurou:

— Não sejam as ultimas que chores por saudade de nossa mãe... Nossa, decerto, minha irmã!.. Junctos seremos em cada prece que ella fizer a Deus.

Alvaro cortejou a prioreza e outras religiosas que assistiam á entrada de Leonor, e sahiu.

No mesmo dia, foi o padre para as ruinas dos Olivaes, onde

Eufemia a estava esperando. Em quanto fazia habitavel uma parte do edificio aluido, viveu na cazinha, onde incontrou Leonor esvahida de sangue. Reconstruida uma pequena porção do palacio, transferiu-se para la, e decorou-a com parte dos moveis, que conhecia desde a sua infancia em casa de Sebam de Brito. Entre estes objectos, de sua casa levára apenas o leito em que morrera sua mãe, e o retrato de João de Mattos.

Os bens de fortuna de padre Alvaro Teixeira eram ainda grandes. Adjudicou a maior parte d'elles ao tractamento de Leonor, e a pensoens de algumas religiosas necessitadas do convento d'ella. Para si tomou uma pequena parte dos rendimentos de um capital, que doára a Eufemia. Dizia elle mtas vezes á velha creada „que estava vivendo da beneficencia d'ella„

Este viver assim durou desde 1839 ate 1859. Vinte annos!

Neste longo termo, quando alguem acertava de perguntar por aquelle esquisito Alvaro Teixeira, os melhor

informados diziam em tom de plangente hypocrisia que o pobre moço indoudecera. Lembrem-se do que a tal respeito o sacerdote me disse. Como ninguem soubesse atinar com a rasão d'aquella virtude, os mais cordatos chamavam-lhe mysantropia, e os poetas achavam-no digno de ser cantado; mas ninguem cantou o heroe obscuro: a piedade era assumpto minguado para o estro ambicioso dos romanticos d'aquella epoca. Esqueceu, pr tanto, ~~o capitalista~~ Alvaro Teixeira amortalhado no seu habito.

E' de crer que lêsse muito, por que a sua instrucção era admiravel, e que soffresse mto por que os seus quarenta e cinco annos eram a decrepidez.

Visitava Leonor ás temporadas, e a secular de Sancta Joanna vinha á grade, transportada na sua poltrona de rodas, e chorava a cada traço novo de extemporanea velhice, que divisava no rosto de Alvaro.

Algumas vezes supplicou-lhe que a deixasse ir estar com

elle, alguns tempos, nas suas ruinas: Alvaro respondia que o seu pacto com ella era encontrarem-se na presença de Deus.

Tinha o padre um amigo em Lisboa: era o seu mestre de inglez, aquelle homem que assistiu comigo ao sublime espectaculo da morte do justo. Acrescentado ~~Engrandecido~~ pelas liberalidades do sacerdote, o professor abandonára o officio, e chegara a merecer por suas virtudes uma distincta posição entre os homens uteis deste paiz. Se elle tivesse passado, ~~e se~~ a ~~gloria~~ da virtude não fosse a modestia, eu escreveria aqui o nome do amigo digno de Alvaro Teixeira.

Não sei que mais lhes possa dizer da vida d'aquelle padre dos Olivaes. Recordem os primeiros capitulos, e suave lhes será relembrar os sanctos dictames ~~da bocca angelica~~ daquella sua bocca angelica das ~~lagrimas~~ lagrimas que lhe sulcavam o rosto veneravel.

Ja sabem por que elle se esquecia contemplando a janella fronteira das suas ruinas. N'aquella janella ouvira elle, em noite de baile, vinte e nove annos antes, as palavras de Leonor

com que o seu amor inflorara á garganta do abysmo onde cahira entre os braços da piedade e da honra. Tambem se lembram da rapida sahida, que elle fez para Lisboa, ao annunciarem-lhe a agonia de Leonor.

Eu fui ao convento de Sancta Joanna, e perguntei a historia dos ultimos instantes da intrevada. Disseram-me, desfeitas em pranto as religiosas, que a morte de Leonor fôra o remate de um colloquio com o espirito de Maria da Gloria. E, como eu me detivesse em amiudar os promenores deste vago dizer, tiveram as senhoras a bondade de me contar que o rosto de Leonor, nos seus ultimos mezes, brilhava d'um resplendor, que não era natural; e, ao sahir d'aquelles extasis, dizia ás suas amigas que estivera vendo no ceu a imagem de sua tia. N'um destes extasis é que Leonor expediu o espirito, dizendo estas palavras: "Abre-nos o teu seio, sancta! leva para ti os teus dois filhos, e não me lances de ti, que as m^as lagrimas purificaram-me"

Eu quiz, não por duvidar, mas por escrupulo, combinar

dois factos inconciliaveis

— Se Leonor morreu de repente como foi avisado o padre Alvaro de que ella estava em agonia da morte?

— Não se lhe deu tal aviso — respondeu a prioresa — Leonor, na vespera do seu trespasse, tinha dito que, se o seu preciso não viesse vêl-a ate ás quatro horas do dia seguinte, só na pregnça de Deus a veria. Ora, nós tanta confiança tinhamos nas previsões da virtuosa senhora, que nos apressamos a chamal-o.

— Deu-se, por tanto, um milagre! — atalhei eu.

— Milagre foi, louvado seja por isso o Senhor, que escolheu a sua serva para nos edificar — respondeu a prelada — O padre Alvaro chegou minutos depois da hora que ella dissera.

— Serei importuno fazendo uma pergunta mais?

— Queira dizer.

— Leonor tinha reminiscencias dolorosas, ou mesmo saudosas d'um passado, anterior a trinta annos?

— Não sabemos — respondeu promptamente a prioresa — o que sei —

dennos direi-lhe é que Leonor, logo que introu n'esta casa, quiz que as suas criadas lhe chamassem Magdalena.

Pensei na palavra, e pus ponto na minha curiosidade.

Ia fora da portaria do convento, meditei no que teriam sido vinte annos de horrivel immobilidade, de paralysia, com o coração vivo, e o fogo da indole e do instincto inextinguivel n'elle. Não me intendia com o mysterio de semelhante conversão.

Alheado nestes pensamentos ingratos e inconcludentes, ouvi uns sons de orgãos, cuja toada vinha do templo do mosteiro. Retrocedi, intrei na egreja, ajoelhei, orei, e tudo comprehendi, vendo no retabulo de uma dos altares. Era o painel significativo da contricção de S. Pedro; e, á orla inferior, li estas palavras: Flevit amàre: Chorou amargamente.

Os infelizes choram, que á ultima lagrima de

penitencia segue-se a primeira da sanctificação.

E.G.
1900.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA